

Revista da Semana

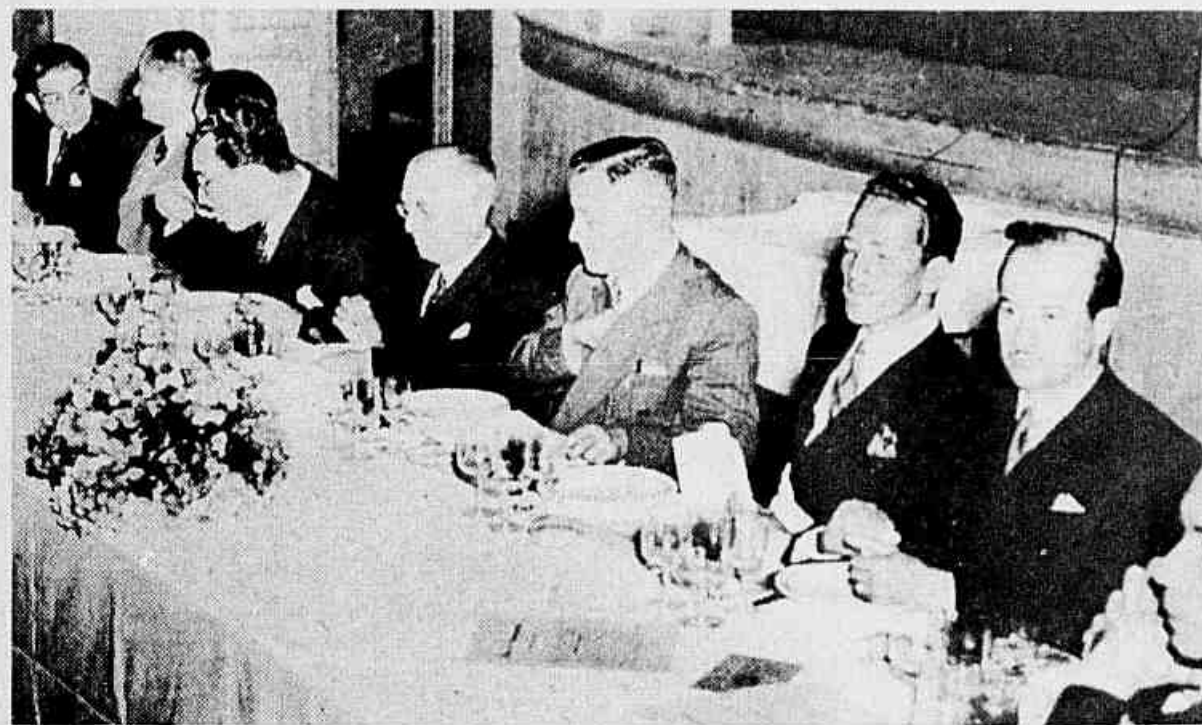
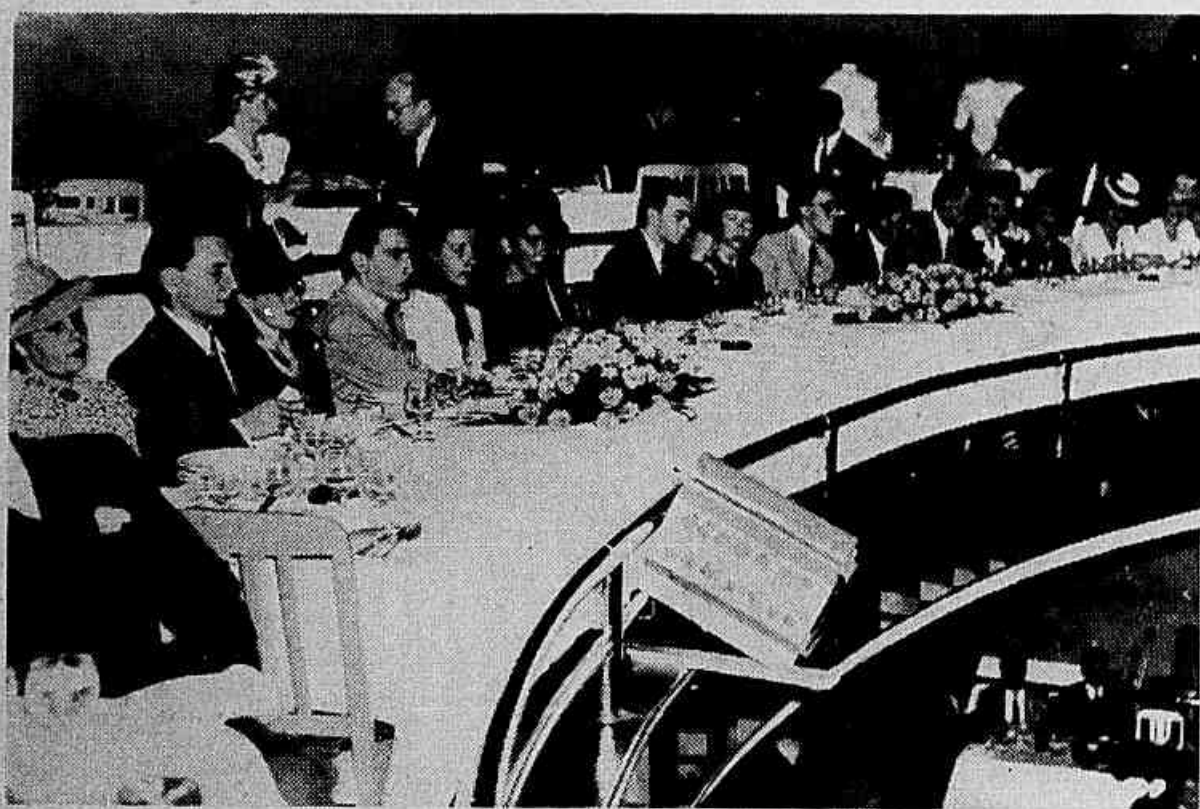


Bandeirante do Brasil, alerta!

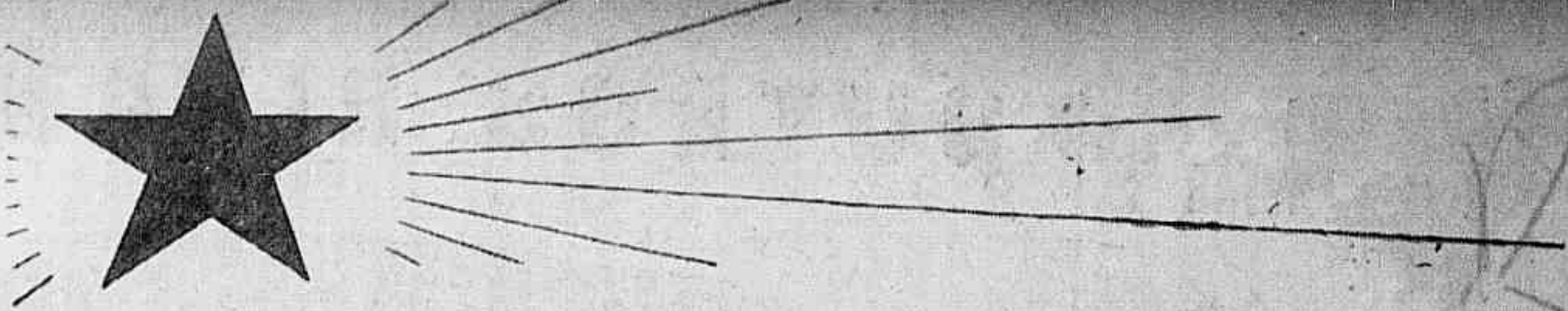


O DIA DA PROPAGANDA

Foram brilhantes as comemorações do Dia Panamericano de Propaganda, a 4 do corrente, sobretudo no Distrito Federal e em São Paulo, conforme se comprova com a documentação gráfica desta página. Em cima, o almoço de gala no Palace Hotel, presentes os senhores Major Coelho dos Reis, diretor geral do DIP; Herbert Moses, presidente da ABI; Alvarus de Oliveira, diretor da ABP, e elementos destacados de todos os setores publicitários na Capital Federal. A' direita, interessantes exemplares de vitrinas organizadas em lojas do Rio a propósito da comemoração, entre as quais se destacam as da "Cia. Souza Cruz" e as do "Sal de Frutas Eno". Em baixo, flagrantes do jantar que se realizou na noite do dia 4 em um dos casinos desta Capital. A seguir três flagrantes do banquete promovido na capital bandeirante pela Associação Paulista de Propaganda, ao qual compareceram os senhores Candido Mota Filho, diretor do DEIP; João Alfredo de Souza Ramos, novo presidente da APP, bem como figuras de realce nos meios publicitários do Estado bandeirante.



A Estrela e os Magos



As estrelas são mensagens de luz da Eternidade. E as Vias Láteas, que hão de ser senão encíclicas do Supremo Pontífice do Universo?... Piscando e luzindo, elas acenam para nós, através das imensuráveis distâncias astronômicas. Para entendê-las é preciso amar, como disse Bilac, mas não se há de entender por esse amor, sempre, um afeto profano... Também se há de amar a Deus através dos seus lampadários celestiais. Disse-o Bocage, o maior sonetista da nossa língua:

“OS MILHÕES DE AUREOS LUSTRES CORUSCANTES
QUE ESTÃO D’AZUL ABOBADA PENDENDO,
O SOL E A QUE ILUMINA O TRONO HORRENDO
DESSA, QUE ANIMA OS ÁVIDOS AMANTES,
.....
O VIL MOSQUITO, A PROVIDA FORMIGA,
A RAMA CHOCALHEIRA, O TRONCO MUDO,
TUDO QUE HÁ DEUS A CONFESSAR ME OBRIGA”

Por
Berilo Neves

A estrela dos Reis Magos apontou ao mundo um novo caminho. Por que Deus mandou uma estrela aos Magos, quando eram os Anjos os mensageiros habituais dos seus decretos? Explica-o argutamente o padre Vieira, prosador insigne e exegeta de gênio: “Os Magos eram astrólogos, a língua por onde os astrólogos entendem o que diz o céu, são as estrelas, e tal era esta mesma estrela, á qual chama Santo Agostinho — *lingua coeli*: língua do céu. Pois vá uma estrela aos Magos para que ela lhes fale na língua que eles entendem”.

E, agora, Senhor, onde andam as vossas estrelas? Cobrem a face, de pena, apagam-se, de máguil Bem sabeis, Senhor, que nesta desgraçada hora do Mundo, toda luz entre as nuvens orienta os “bombardeiros” pesados, alerta os “caças” vigilantes...

O país dos astros deixou de ser o paraíso dos astrônomos, o encanto dos namorados, a pátria natural dos poetas — para se tornar comparsa mudo das maiores tragédias da Terra. O *black-out* é o apagar das luzes da Civilização. Depois do baile, velam-se os candelabros da sala e, onde era movimento e vida, tudo é silêncio e treva... Acabaram-se os volteios risonhos das valsas, a marcha figurada dos dansarinos... A Morte passeia, solitária, por entre as ruínas de um sistema universal...

Os aviões lançam foguetes luminosos para esclarecer os objetivos visados. Que são os *objetivos visados*? As fábricas, que alimentam milhares de operários, os depósitos de óleos, que fazem andar a Indústria, os portos de onde saíam, outrora, as cidades flutuantes, levando, em seu bojo riquezas imensas e toda uma multidão em festa e riso... Os *objetivos visados* são homens que teem filhos, que jamais lhes esquecerão as carícias, pobres mulheres viúvas, que já esqueceram a arte de chorar, crianças que ainda não entendem a ordem do mundo e a necessidade de morrer...

Como, por entre o fragor destas bombas e silvar destas granadas, ouviremos o cântico dos pastores no presépio de Belém? Como, entre tantas luzes da Morte, distinguiremos o doce cintilar da estrela dos Magos?

“Os Magos entendiam a língua da estrela — diz Vieira — e o que ela lhes dizia, mas por que a entenderam? Porque, como astrólogos que eram, pelos livros dos Caldeus sabiam que aquela estrela era nova e nunca vista, e, como discípulos que também eram de Balão, sabiam pelos livros da Escritura, que uma estrela nova que havia de aparecer, era sinal da vinda e nascimento do Messias, descendente de Jacob: *Orietur stella ex Jacob*...”

A estrela era, não só nova, como nunca vista — porque, para vê-la, era preciso ter fé, assim como, para ouvi-la, seria forçoso amar...

As estrelas ficam mudas diante dos herejes, e apagadas aos olhos dos incrédulos. Como haveremos de distinguir a de Belém, se todos andamos divorciados de Cristo e das suas leis? Do Evangelho e das suas verdades?

Os crimes desta geração fizeram apagar-se, não apenas a estrela de Belém, mas todos os lampadários celestiais... Imergimos na escuridão atroz, onde também, “há lágrimas e ranger de dentes”. A Terra transmudou-se num inferno sulfúreo, cujos fundamentos as granadas revolvem com violências inenarráveis... O *black-out* não é, apenas, das cidades e vilas: também o é das almas e dos corações. As escuridões envolvem-nos nos seus braços de sombra. Até quando, Senhor padeceremos os horrores das noites artificiais, os lutos dos crepúsculos repentinos, o gemer das sirenas e o ribombar dos explosivos?

Como haverá a Senhora de velar o vosso sono de menino, por entre tantos clamores de canhões e tantos ruidos de batalhas? Os sinos, se tocam, é para alertar os vivos — de que a Morte os busca... Os homens, se cantam, é para afugentar o medo — que segue os passos silenciosos da Morte... Nem uma voz de louvor se alça dentre as catacumbas e covas onde se acolheu a humanidade, transida de frio e miséria... Os pastores — estão todos mobilizados e espreitam, na sombra, o inimigo feroz...

Este é o Natal, Senhor, que os nossos pecados nos reservaram. Já não há lugar por onde os Magos transitem nos seus camelos sonolentos. Os transportes militares enchem as estradas — que os aviões adversos açoitam com o chicote de fogo das bombas e o assobio irônico das granadas. Os vivos confundem-se com os mortos, no se acolherem a túmulos e no se envolverem em treva...

Quando, ó Senhor Menino, a vossa estrela de Belém voltará a guiar os homens para o espetáculo festivo do presépio?...

Revista
da
Semana

26 de Dezembro
de 1942

COMO PODE UMA MULHER CONQUISTAR UM HOMEM E UM HOMEM OBTER o Respeito de outros Homens

Sem que um litro de suco biliar flua diariamente do fígado para os intestinos, os alimentos fermentam nos intestinos. Isto perturba todo o organismo. A língua se torna saburrosa, a pele amarelada... aparecem espinhas, os olhos ficam embaciados, sobrevém mau hálito, boca amargosa, gases, vertigens e dores de cabeça. Tornamo-nos feios e desagradáveis e todos fogem de nós.

Uma simples evacuação da parte inferior dos intestinos não tocará a causa porque não elimina toda a comida em decomposição.

Só o fluxo natural do suco biliar é que evita a fermentação nos intestinos. As Pímulas Carter são o remédio de efeito suave, que faz fluir livremente o suco biliar. Contém os melhores extratos vegetais. Se quiser recuperar seu encanto pessoal, comece a tomar as Pímulas Carter de acordo com a bula. Preço: \$3500.

SABONETE DE REUTER

Esse algo intangível que se chama formosura é o que toda mulher ambiciona. A base é uma cutis deliciosamente asselada. Use diariamente o

SABONETE DE REUTER
para conservação.

LGK

Deixa aí Menino!

... Aplique-lhe Mentholatum abundantemente, e as suas propriedades analgésicas e refrescantes aliviarão a dor. Ajuda a cicatrizar e a sarar as queimaduras e evita a formação de empolas. O remédio de confiança mundial. Exija o legítimo



MENTHOLATUM

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Peço enviar-me prospectos:
NOME: _____
ENDEREÇO: _____

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Papéis
BANKETS

OUTROS RIRAM...



— Eu não toco. Apenas evito que os outros toquem.



— Mas é assim que o senhor vê minha esposa?
— Perfeitamente.
— Que sorte.



— Sabe que o Anatólio perdeu ontem o pai?
— Até o pai? Oh, sujeito distraído!



— Não compreendo porque motivo Elena é tão bem recebida por toda a parte. Não canta, não toca piano, não recita...
— Mas... talvez por isso mesmo



— Minha mulher desespera-me de tanto me falar do primeiro marido.
— Pois eu, que sou o primeiro, desconfio que a minha só pensa no segundo!

SOFRE DE CATARRO E NÃO OUVES BEM?

O aturdimiento, provocado pelo catarro, é muito incômodo e aborrecido. As pessoas que não ouvem bem, que sofrem de zumbidos nos ouvidos e padecem de aturdimiento catarral, encontram pronto alívio tomando **PARMINT**—o remédio realmente eficaz no tratamento da afecção catarral. Pela sua ação tonificante, Parmint reduz a inflamação do ouvido médio, causadora do catarro. E uma vez eliminada a inflamação, cessam os zumbidos nos ouvidos e a dor de cabeça, e desaparecem gradualmente o aturdimiento e a dificuldade de ouvir. Parmint é obtido em qualquer farmácia ou drogaria.

Todos que sofrem de catarro, aturdimiento catarral e zumbidos nos ouvidos, farão bem experimentando Parmint.

DIAMANTES INDUSTRIAIS

Noticia-se nos Estados Unidos que provavelmente a produção mundial de diamantes industriais, em 1942, será inferior à procura. Se a guerra durar muito tempo, a produção de pedras acabadas poderá cessar completamente, devido ao isolamento das minas. Na melhor das hipóteses, a produção igualar-se-á à procura. Embora algumas companhias estejam tentando aumentar a produção de diamantes industriais, acredita-se que não serão bem sucedidas. Os diamantes industriais são de grande importância para a indústria de aviões, por serem indispensáveis em certos instrumentos de precisão. Em 1940, os Estados Unidos consumiram 2.000.000 de quilates de diamantes industriais, no valor de... \$6.000.000 a \$7.000.000. Em 1941, estima-se que o consumo foi de mais de 3.000.000 de quilates (\$10.000.000 a \$12.000.000). Espera-se que o consumo em 1942 apresente novo aumento de 40 a 50 %, ou um total de 4.500.000 quilates. Em 1943, o consumo poderá atingir a 5.500.000, caso a guerra continue. Noticia-se ainda que as Nações Unidas controlam todas as fontes importantes produtoras de diamantes industriais e que toda a produção brasileira é presentemente vendida aos Estados Unidos.

Nos quatro primeiros meses deste ano o Brasil exportou 8.542 gramas de diamantes no valor de 29.490 contos de réis e 338 gramas de carbonados no valor de 549 contos. A excessão de 22 gramas de diamantes, valendo 112 contos de réis, toda a exportação se destinou aos Estados Unidos.

PAPEL DE IMPRENSA

A Newsprint Association of Canada anuncia que o consumo de papel de jornal de todos os editores dos Estados Unidos, em junho último, foi de 296.393 toneladas ou 26.886 menos do que no mesmo mês em 1941. A referida Associação estimou que os estoques dos editores haviam aumentado em 19.428 em junho último, atingindo a 633.608 toneladas no fim do citado mês. Em junho de 1941 e 1940, os estoques eram, respectivamente, de 400.714 e 391.658. As percentagens de fornecimento de papel de imprensa aos Estados Unidos foram as seguintes, nos primeiros seis meses de 1942: Canadá 71 %, Terra Nova 5 % e os restantes 24 % das próprias fábricas do país. Nos primeiros seis meses de 1941, as percentagens respectivas foram: 68 %, 5 % e 27 %.

Para lavagem de roupa o melhor sabão é o de marca



REGISTRADA

Todos os produtos das
INDUSTRIAS MACEDO SERRA LTDA.
são de qualidade garantida.

O QUE EU PODIA TER SIDO

Conto do
escritor húngaro
MAURICE JOKAI

Certo dia apresentou-se na minha sala de trabalho um homem hirsuto. (Não sei porque, mas sou muito procurado por sujeitos hirsutos). Este não vinha lavado nem penteado nem escovado. E o conjunto do seu aspecto e das suas maneiras me deixou imediatamente deprender que ele descobrira todas as verdades existentes no fundo do copo.

— Como é? não me reconhece? perguntou o sujeito, confiadamente.
— Com franqueza... Não tenho a honra...
— Ora, vamos! Olhe um momento para mim!
— Ah, já sei! Estranhei-o a principio, por causa do cabelo...
— Cortei-o ontem.
— Deus do céu! De que tamanho então seria ele ante-ontem?
Botei-me a adivinhar, mais ou menos:
— Se me não engano é o senhor... senhor Guilherme... não?
— Alexandre.
— Isso mesmo! Alexandre Gal.
— Não. Alexandre Shistiing.
— Perfeitamente! De Debreczem.
— Não. De Miskolcz.
— Agora me lembro! Fomos companheiros de colégio...
— A rigor, não fomos. Mas eu morei na casa construída no terreno onde tinha existido aquela em que o senhor morou.
— Desculpe. Com efeito, já lá vai tanto tempo.
— Fui eu que o ensinei a jogar o pião.
— E ensinou-me tão habilmente que ainda hoje não sei.
— O interessante, porém, é que por bem pouco eu não sou o que o senhor é e o senhor não é o que eu sou!
— Qual dos dois teria perdido na troca?
— Não brinque. Eu não passo dum pobre escrevente. Põem-me à frente um papel escrito e tenho que copiar o que lá está noutro papel.
— Comigo dá-se muito pior: tenho que copiar coisas num papel sem as ver primeiramente escritas noutro papel.
— Sim, mas, quando o meu trabalho não satisfaz, repreendem-me, injuriam-me...
— E a mim ameaçam-me de me deixar na miséria.
— Sim mas o seu nome é conhecidíssimo.
— O nome de Sobri Joska (1) é igualmente popular.
— Em todo o caso, o senhor ganha mais dinheiro do que eu.
— Quer trocar as suas dívidas pelas minhas?
— Emfim: a sua cabeça tem mais valor do que a minha.
— Qual! Repare bem: O meu cabelo caiu e o senhor ainda tem o seu.
— Sim, mas o que está lá dentro!
— Nem me fale nisso! Já tive que arrancar oito dentes. E às vezes sofro cada enxaqueca...
— Vamos falar sério. O senhor devia ser o que eu sou e eu o que o senhor é.
— Curiosos! E como foi que a sorte trocou os nossos bilhetes de viagem?
— É uma história interessante. Eu lh'a conto e verá se tenho ou não razão. Eu tive mãe. Mãe que, em solteira, havia sido uma moça encantadora. Mas, nesse tempo, ainda eu não a conhecia.
— Que me está dizendo!
— Há tempo, há muito tempo, seu pai pediu minha mãe em casamento... Quero dizer: peidiu a que ia ser minha mãe mas naquela época ainda estava solteira.
— Mas tem certeza disso? Ou foram boatos?
— Não senhor, tenho toda a certeza! Se ela tivesse mais juízo, aceitaria a proposta. Mas era uma pequena irrefletida, leviana... E a sua levandade, quem a pagou fui eu.
— Como assim?
— Seu pai tornou-se *szolgabiro* (2). Verdade seja que, quando pediu minha mãe, ainda não tinha arranjado o emprego. Mas isso para o caso não importa. Arranjava-o depois e dava na mesma. O segundo homem que pediu minha mãe era engenheiro e um filho dele tem hoje excelente lugar na estrada de ferro de Debreczem. Ordenado: 2.000 florins. O segundo filho é *factotum* em casa do príncipe de Coburgo; e o terceiro é capitão de longo curso.

— Quer dizer que o senhor, hoje, seria os três ao mesmo tempo.
— Sim, mas minha mãe também não aceitou o engenheiro... O terceiro pedido de casamento, fê-lo o pastor protestante de Mataysfold. E minha mãe continuou a não querer. O pastor casou com outra mulher; mas não tiveram filho nem filha.

— Nesse caso o senhor... não teria existido.
— Não. Em quarto lugar foi ela pedida pelo senhor Cserependy Pergo Boldizsár. Conhece o senhor Cserependy Pergo Boldizsár?
— Não. Mas conheço o senhor Rákospalotay Hutivay Lútsy Sándor.

— É pena. Em todo o caso, pode estar certo de que não ha melhor homem neste mundo do que o senhor Cserependy Pergo Boldizsár. Além disso, possui cinco mil hectares de terras à margem do Tisza. E só tem um filho.

— Mas será possível que o filho amanhe, sózinho, tanta terra?
— Não gráçeje. O rapaz vive no maior luxo. Anda num carro puxado a quatro cavalos. Quando o encontro, não posso deixar de pensar que devia ser eu o dono dos quatro cavalos e do carro — eu que devia dar ordens ao cocheiro, e instalar-me nos grandes hotéis, e beijar a mão das condessas nos intervalos do teatro... Veja o senhor o prejuízo que minha mãe me deu. E note ainda isto: Estavam já noivos, com os convites distribuídos, o contrato redigido com todas as formalidades... E deixei de ser filho do senhor Cserependy Pergo Boldizsár, porque, uma hora antes da cerimônia nupcial, minha mãe fugiu com o regente duma banda de música e casou com ele! Em vez de herdar um mundo de terras de rendas, herdei alguns cadernos de música e um trombone!

— É a primeira vez que vejo alguém falar mal de seu pai.
— Perdão, eu não falo mal. E até sempre o estimei. Excelente homem. O que lamento é ele não ter casado com outra mulher, que não minha mãe. Cada um devia ter o pai que quizesse, não acha o senhor? Pensando bem, é horrível que, nesses casos, não se pergunte a opinião do verdadeiro interessado!

— Não há dúvida, mas... Pela sua teoria, o barão de Rothschild teria tantos filhos que lhes perderia a conta.

— Se ao menos minha mãe tivesse preferido o pretendente que mais me conviesse, a mim... Porque, afinal, a fortuna me quiz favorecer; ela é que a repeliu. E aqui estou eu...

— Pouco satisfeito consigo mesmo, ao que parece.
— De certo! Queria ver, no meu lugar, o que o senhor faria.
— Começava por me lavar.

— Nem me fale nisso! Desleixei-me desta maneira porque não ha na minha pessoa a menor parcela que me satisfaça ou agrade. Detesto as minhas mãos, porque não tem habilidade para nada; a minha cabeça, porque não posso aprender coisa alguma; o meu cabelo, porque é rebelde à escova. Sei que sou feio, por isso não lavo a cara. Se a minha pessoa fosse posta à venda, não a quereria nem de graça. Invejo toda a gente e o que ela tem; invejo o luxo dos ricos, o gênio dos sábios, a glória dos poetas, o garbo dos rapazes, os braços robustos dos operários, a prosperidade dos negociantes. Invejo a felicidade dos homens casados, o futuro dos filhos de judeus... Invejo toda a gente que sabe, faz ou possui alguma coisa, porque não sou nada, não sou capaz de nada, não tenho nada. Muitas vezes, cansado de tanto escrever, me pergunto a mim mesmo porque é que trabalho. Não seria melhor abandonar-me, deixar que a minha roupa se esburacasasse, o meu calçado se despedaçasse? Tratar apenas de comer os talos de couve que compro no mercado e não querer absolutamente saber do resto? Por que fazer maior caso de mim, se não tenho razão para isso?

— Comecei a achar a cena longa de mais e tratei de lhe pôr termo:

— Em conclusão: Por que veio o senhor procurar-me? Não de certo para trocar a sua situação pela minha.

— Não, senhor. Como, porém, não ha em Budapest outra pessoa a quem eu possa consultar, é ao senhor que pergunto: Se, por um capricho da sorte, estivesse no meu lugar, que faria?

— Volte daqui a uma semana e eu lhe direi.

— Escrevi a um amigo, mordomo do conde K.,
Conclue na pág. 14

ANUNCIE

... E PROGREDIRÁ!

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROPAGANDA

(1) Bandido famoso.
(2) Funcionário público.

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais.

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; seis meses — Cr. \$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; seis meses — Cr. \$ 90,00

O número avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr. \$ 2,00

RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — RIO DE JANEIRO

Telefones: — Direção 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866
Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo. Na Argentina: INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.

Diretor: Gratuliano Brito

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS



ZIMOLACTOL
Granado
FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES



Estando as
PILULAS DE BRISTOL
ao alcance de todos,
para que commet-
ter-se a impru-
dencia de expe-
rimentar ca-
tharticos
violentos?

UMA IDEIA E UM PRESENTE

Não perca seu tempo em cogitações: o melhor presente de Natal, por preço baixo, é um ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943. Trezentas páginas — muitas coloridas — compõem o LIVRO DOS MIL ASSUNTOS e oferecem leitura variadíssima. Quando será o fim do mundo? Os sete pecados mortais e outros estudos semelhantes. Quadros históricos e religiosos. Contos, história, calendários, informações sobre o ano, anedotas. Resumo completo da guerra atual com ilustrações. Leitura para os que vivem nas cidades e para os que moram no campo; para homens e mulheres de todas as idades. ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943, à venda em toda parte. Redação: Maranguapé — 15 — RIO.

QUANDO SERÁ O FIM DO MUNDO?

Este e outros assuntos estão na grande edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO, à venda com maior numero de páginas do que as anteriores. Contos ilustrados, história, literatura, informações do Brasil e do estrangeiro. Leitura para o homem, a mulher e a criança, o ALMANAQUE é livro sempre útil porque orienta e distrai. Em 300 páginas há assuntos para um ano, em livro que jamais deixará de ser precioso.

Dê aos pais, aos irmãos, à esposa, às filhas, à noiva, ao amigo — como presente — um ALMANAQUE EU SEI TUDO para 43.

REDAÇÃO: — MARANGUAPÉ, 15—RIO

MENSARIO DO "JORNAL DO COMERCIO"

Recebemos o tomo XIX, volume I, do Mensario do "Jornal do Comercio", correspondente aos artigos de colaboração publicados em Julho de 1942.



NAMORO COM A PAZ — "Olha para a frente, Benito".

VEIAS DAS PERNAS

Tel. 42-7871. RUA DA QUITANDA, 26 - 1.º — De 10 às 12 e 15 às 19 horas

As veias dilatadas ou salientes tiram a beleza e a elegancia das pernas e predispõem a infecções (erisipela), úlceras, eczemas, edemas (inchaço) etc. INSTITUTO HELCO do Dr. JOAQUIM SANTOS, médico especialista, trata por processo próprio, sem repouso, sem dor e sem operação.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

MAIZENA DURYEA

PARA PRATOS NUTRITIVOS E SABOROSOS

Possua o nosso atraente Livro de Receitas, com bellissimas ilustrações, onde encontrará seleta variedade de receitas faceis e de paladar agradável. Mandenos o coupon, para obtenção de seu exemplar GRATIS.



À MAIZENA BRASIL S. A. 36
CAIXA POSTAL, F. S. PAULO

Peço enviar-me, gratis, o "Meu Livro de Receitas"

Nome

Rua

Cidade

Estado

Nossa capa

Nossa capa de hoje é a homenagem desta Revista às infatigáveis sementeiras do bem e da beleza, que são as legiões de bandeirantes do Brasil.

Educadas desde pequeninas no culto da Pátria e do amor ao proximo, instruidas nos objetivos práticos e talhando o espirito sempre á equidistancia das belas coisas que devem enfeitar e povoar a alma especialmente da mulher e dos modos mais seguros de auxilia o semelhante, nas vicissitudes e nos perigos, os perigos da guerra em particular — essas diligentes figuras femininas, dignas do maior apreço e da mais alta admiração de todos nós, têm nas quatro páginas do nosso texto reveladas ao grande publico algumas de suas incansáveis atividades, no setor social a que se dedicam de corpo e alma.



Bandeirante do Brasil, alerta!

PRISÃO de VENTRE?



Pilulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.

PENSAMENTOS

Qualquer coisa que fizer, faça-a a propósito, faça-a com exatidão e jamais superficialmente e apressadamente. Aprofunde-se no seu mister. Tudo o que se conhece ou se faz a meio não está, no meu parecer, conhecido nem feito.

CHESTERFIELD.

Quem faz injúria vil e sem razão
Com forças e poder em que está posto,
Não vence; que a vitória verdadeira
E' saber ter justiça una e inteira.

CAMÕES

Cada um de nós deve considerar-se ocupante de um posto no seio da coletividade, ao qual cumpre honrar. No desempenho desse posto não devemos apenas visar hierarquias, nem só benefícios, porém deveres, dentre os quais o principal consiste em não abandoná-lo.

RENATO KEHL.

Numeros atrasados desta
Revista em Sergipe

Procurar a LIVRARIA REGINA

Rua João Pessoa, 137 — Aracajú

Santos e Efemérides da Semana

D E Z E M B R O

26 SANTO ESTEVÃO. — Seu nome significa "coroador". Teve a honra de ser o primeiro martir. Judeu de nascimento, foi convertido pelos apóstolos e ordenado diácono logo após a Pentecostes. Acusado de blasfemar contra Deus e contra Moisés, foi lapidado, no ano 35.

— SANTA EDELFRIDA. — Virgem, religiosa beneditina na Inglaterra, celebre pela piedade e austeridade.

— Henrique Dias e outros capitães destroçam os holandeses na Campina do Brito (Varzea do Capibaribe — 1634). — Falece no Rio Bento da Silva Lisboa, barão de Cairú, filho do Visconde de Cairú, ministro de Estado (1864).

27 SÃO JOÃO EVANGELISTA. — Irmão de S. Tiago, era o mais jovem dos apóstolos. Assistiu às bodas de Caná, à transfiguração e foi um dos primeiros a reconhecer Jesus quando da ressurreição. Após a dispersão dos apóstolos ficou em Jerusalém. Morreu de velhice em E'feso, em 101. Deixou um Evangelho, ainda em uso nos nossos dias, três Epístolas e o seu Apocalypse.

— SANTA NICARETA. — De uma ilustre família da Nicomedia, que foi admirável de paciência e de caridade em meio de graves revêzes. Procurava muito S. João Crisóstomo em Constantinopla. Viveu depois na solidão após o exílio deste (IV — V século).

— Nasce Eusebio de Queiroz Coutinho Matoso da Camara, ministro de Estado, senador (1812). — Batalha de Itá-Ibaté, nas Lomas Valentinas (1868). — Inauguram-se as comunicações telegráficas submarinas entre o Rio, Bahia, Pernambuco e Para. (1873). — Falece no Rio, onde nascera, Pedro Rabelo, jornalista, poeta, contista, da Academia Brasileira (1905).

28 OS SANTOS INOCENTES. — A igreja honra com esse nome a memória de todas as crianças que Herodes, rei da Judéa, mandou matar no ano em que nasceu o Salvador, porque subera que viera ao mundo uma criança destinada a reinar um dia na Judéa e no mundo inteiro. Essa medida barbara foi inutil, porque Jesus foi transportado para o Egito por seus pais.

— SÃO TEODORO O SANTIFICADO. — Um dos mais famosos padres do Deserto. Natural da Alta Tebaida, ingressou aos doze anos num convento de Latopolis, e depois em outro de Tabena, cujo governo lhe foi confiado. Aí morreu em 367, aos trinta e quatro anos.

— SANTA MARIA DO SOCORRO. — Virgem da Espanha, natural dos arredores de Barcelona, da Ordem das Mercês.

— Nasce em Arroio Grande, no Rio Grande do Sul, Irineu Evangelista de Souza, visconde de Mauá, industrial, grande realizador de muitos progressos no nosso paiz (1813). — Nasce no Pará Inglês de Souza, romancista, político, professor, da Academia Brasileira (1853). Falece no R. G. do Sul o brigadeiro José Maria da Gama Lobo Coelho d'Eça, barão de Saycan, natural de Santa Catarina (1872). — Falece Zacarias de Góes e Vasconcelos, natural da Bahia, professor, ministro de Estado, senador, ilustre estadista, grande orador parlamentar (1877). — Falece no Rio Olavo Bilac, poeta, jornalista, conferencista, cronista, da Academia Brasileira.

29 SÃO TOMAZ BECKER. — Arcebispo de Cantorbéry e chanceler da Inglaterra. Nasceu em Londres, em 1177, de uma família normanda. Gosou por muito tempo das boas graças do rei Henrique II; mas após uma dissensão que com ele teve foi assassinado dentro da própria igreja, aos pés do altar, por quatro fidalgos que julgavam assim tornar-se agradáveis aos reis de Inglaterra.

— VENERAVEL MARGARIDA DE JERUSALEM. — Religiosa da Ordem de Cister que visitou a Terra Santa e aí morreu em 117.

— Falece na Bahia o arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas, marquês de Santa Cruz (1860).

30 SÃO SABINO. — Bispo de Assis ao tempo da da perseguição de Maximiano Hercules, foi preso por ordem deste. Quizeram obrigá-lo a adorar uma pequena estatua de ouro e coral representando Jupiter; mas o bispo, apoderando-se dela, atirou-a ao chão, onde se fez em pedaços. Furioso com isto, o prefeito mandou que lhe cortassem as mãos e algum tempo depois fê-lo decapitar (303).

— SANTA ANISIA. — Joven dama da Tessalônica presa por um soldado quando a caminho da igreja. Reusando-se a sacrificar aos ídolos, ele a atravessou com a espada (seculo IV).

— O marquês de Barbacena introduz a vacina na Bahia (1804). — Nasce no Rio Firmino Pereira Monteiro, ministro do Supremo Tribunal (1808). — Rendição dos paraguaios que ocupavam os redutos e baterias de Angostura (1868). — Falece em Lisboa Manuel de Araújo Porto Alegre, barão de Santo Angelo, natural do Rio G. Sul, pintor, professor, poeta, orador, teatrólogo, patrono da cadeira 32 da Academia Brasileira (1879).

31 SÃO SILVESTRE. — Eleito papa em 314, como sucessor de S. Melquiades, sofreu a perseguição do imperador Constantino; mas tendo este ficado leproso e tendo sido curado pelas orações de Silvestre, fez-se batizar pelo santo pontífice. Foi este papa quem reuniu o concilio de Nicéa, no qual foi definitivamente condenada a heresia de Ario. Morreu em 338, aproximadamente.

— SANTA COLOMBA. — De origem espanhola e pagã, deixou a casa paterna para praticar em paz a religião cristã e foi fixar-se na Gália, nos arredores de Sens. Foi aí martizada em 273, sob Aureliano.

— Falece em Lisboa Alexandre de Gusmão, nascido em Santos, doutor em Direito, diplomata, estadista, patrono da cadeira n. 1 dos socios correspondentes da Academia Brasileira (1753). — Nasce na Bahia Junqueira Freire, poeta, monge, patrono da cadeira 25 da Academia Brasileira (1832).

J A N E I R O

1 CIRCUNCISÃO DO SENHOR. — A circuncisão era o sinal de aliança que Deus contratara com Abraão. Uma festa instituída em honra da Circuncisão de

N. S. Jesus Cristo, recorda esse uso religioso que era peculiar aos povos descendentes de Abrão.

— SÃO FULGENCIO. — Nasceu em Telepto, perto de Cartago, em 468. Dedicou-se tarde á vida monástica, que praticou em diversos conventos da Africa, antes de visitar a Sicilia e Roma. Voltando á Africa, foi nomeado bispo de Ruspe. Seu episcopado assinalou-se por muitas vicissitudes. Morreu em paz, em 533.

— SANTA EUFROSINA. — Nasceu em Alexandria em 414. Não querendo o pae que ela se fizesse religiosa, ingressou num convento de monges com vestes masculinas. Só no leito de morte se deixou reconhecer pelo pae (470).

— Descobrimto da baía do Rio de Janeiro por André Gonçalves (1502). — Morre no Rio o jesuita Antonio de Sá, notavel orador sacro (1678). — Morre em Lisboa o general Salvador Corrêa de Sá e Benevides, natural do Rio de Janeiro, guerreiro, governador da capitania do Rio de Janeiro varias vezes (1688). — Falece no Rio Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela, o maior governador da epoca colonial (1763). — Falece na Angola o poeta Ignacio José de Alvarenga Peixoto, natural do Rio de Janeiro, figura da Conjuração Mineira (1793).



CUIDADO COM A PREGUIÇA INTESTINAL

A preguiça intestinal sobrecarrega o organismo com as toxinas resultantes do acúmulo de alimentos incompletamente digeridos. Dai, malestar, tonteiras, dôr de cabeça, irritabilidade, que perturbam o ritmo vital. Reeduque o intestino com o uso de ENTEROBIL, produto científico que regulariza o intestino, sem irritar e sem habituar.

Enterobil

UM PRODUTO *RAUL LEITE*

O ano literario em revista

Como solucionar o problema do livro -- Para que servem as traduções -- As edições brasileiras no mundo português -- O norte do país é um grande mercado consumidor -- Com a palavra os livreiros

O ano prestes a extinguir-se ficará, sem duvida, na vida brasileira, como um período de dinamismo intenso, de atividades criadoras que vieram revolucionar completamente a estrutura economico-social do País. Sob a pressão de circunstancias novas, nossas industrias atingiram um ritmo notável de crescimento, preparando a almejada autonomia vital, base da estabilidade futura.

Projetos que pareciam quiméras, como a siderurgia, a fábrica de aviões, a exploração do petróleo, a ligação ferroviária com o Norte, caminham para uma concretização imediata, revelando as energias assombrosas do nosso povo, quando bem orientadas.

Essa agitação nota-se também — e de maneira bastante promissora — na industria do livro. Excitado pelos acontecimentos, empolgado pela guerra, o publico procura, ávidamente, tomar contacto com a tragédia, através do livro.

Além das traduções, o livro indigena também se expande, a bibliografia de todos os assuntos se enriquece, numa vigorosa demonstração de vitalidade intelectual, que bem assegura a lucidez e a eugenia de nossa gente.

Infelizmente o progresso da industria do livro, aqui, poderia ser muito maior. Entravando-a, no momento, existe principalmente a crise do papel e do transporte. E é uma pena, porque as editoras brasileiras, convenientemente amparadas, poderiam exportar para toda a América e para todas as regiões onde se fale o português ou o espanhol.

Visando agitar essas questões e informar os nossos leitores, resolvemos conversar com os livreiros. Nosso empenho foi coroado de pleno êxito. A fidalguia e a inteligência dos editores cariocas mais uma vez se evidenciou, na colaboração magnífica a esta página.

Entre muita coisa curiosa que ouvimos, destacaram-se as declarações do sr. Antonio de Sousa Pinto, realizador de LIVROS DE PORTUGAL LTDA., a que muito já deve o intercambio livreiro luso-brasileiro, sobre seus projetos que, não obstante as dificuldades imensas do momento, vêm consubsanciando com sucesso.

Mas não queremos prolongar estas linhas, meramente explicativas; vamos deixar a palavra aos próprios editores.

A. M.

QUESTIONARIO:

- 1 — Quais os livros de mais sucesso do ano?
- 2 — Qual o gênero, em geral, que foi o preferido pelo publico: ficção, biografia, sociologia ou guerra?
- 3 — Qual a situação do livro brasileiro em face do consumo cada vez maior das traduções?
- 4 — Considera o editor um simples comerciante, ou acha que a ele está reservado um papel de outra natureza?
- 5 — Que soluções alvitra para resolver o problema do livro no Brasil, isto é, decréscimo nos preços e melhor apresentação material das edições?

DA EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A.

1 — Não vou referir-me aqui aos livros de maior sucesso, pelo fato de não possuímos estatísticas deste movimento. Entretanto, o maior sucesso editorial da Civilização Brasileira foi a 3a. edição do PEQUENO DICCIONARIO BRASILEIRO DA LINGUA PORTUGUESA, cuja tiragem de 30.000 exemplares feita no começo deste ano acaba de exgotar-se.

2 — Cada um destes gêneros tem o seu publico específico. No Brasil, hoje em dia, já se sente que existe publico para qualquer dos generos citados — haja vista as variadas edições de livros nacionais e estrangeiros — constituindo até coleções como a do "Espírito Moderno" — com as suas sub-seções de livros de ficção, livros científicos, históricos e sociológicos. Nota-se um grande interesse pela cultura, no sentido de objetivação destes conhecimentos que constituem a dominação do homem através dos seus inventos e conquistas no campo do progresso.

3 — O livro brasileiro nada sofreu com o volume de traduções cada vez maior. E não sofreu porque estas traduções criam amigos da leitura, que se convertem em bons leitores dos livros nacionais. A tendencia atual até tem sido o editor procurar a colaboração dos grandes escritores do país para a apresentação condigna de suas traduções. Esta concorrência, creio, veio estimular muito o mercado do livro brasileiro.

4 — A história da cultura nos tem mostrado que é preciso um editor para que haja a sua divulgação. Para encurtar razões a Coleção Brasileira da Companhia Editora Nacional não é um exemplo de que o editor não se pode limitar exclusivamente ao fator comercial? É preciso atender ao publico, mas é necessário também educá-lo, pondo a sua disposição novas fontes de recreação e ilustração que ele ainda não procurou. É obra de previsão, mas também de patriotismo.

5 — O problema do livro tem de se resolver com o aumento de publico. Tratando-se de uma obra de educação é portanto de difícil solução imediata. Compare hoje com ha 20 anos passados e veja se o problema não caminhou no sentido de sua solução?

DOS EDITORES F. BRIGUIET & CIA.

- 1 — As obras de Stefan Zweig.
- 2 — « Guerra ».
- 3 — Não ha duvida de que as obras estrangeiras traduzidas para o nosso idioma são sérias concorrentes para as suas congeneres nacionais; e, lembran-

do-nos do estafado aforismo « traduttore, traditore », duvidamos de que aquelas se recomendem para o levantamento do nível cultural do nosso povo e para o desenvolvimento de uma consciência nacional.



Stefan Zweig

4 — Evidentemente, o editor não é um comerciante vulgar, uma vez que, para o bom desempenho de sua atividade, deve possuir requisitos de inteligência e cultura equivalentes aos dos intelectuais com que tem de lidar. Sua missão encarada do ponto de vista social, é de grande alcance, pois o bom editor, aquele que ama a sua nobre profissão, é um dos mais eficientes colaboradores da obra educacional e cultural de um país.

5 — Para a diminuição do preço e melhor apresentação material das edições, a medida de maior alcance a aconselhar seria a supressão da maioria dos impostos diretos e indiretos que oneram todas as atividades editoriais. Viria depois, pela sua lamentável falibilidade, a dissolução de todas essas comissões julgadoras dos méritos intelectuais da obra alheia, criadas naturalmente com as mais puras intenções, mas que, na prática

servem apenas para dificultar a árdua tarefa editorial, atrasando, restringindo e até inutilizando o duro labor de autores e editores.

DOS EDITORES PONGETTI

1 — De autores nacionais: GATO PRETO EM CAMPO DE NEVE de Erico Verissimo e VIAGEM ATRAVÉS DO CA'OS de Ary Pavão. Traduções: DO FUNDO DA NOITE de Jan Valtin, « O DRAMA DA AMERICA LATINA » de John Gunther e « JANE EYRE » de Charlotte Bronte.

2 — Em todos os tempos e em todos os países, a ficção ocupa sempre o primeiro lugar. É um gênero que agrada a todos. Todavia, algumas biografias conseguem alcançar sucessos espetaculares, como MARIA ANTONIETA de Stefan Zweig, MADAME CURIE de Eva Curie e O LIVRO DE SAN MICHELE, a famosa autobiografia de Axel Munthe. Temos também no Brasil um exemplo de obra sociológica de grande êxito: CASA GRANDE E SENZALA de Gilberto Freyre.

3 — Apesar das muitas discussões sobre o assunto, o livro de autor brasileiro tem cada vez maior divulgação. Comparemos o que se editava há 10 anos passados com a atual produção de livros de autores nacionais. A diferença é enorme — tome o catálogo de qualquer editor brasileiro — a produção de obras brasileiras supéra sempre a de traduções.

4 — O editor não pode ser um simples comerciante. Aliás, um cidadão que tenha espírito puramente mercantil não se tornará nunca um editor, nem empresário teatral ou fundador de um jornal. Procurará negócios consagrados pela experiência como mais seguros e lucrativos. Ao editor cabe uma certa responsabilidade na formação cultural de um povo. Ele deve ser um colaborador no esforço que toda nação desenvolve, para elevação do seu nível intelectual. Isso não quer dizer que não haja editores puramente comerciantes, mas são a minoria, felizmente.

5 — O livro brasileiro tem 3 problemas capitais a resolver. Dois são de ordem administrativa e bastaria seguir o exemplo de nossos vizinhos, os argentinos: equiparar o livro à imprensa, concedendo-lhe os favores de importação do papel sem direitos alfandegários e as vantagens das tarifas postais concedidas aos periódicos. O terceiro e principal (o aumento das tiragens) só o tempo poderá resolver: quando a grande obra de educação popular iniciada pelo governo produzir os seus resultados, diminuindo o numero de analfabetos e o desenvolvimento econômico elevar o nível de vida das populações do interior. O resto virá por si, porque a verdade é que já se fez muita coisa no campo dos livros.



Erico Verissimo.

Tendo em vista os problemas acima citados, o livro brasileiro é dos mais baratos do mundo e a sua apresentação parece-nos que se esforça por ser bastante boa.

DO EDITOR ZELIO VALVERDE

1 — Foram a meu ver: VIAGEM ATRAVÉS DO CAOS... de Ary Pavão. DRAMA DA AMÉRICA LATINA de John Gunther; DO FUNDO DA NOITE de Jan Valtin e EU FUI MÉDICO DE HITLER de Kurt Krueger:

2 — Guerra e Biografias.

3 — De minha parte, isto é, dentro do meu campo de atividades como editor, a situação do livro brasileiro é a seguinte: havendo lançado até agora cerca de 70 edições, mais de dois terços são de autores nacionais.

4 — Si um indivíduo desejar ser apenas comerciante, não deve nem pensar em ser editor, porque no fim de alguns anos de atividade, chega à conclusão de que, se tivesse empregado o seu capital e o seu trabalho em qualquer outro ramo do comércio, já estaria rico, ao passo que, como editor... Entretanto, como todo editor é, mais ou menos poeta, ele se preocupa também com a posteridade, e daí...

5 — No momento, os dois sérios problemas para o livro brasileiro são o do papel e o do transporte. Ambos só poderão ser resolvidos pelo governo. O primeiro, que me parece, o mais sério, poderá ser resolvido, a meu ver, da seguinte maneira: os poderes públicos deviam mandar proceder imediatamente, através dos seus órgãos competentes, a um rigoroso inquérito nacional, para serem ouvidos todos os editores, todos os fabricantes e todos os atacadistas de papel, o Diretor da Imprensa Nacional, o Diretor do Instituto Nacional do Livro, Presidentes das Academias de Letras e de outras entidades e pessoas interessadas, para verificar por que o papel boufon nacional (o mais usado em edições brasileiras) custava, quando começou a guerra, Cr\$ 2,00 o quilo e hoje, custa Cr\$ 7,00 (!!!) o quilo. Os fabricantes iriam, naturalmente, argumentar que, esse aumento astronômico foi motivado pelo aumento do preço da matéria prima importada, isto é, da celulose; entretanto, o meu colega, Sr. Barbosa de Melo, depois de um acurado estudo sobre o assunto, chegou à conclusão de que a percentagem de celulose, empregada no papel nacional, é insignificante. As conclusões deste meu colega foram expostas em uma entrevista publicada na imprensa e não foram contestadas até hoje. Acho que o governo chegaria, fatalmente, à conclusão de que o papel se poderia vender muito mais barato, e nesse caso, a exemplo do que já fez com outros artigos de consumo forçado, mandaria tabelar o mesmo, criando naturalmente a obrigação para os fabricantes de papel, de que uns tantos por cento da sua produção seriam de papel para livros, visto que, se assim não for feito, os fabricantes não produzirão mais papel para livros, e sim outros tipos de papel.

Esta me parece a melhor solução para o momento, em virtude das dificuldades de navegação transatlântica; porque assim que a mesma se normalizar, o mais acertado seria a revisão das tarifas aduaneiras, de modo que o papel estrangeiro pudesse entrar no mercado brasileiro, e estabelecer a concorrência necessária com o papel nacional.

O segundo problema é a dificuldade de transportes que sempre existiu, mesmo antes da guerra, mas agora se agravou muito.

Concluindo: si pudermos ter bom papel a preços razoáveis, e tivermos transportes para fazer uma boa distribuição dos livros por todos os recantos do Brasil, dentro de muito pouco tempo as edições brasileiras nada ficarão a dever às melhores edições estrangeiras, e serão vendidas por preços relativamente ao alcance de todos.

DO EDITOR SOUSA PINTO

1 — Tanto as características especiais da Livraria que dirijo, como o fato de ter iniciado há pouco mais de meio ano o contacto direto com o público, me impedem de responder com exatidão à primeira pergunta do vosso inquérito, que, mais uma vez, demonstra a preocupação da excelente REVISTA DA SEMANA pelo movimento intelectual brasileiro. Neste caso prefiro escusar-me à resposta, a prestar qualquer informação menos certa.

Em contra-partida, essas mesmas características especiais e ainda o conhecimento que possuo do problema em todos os setores fora do Brasil, dão-me oportunidade para encarar o vosso questionário sob um aspecto talvez inédito que me parece muito interessante. Passo, portanto, a responder à segunda pergunta:

2 — Creio ter sido o de Guerra que obteve o primeiro lugar e isso não pôde causar admiração nos tempos que vão correndo. Contudo as obras de divulgação científica ou literária tiveram procura bastante acentuada — indicio seguro das tendências do público brasileiro.

A sociologia, a economia, a biografia e ainda os clássicos da língua obtiveram venda muito apreciável e em franca curva ascendente. Creio que o gênero ficção é que perdeu em favor do de guerra.

3 — Apesar da avalanche de traduções, julgo que o livro brasileiro tem o seu lugar perfeitamente seguro e definido, conquistado quasi instantaneamente, mercê do desenvolvimento impetuoso do Brasil nos últimos anos, e a que, evidentemente, o espírito não podia ficar indiferente. O consumo cada vez maior das traduções é um fenómeno natural de caráter episódico, com as suas raízes no atual conflito mundial, mas que não pôde abalar o futuro reservado ao livro brasileiro. Auguro para depois da guerra, uma expansão tão extraordinária das letras brasileiras, quanto extraordinário tem sido o progresso conseguido em todas as outras atividades nacionais. São fenómenos correlativos.

4 — O editor que se limita a ser comerciante não merece o nome de editor, assim como não basta vender livros para ser livreiro. Se ao autor pertence conduzir intelectualmente o público, incumbe ao editor tornar possível



John Gunther



essa missão. Da perfeita harmonia entre autor e editor — isto é — quando este sabe julgar uma obra pelo seu valor intrínseco; e o autor não despreza a preocupação comercial a que o editor é forçado, resulta sempre trabalho profundo e duradouro e de interesse para a missão comum. Na história da literatura de língua portuguesa não raro se encontram nomes de editores, que ficaram para sempre ligados aos autores que editaram.

5 — Julgo que não existe um problema do livro brasileiro, mas sim uma crise transitória baseada nas mesmas origens que indiquei no caso das traduções. Fala-se muito em que o público prefere atualmente publicações de caráter sensacional e informativo. Mas é muito natural, e acontece por toda a parte. Acabada porém a guerra, normalizadas as comunicações, melhoradas as possibilidades de aquisição de bom papel a preço razoável, aí teremos novamente o livro brasileiro em pleno progresso, em nova ascensão, agora mais acentuada, mercê de novos elementos, que nasceram em paralelo com o fantástico desenvolvimento das outras indústrias.

Outro elemento de progresso — e este muito de meu conhecimento — é e será a expansão além fronteiras. A aceitação do livro brasileiro não só em Portugal, como nas outras partes do mundo onde se fala a língua portuguesa, é simplesmente notável. Existe hoje, de fato, uma forte cultura lusobrasileira, causa e efeito da literatura dos dois países irmãos, que carece e merece a maior divulgação. Conheço bem o assunto; e só a guerra me tem impedido de montar com eficiência a estudada máquina, que levará a todos os lados do mundo português a mensagem literária da inteligência brasileira, embora já não seja pequeno o meu esforço em tal sentido.

Quanto ao preço do livro, fator importantíssimo para a sua disseminação, o editor nada pôde fazer para o reduzir. Ele está absolutamente dependente do custo do papel e também um pouco das possibilidades econômicas de propaganda. Qualquer proteção governamental neste sentido seria de extraordinária importância para a cultura geral do país.

Evidentemente, quanto melhor for a apresentação duma obra, mais possibilidades oferece de divulgação. Apesar do franco progresso da indústria gráfica nacional, creio que se poderá atingir maior produção e perfeição das obras, chamadas de luxo. Este "desideratum" cabe aos artistas gráficos brasileiros, que os ha, e dos melhores.



A. J. Cronin

PEBECO

PASTA DENTIFRÍCIA



Pebeco proporciona à sua dentadura os dons:

Saúde e beleza.

Natal



Para as solteiras:
Um ótimo partido



Para as casadas:
Um marido ideal



Se pões o teu sapato no telhado,
Na noite de Natal, faremos preces
Para que o tenhas sempre recheado
De todas as venturas que mereces.

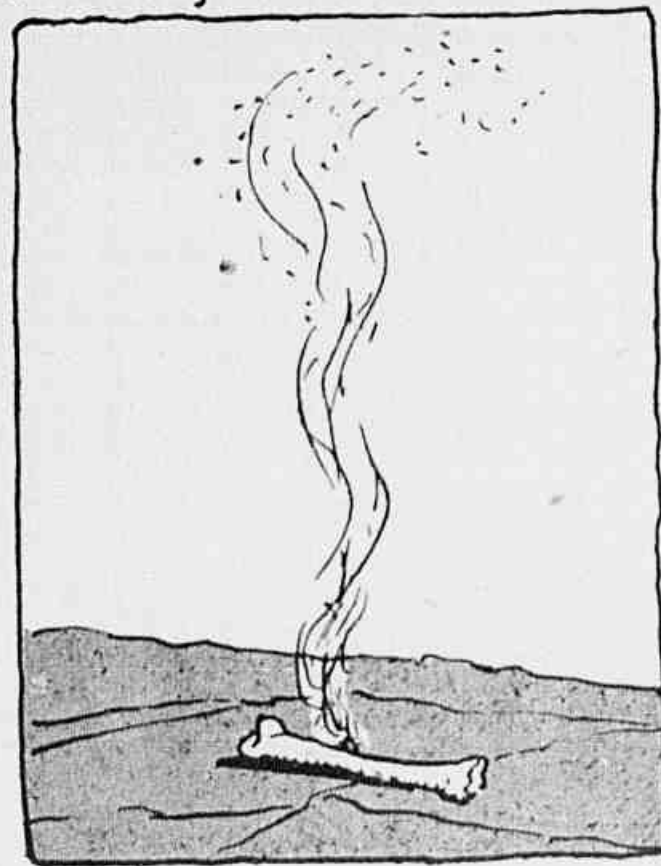


Para as solteironas:
- Uma esperança flagueira

Para as viúvas:
O embarço da escolha...



Para os aliados: Vitória régia!



Para o "eixo": - "nicles!...

Cabe-lhe o cabelo?
Está perdendo
o brilho?

Está
embranquecendo?

Uze o

TONICO ORIENTAL

Ele fortifica a raiz
do cabelo, faz
cessar a queda e
restitue-lhe o
brilho e a beleza.
Extingue a caspa.

L&K



Não se póde trabalhar
com os Rins doentes!

• Que martírio! Dóres nas costas, nas juntas, reumatismo, pés inchados, urina turva e escaldante — cuidado com estes sintomas. Tudo isto póde ser sinal de uricemia, eliminação insuficiente do ácido úrico, que está envenenando seu sangue. Tome Pílulas de Foster e combata este mal.

Pílulas de FOSTER

Para os Rins e a Bexiga.

Preferidas porque são:

- Diuréticas e balsâmicas.
- Desinfetam e ativam os rins.
- Fáceis de tomar.
- Indicadas para uricemias, uretrites, pielites e cistites.



MAQUINAS DE ESCREVER

O Sr. Donald M. Nelson, Presidente do WPB (War Production Board) acaba de se dirigir a 25.000 dos maiores possuidores de máquinas de escrever, pedindo que vendam às forças armadas dos Estados Unidos tantas quantas puderem dispensar. O Exército e a Armada dos Estados Unidos necessitam 500.000 máquinas de escrever. Somente um terço poderá ser obtido dos fabricantes. O restante deverá proceder do comércio americano. Os fabricantes de máquinas de escrever produzem atualmente canhões e instrumentos diversos. A média de fabricação observada nos dois primeiros meses de 1942 se mantida, totalizaria 840.000 máquinas de escrever, no fim do ano. Várias reduções diminuíram essa cifra para 410.000. Antes do fim do corrente ano será suspensa integralmente a sua fabricação. As cifras do WPB mostram que há mais de 2.000.000 de máquinas de escrever em poder do publico, fabricadas desde 1º de janeiro de 1935.

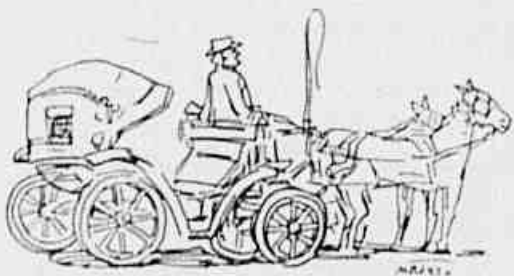
A SEMANA EM REVISTA

UM FENOMENO — A ansia de lucro do comerciante é quasi imemorial. Em épocas remotas, ser comerciante era mesmo sinônimo de ser ladrão. Com os tempos a profissão foi subindo de categoria. Em Roma, depois de vítimas do maior desprezo, os plebeus conseguiram regalias políticas quasi tão amplas como a dos patricios. Na expansão marítima renascentista os comerciantes conquistaram definitivamente o seu lugar na sociedade, graças aos lucros formidáveis do tráfico com o Oriente. Pois bem, toda essa tradição, tão acatada ainda hoje



no mundo inteiro, acaba de ser pitorescamente desrespeitada no Rio Grande do Sul. O sr. Pascoal Pira, que é o empresário dos onibus que fazem as linhas de Tristeza e Belém Novo, arrabaldes de Porto Alegre, autorizado a elevar as passagens, devido à carencia de combustível, solicitou permissão ao prefeito, para manter os preços, alegando suas razões. Decididamente, um fenômeno este sr. Pascoal!

AINDA GANDHI — Esse douto indiano de tanga e ossos à mostra, com os seus óculos e as suas atitudes, tem constituído um espetáculo, desde que apareceu. Sua doutrina — porque ele a possui — não está amplamente difundida. A grande massa de indus que ele fascina com a sua força, talvez desconheça, na sua maioria, os pontos de vista fundamentais do Filósofo. Na verdade os condutores de povos não precisam da **COMPREENSÃO** dos adeptos, mas somente de sua **FE**. Todos crêem em Gandhi. A um simples olhar, uma única palavra sua, estremecem milhões de homens. Numa greve da fome que ele faça, corre maior perigo a Índia, do que ele mesmo. Eis porque achamos digno de registro a transferencia do Mahatma de uma prisão de Bombaim para outra de Madras.



COMO OS BARÕES PASSEAVAM — Não sabemos porque, uma das coisas que melhor nos comunica a sensação de uma época é o veículo. Talvez tenhamos a intuição de que o homem, em cada época ponha nas linhas do seu carro todo o **ESPIRITO** de sua civilização. Nada mais parecido com Roma do que aquelas carruagens tiradas por muitos cavalos, em que os generais passeavam. Todos os requintes do século de Luiz XV estão maravilhosamente reunidos no fausto dos coches reais. Também em Portugal e no

Brasil, as velhas caleças são bastante evocadoras do passado. Vendo-as ainda hoje no Museu Histórico, esperamos a cada momento surpreender entre as cortinas jaldes, as pálidas mãos de alguma sinhasinha ou o peito abroquelado de vênus, de algum barão. Será curioso o desfile que se prepara em São Paulo, no qual tomarão parte, desde o « toneau spider », o « breack », o « dog carter », a « vitória », o « flot », o « gig », a « charrete », até à « aranha » e o « trolly ».



UM SUJEITO COMPLICADO — Na falta de qualquer outra qualificação podemos achar Carlos Waldemar Lopes simplesmente um sujeito complicado. E não fosse ele tão mediocre, seria até original. Mas o diabo é que se meteu numa empreitada terrivelmente banal — suicidou-se. Ingerindo regular quantidade de um corrosivo chamou um garoto, entregando a este a importância de Cr\$ 40,00 destinada a Clara Cardoso, sua colega de tinturaria, para que a moça comprasse uma coroa. De olhos arregalados, por certo, o menino inquiriu a quem era destinada. Ele, então, disse que iria morrer dentro de alguns minutos. Depois acharam uma carta em que dizia: « Carlos mata e morre. Não posso mais com essa vida insuportável... » Amores contrariados de um tintureiro, como escreveria um folhetinista.

TARTARIN DE TARASCON E A POLICIA FRANCESA — Na eterna expectativa dos levantes populares, das reações à ditadura de Hitler, seus representantes estão sempre tomando novas medidas preventivas em toda a Europa, desde as hecatombes brutais da Polónia até às medidas anti-judaicas do GOVERNO de Vichi. Laval acaba agora de mandar recolher as armas existentes na França. Quando realizavam a arrecadação, os policiais tiveram oportunidade de receber de um padre uma pistola de 16 milímetros, FAUCHEUX, que pertenceu a Jean Renaud, primo de Alphonse Daudet, creador do Tartarin de Tarascon. Este herói tem sido até aqui o protagonista de façanhas incríveis, o homem que não conhece impossíveis. Que faria ele agora, desarmado?



FLÁVIO

BANCO ALEMÃO TRANSATLANTICO EM LIQUIDAÇÃO

Durante o mês de Dezembro corrente serão feitos pagamentos aos depositantes retardatários que ainda não levantaram os rateios anteriormente anunciados (60 %), bem como serão liquidados todos os saldos até Cr \$ 10.000,00 (Dez Mil Cruzeiros), independente de chamada por ordem alfabética.

BRITO OLIVEIRA & Cia.

RUA UBALDINO DO AMARAL, 93 - TEL. 42-7046

RIO DE JANEIRO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS DA FIRMA

GUSTAVO H. W. AMMERMAN

RUA FLORENCIO DE ABREU, 446

S. PAULO

TINTAS PARA IMPRESSAO

ARTIGOS GRÁFICOS

ARAMES ESTANHADOS A FOGO
E COBREADOS PARA:
ENCADERNAÇÃO, CAIXAS DE PAPELÃO
E FABRICA DE CALÇADOS

STOCK PERMANENTE PARA ENTREGA IMEDIATA

Escragnolle Doria

Lembranças do Imperial Colegio

DURANTE meio século de Imperio o Colegio de Pedro Segundo foi o fanal da nossa instrução publica secundaria. Ser dele aluno, funcionario, reitor ou professor determinava primazia no meio pedagogico da epoca. As catedras e sub-catedras do Pedro Segundo eram disputadas em renhidos concursos, não por sua remuneração modesta, sim pelo relevo do cargo, nem sequer dispensados os professores substitutos por concurso de novas provas para promoção a catedráticos. Salvo caso de força maior, o imperador presidia os certames e quando o ministro do Imperio lhe levava papeis de concurso o juizo imperial já se formara no correr das provas em relação ao merito dos candidatos alguns infensos ao regimen personificado em D. Pedro II. Não lhe parecia isso razão para conculcar direitos, embora muitas véses os ministros, por interesse pessoal ou não, fizessem vêr ao soberano as crenças republicanas de candidatos. Talvês no intimo o imperador pensasse que a algum observador aquelas crenças não impedira de ser ministro, raro o homem de um só rosto, uma só fé, um só parecer, pensando muitos não haver razão de ser no domingo o que se fôr na segunda-feira...

Tem-se escrito bastante sobre o Colegio de Pedro Segundo, houve quem numa memoria historica procurasse condensar os principais sucessos da vida centenaria do Colegio de 1837 a 1937. Mas sobre a instituição resta ainda dizer num bem copioso á margem de sua historia tão entranhada na cultura nacional. Fiquem para aquele á margem as lembranças que se vão seguir.

Seja primeira a dos primeiros dias do Colegio em fins de 1837, presidida a organização do estabelecimento pelo ministro do Imperio da regencia Araujo Lima. Tal ministro, Bernardo de Vasconcellos, que hemiplegico, das fraquezas fisicas tirava heroicas energias morais. Tirou-as dedicando-as ao Colegio de Pedro Segundo, principiando por chamar Grandjean de Montigny a afeiçoar sob nova forma material o antigo seminario de S. Joaquim.

Emquanto ministro, Bernardo não se deu licença de repouso para cuidar do Pedro Segundo, visitando-o, querendo ver por si mesmo, administrativamente o melhor meio de vêr e providenciar, pois não falta entre subalternos quem iluda ou se oponha pelo famoso corpo mole burocratico.

Zelando pelos interesses maiores do Colegio, o ministro tambem ia de atenção aos seus menores. Fique a prova neste officio de Bernardo de Vasconcellos ao vice-reitor do Colegio.

Illmo. Snr. Padre Mestre Leandro de Castro Rabello

"Tendo-se finalizado os exames que nesse Collegio tiveram lugar, convirá que V. S.^a mande quanto antes passar as camas dos meninos para a sala competente. Por esta occasião não posso deixar de lembrar a V. S.^a a necessidade de provêr com urgencia os calçados delles, bem como os côrtes dos cabellos, que se achão bastantemente crescidos; podendo mesmo V. S.^a contratar algum cabellereiro que se incumba deste ultimo objecto.

Sou com estima e consideração

De V. S.^a Muito Attento e Affectuoso Venerador (assignado) B. P. de Vasconcellos
Em 13 de Dezembro de 1838"

Cumprir que o Colegio de Pedro Segundo até 1857 foi internato, semi-internato e externato. Findos os exames, fecho de anno letivo, iniciadas as férias escolares nem todos os alunos as gosavam fóra do estabelecimento por filhos ou parentes de pessôas residentes fóra da Côrte. Daí as providencias do ministro Vasconcellos quanto ao alojamento dos alunos em sala ampla, provisoriamente occupado pelo serviço dos exames. Estendiam-se as providencias ministeriais aos calçados e ao côrte de cabelos dos alunos para os quaes, longe de suas casas, transcorriam semi-férias no ambito de um internato silente de aulas, de recreio sem vida ou de passeios acompanhados, tudo a tornar sensível a falta de convivencia maior.

Isso em 1838. Correm porem os tempos, levam-nos á epoca na qual o Colegio se recomendara bastante, já por seu corpo docente já pelo discente. Compunham este alunos que completavam setenato de estudos bacharelando-se em letras, ou alunos que se contentavam em completar os preparatorios exigidos para matricula nos cursos de ensino superior.

Entre tais alunos contou-se Augusto Goldschmidt, filho do dr. Bertoldo Goldschmidt, professor de Alemão do Colegio. De talento revelado desde alvorecer de anos, Augusto Goldschmidt, só muito tarde se formou em Direito, na Republica, antes sem diploma advogado criminalista de nota no fóro carioca. Começando a praticar na banca de advocacia de Sizenando Nabuco, Goldschmidt na tribuna judiciaria foi de triunfo em triunfo, de proventos em proventos. Dos primeiros a memoria publica conservaria lembrança dos segundos Goldschmidt não guardaria nenhum e aos mãos abertas o fim da vida reserva dias bem melancolicos.

Mas estamos na epoca em que Augusto Goldschmidt era moço, ardoroso, caritativo e a mancheias descontava o futuro. Um dos que mais o apreciavam era o barão de Tautphoeus, o eminente professor humanista de tantos discipulos notaveis. Entre eles o Barão, tal o seu tratamento mesmo na classe colegial, distinguia particularmente Augusto Goldschmidt.



Dr. Bertoldo Goldschmidt, professor do Imperial Colegio de Pedro Segundo (1817-1893)

Um dos exames deste no Pedro Segundo deixára funda lembrança a Tautphoeus. Costumava o Barão reavivá-la ao encontrar-se com o antigo discipulo no escritorio de Sizenando Nabuco.

Usava então Tautphoeus, como primeira saudação, dirigir a Goldschmidt a seguinte pergunta: então, Augusto, como vae a mandioca? O interpelado limitava-se a sorrir, os presentes não compreendendo o jogo-misterioso da interrogação.

Esclareceu-a um dia, epistolarmente, o proprio Goldschmidt ao seu velho amigo Alexandre Haas, disendo-lhe:

"Examinado em Historia e Corografia do Brasil pelo lente da cadeira, o Dr. Joaquim Manoel de Macedo, discorri sobre o ponto sorteado. Não tendo eu entre tanto esgotado o tempo marcado para exposição, o Dr. Macedo nem por isso deixou de elogiar-me. Mas, pedindo venia ao Imperador de augusta presença ao ato, o Dr. Macedo dirigio-me esta desnortadora pergunta: será o snr. capaz de dizer quaes as dimensões das raízes de aipim e mandioca no interior do Brasil. Talvês a maliciosa pergunta se originasse do fato de não me haver eu referido ás produções agricolas da provincia sobre a qual discorrera. Fosse como fosse, fiquei perplexo. O imperador coava sobre mim um olhar através dos vidros de *pince-nez*.

Criei coragem e pedindo respeitosa licença ao Dr. Macedo animei-me a responder: ao certo não poderei dizer a V. Exia. a dimensão das raízes do aipim e da mandioca no interior do Brasil, mas aproximadamente são tão grandes que não couberam no compendio escrito por V. Exia. para uso e estudo dos alunos do Colegio." O repente provocou geral e franca hilaridade dela participando Imperador e a propria mesa examinadora. Findo o exame, em presença mesmo de D. Pedro II, o proprio Dr. Macedo abraçou-me declarando-me, risonho: "a minha pergunta teve apenas o desejo de contribuir para o brilho de seu exame." E no ir da existencia Augusto Goldschmidt sempre tributou a Macedo a maior veneração, comprazendo-se Tautphoeus em recordar ao discipulo aquela original passagem da sua vida colegial.

Em epoca diversa, outro aluno do Imperial Colegio de Pedro Segundo teria um dos seus exames tambem assinalado por maneira original. Chamou-se aquele aluno Alfredo Moreira Pinto, aluno do Internato do Pedro Segundo por influencia imperial. Bacharelado em letras, Moreira Pinto dedicou-se ao magisterio exercendo-o publica e particularmente ensinando Historia e sobretudo Geografia. Autor do nosso maior dicionario corografico, militou Moreira Pinto na imprensa, em 1879 proprietario de *O Seculo*, órgão liberal. Publicou varios compendios de geografia e pontos de historia universal e patria para guia de preparatorios.

Colaborou em *O Apostolo*, jornal dirigido pelo conego Gonçalves Ferreira, extremo batalhador catolico da constancia ao sacrificio. Em o numero de *O Apostolo* de 5 de Maio de 1900, Moreira Pinto deu á estampa artigo de referencia ao Imperial Colegio. Na idade viril e na senectude as lembranças da infancia e da adolescencia descidas a fundo de vida emergem pouco a pouco na memoria.

Obedecendo a isto, Moreira Pinto voltou-se para o seu passado escolar, tirando da retentiva reavivada bem curiosa narrativa. Ser-nos-ia possivel reproduzi-la no respeito a texto, parece-nos preferivel reproduzir as palavras do proprio recordador, impressas ha quarenta e dois anos:

"Não posso terminar esta noticia sem narrar um facto, que ocorreu commigo, quando estudava no antigo Internato D. Pedro Segundo. Curava eu o quarto ano quando fui acometido de uma molestia grave, que quasi levou-me ao tumulo.

A molestia, alem de grave, foi longa. Ainda eu convalescente fui para o collegio, para não perder o anno. Por mais esforços que fizesse não podia recuperar o tempo perdido. Meu pae era um homem bastante severo, e eu receiava que ele realiasse uma ameaça que me fizera no anno anterior, a de confiar-me a um navio de guerra, caso sahisse reprovado.

Vendo que era impossivel preparar-me para fazer um exame regular e sob a ameaça de meu pae, lembrei-me de recorrer a S. Joaquim. Em uma noite dirigi-me á capella do Collegio, fechei-me por dentro e sosinho prostrei-me perante a imagem do Patriarcha e com fé ardente e as lagrimas nos olhos pedi a S. Joaquim que me fizesse sonhar com o ponto que eu tinha de tirar em exame. Retirando-me da capella, recolhi-me ao dormitrio e buscando m u leito consegui logo dormir. Alta noite desperto vi rapidamente diante de mim o algarismo 9. Ao acordar-me pela manhã declarei aos meus collegas que ia tirar o ponto 9. Dos 40 pontos que entravam em exame estudei uns dois ou tres, entre elles o ponto que eu tinha visto em sonho ou acordado.

Chegou o dia do exame. Apresentei-me a elle cheio de fé e convencido de que ia tirar o ponto 9. Chamou-me o secretario, que era então o Dr. João da Cruz Santos. O reitor, Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rego, já ciente do facto de meu sonho, perguntou-me que ponto ia tirar. Respondi-lhe que era o ponto 9.



Dr. Augusto Goldschmidt (em 1881 (1859-1927))

Suspeitando que eu trouxesse o ponto empalmado, examinou-me a mão direita e, nada encontrando, ordenou-me que arregasasse as mangas da jaqueta e da camisa, até acima do ante-braço, proximo á clavicula. Cumprindo ordem do reitor foi-me ordenado que confiasse de novo á urna o ponto que havia tirado.

Recusei-me, pedindo ao secretario que o fizesse. Voltando o ponto 9 á urna, foi esta agitada muitas vezes. Lancei a mão pela segunda vez á urna e dela tirei mais uma vez o ponto 9. Contentissimo, dirigi-me para a tribuna e fiz um exame brilhante.

Glorioso Patriarchal! Mais uma vês prostro-me aos vossos pés, e infinitas graças vos dou ao Eterno pela grande esmola que, a vosso pedido, me concedeu."

Reunimos aqui algumas lembranças do Imperial Colegio de Pedro Segundo. Gosou e usou este nome até 1889. Ao calor de paixões deram ao Colegio outras denominações. Mais tarde uma reparação tardia e justa restituiu á casa de ensino de 1837 o nome escolhido por Olinda, referendado por Vasconcellos.

HERANÇAS

De Aluizio Azevedo

Duro o sobreceño, a cara franzida e má, trabalhava ele sombriamente á sua secretária, importunado pelo rumor de duas vozes, uma de homem e outra de mulher, que altercavam na sala proxima, num arrastado crescendo de rixa habitual.

— Diabo! — resmungou, coçando a cabeça. — Já lá estão os dois brigando! Não me deixam fazer nada!...

O ruído aumentou. Cruzaram-se injurias mais fortes; ouviram-se punhadas e pontapés nos moveis.

— Que inferno!

E o rapaz arremessou a pena e correu á porta da sala, exclamando desabridamente:

— Então, meu pai! não tenciona acabar com isso?!

— Pois não vês que é tua mãe que me provoca?! — berrou o outro, apopletico de raiva. — Vem ouvir só o que ela me está dizendo, esta peste!

— Ora tenha juizo!...

— Malandro!

— Ouviste?!

— Não faça caso!...

— Especulador!

— E' de mais!

— Deixe-a lá!...

— Bebedol Covardel!

— Covardel? Pois vou dar-te o pano de amostra da minha covardia, vibora assanhada!

E o homem atirou-se em furia, de mãos prontas para fechar a mulher dentro das garras. Mas o filho, de um salto, susteve-lhe a carreira e aprezou-o energicamente pelo vigoroso dorso, empurrando-o para o quarto onde trabalhava e cuja porta obstruiu com o corpo.

— Deixa-me, ou te arrependerás! — bradou o pai, ameaçando-o com o punho cerrado.

— Acalme-se! O senhor já está em idade de ter juizo. Apre!

— Tonto na lingua! Olha que ainda sou homem para amassar vocês dois numa só pasta!

O filho não fez caso da nova ameaça, deu com impeto uma volta á maçaneta da porta e disse ao outro em tom seco:

— O senhor está hoje num dos seus dias, e eu preciso trabalhar, sabe? O melhor é por-se ao fresco! Vá dar um giro pela estrada. A lua já nasceu e os caminhos estão secos até á estação...

— Não vou! Ninguém aqui nesta casa tem o direito de mandar-me sair!

— Decerto, mas é melhor que se afaste... No fim de contas sou seu filho e pesa-me ter de faltar-lhe ao respeito para defender minha mãe.

— Chega a tempo esse escrúpulo... não há que ver!

— Não puxe palavras! Sinto-me pouco disposto a discutir e tenho muito que fazer!

— Pois não me provocasses! Não te fosses meter onde não eras chamado!

— Não o provoquei, ora esta! Meti-me na sua contenda com minha mãe, para lhe não deixar que batesse nela. Não seria a primeira vez. Sei até onde vai a força do seu genio!

— Meu genio! E podes tu falar dele?... Acaso tens tu melhor genio do que eu?... Não me terás dado por ventura as mais belas provas da tua brutalidade e da tua insolencia?... Sempre te conheci feroz! Ainda bem pequeno, em um impeto de raiva, uma vez que no açude te quiz constranger a nadar comigo, mordeste-me o braço como um cão! conservo até hoje no corpo o sinal dos teus dentes! olha!

E, em um só tempo, o homem arregaçou até ao biceps as mangas do braço esquerdo, estendeu-o erecto e nú defronte dos olhos do filho.

Este abaixou a cabeça com tristeza, sem desfranzir o sobreceño...

— E' exato... — disse, saí aos meus... — Juro-lhe porem que sempre me arrependo das minhas violencias, mal as cometo... E se ainda há pouco não interviesse na sua disputa com minha mãe, o senhor tê-la-ia espancado...

— E o que tinhas a ver com isso? Antes dela ser tua mãe, já era minha mulher! Tu lhe deves respeito, mas eu tenho o direito de ser respeitado por ela!

— Bom! Acabou-se! Vá dar um passeio: vá que isso lhe fará bem...

— Não acabou tal! quizeste arrematar a contenda, pois agora é aguentar com ela! Se assim não fosse, excusava eu de estar aqui a trocar palavras contigo; já sabes que posso passar perfeitamente sem te ouvir a voz...

— Mas afinal, onde quer o senhor chegar?

— Quero despejar os meus ressentimentos contra tua mãe e contra ti!

O rapaz sacudiu a cabeça com impaciencia, e soprou forte todo o ar dos pulmões, cerrando mais as sobrancelhas.



O outro prosseguiu, resfolegando a miudo:

— Ela, aos teus olhos, será tudo quanto quizeres; para mim é, e sempre foi, um demonio! uma furia infernal! uma serpente venenosa!

— Lembro-lhe de novo que sua mulher é minha mãe!

— Sei, e é por isso justamente que não a conheces. Não podes ver nela a verdadeira criatura que nela existe! Todas as mulheres são, para os seus competentes filhos, uns anjos impecaveis; mas se aquele diabo te dissesse uma só parte do que a mim me repete a cada instante, na febre do rancor e da maldade, terias a cabeça em fogo como a minha escalda neste momento!

— Basta! não quero saber disso!

— Hás de saber! Não aceito imposições!

— Peço-lhe então que se cale, ou se retire...

— Pedes-me? Com que direito? Acaso esperas tu que eu atenda aos teus pedidos? Só pedidos de amigo se tomam em consideração e tu nunca foste meu amigo!

— Se nunca fui seu amigo a culpa não é minha. O amor filial é sempre consequencia do amor dos pais. Não nasce com o filho, é preciso formá-lo. Sei que amo minha mãe...

— Tal mãe, tal filho! Ela declara que me detesta; ele declara que nunca me amou...

— E o senhor?... amou-me algum dia?... No entanto o seu amor de pai devia ter nascido comigo, que sou seu filho. Eu tinha o direito ao apeiar-me na vida de encontrar o seu amor já de pé, á minha espera, ao lado dos gemidos de minha mãe parturiente: e foi só o amor materno que me recebeu, e só ele me vigiou o berço. Caricias de pai não me recorda havê-las recebido na idade em que se forma o amor no coração das crianças. Saí dos alugados braços de uma ama para o venal desterro de um internato de segunda ordem, onde bem raras vezes o senhor foi visitar-me. Nesse tempo, confesso-lhe, menos me lembrava das suas feições que das de outros pais que lá iam frequentemente visitar os filhos mais felizes do que eu, nem sei, com franqueza! até como não cheguei a esquecê-las de todo! Do internato segui logo a trabalhar para um país estranho, onde suas cartas foram tão raras quanto foram as suas visitas ao collegio. Volto á minha terra, entro de novo nesta casa, sou friamente acolhido pelo senhor, e, pouco depois, recebo ordem sua para tomar por esposa uma rapariga, que eu mal conhecia; recuso. O senhor insiste. Resisto a pé firme; o senhor opõe-me com empenho uma serie de razões pecuniarias, que em nada alteram o meu proposito; e então o senhor ameaça-me, como se eu fora uma criança ou um imbecil, e lança-me á cara

DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de molas

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
DECORAÇÕES: Seção dirigida por
GILBERT DE PARIS

ALUIZIO AZEVEDO bem pode ser considerado o Zola dos rompicos.

Primeiro, talvez, entre nós, a se preocupar com a colheita do MATERIAL para os seus romances realistas, fundados na observação direta e incisiva da vida dos cortiços, das casas de pensão, ou dos meios provincianos do norte, o grande escritor maranhense deixou um conjunto de obras perduráveis na nossa literatura de costumes, com um vigor e uma homogeneidade que só seria repetida quarenta anos depois, sob outros aspectos, é claro, pela voga dos romances cíclicos, á maneira do ciclo da cana de açúcar, de José Lins do Rego,

CASA DE PENSÃO, O CORTIÇO, O HOMEM, O MULATO, LIVRO DE UMA SOGRA, ainda hoje, a despeito de qualquer restrição que se lhes faça, pela preocupação da tese desenvolvida em muitos deles, valem como páginas definitivas do romance brasileiro.

Do mesmo vigor são também as suas narrações curtas de DEMONIOS e PEGADAS, a que pertence o conto



que oferecemos neste numero aos nossos leitores. Pagina brutal da vida, que não é apenas da cronica nativa, mas de todo o universo, pelo jogo violento dos caracteres tão bem gisados, HERANÇAS pôde figurar, certamente, com o relevo de verdadeira obra prima da SHORT-STORY, no genero em que foi o mestre dos mestres o grande Guy de Maupassant.

todas as brutalidades que lhe vêm á boca; eu pela primeira vez fico conhecendo o homem que é meu pai: começo a detestá-lo e, uma vez por todas, perco-lhe o respeito: insulto-o! Desde esse infeliz momento, toda a indiferença que o senhor tinha por mim transformou-se em odio, odio legítimo e mortal. E, de então até hoje, o senhor, apesar dos meus esforços em ser bom filho para minha mãe, não procura disfarçar sequer a profunda aversão que eu lhe inspiro! Não é esta a verdade?

— Sim! é! Eu te odeio, porque o teu proceder para comigo, negando-te a aceitar a esposa, cujo dote vinha salvar tua familia da miseria, foi indigno e cruel, em vista da franqueza com que te falei e das suplicas que te fiz!

— Indigno?!

— Foi mais: foi degradante, porque foi uma extorsão, foi um roubo!

— Oh!

— Sim, um roubo! Posso prová-lo!

— Não! Não há razões que justifiquem a exigencia de tal sacrificio, nem há homem de bom senso que se preste a casar pelas conveniencias pecuniarias do pai!

— Há! Eu fui um deles! Como tu, saí do collegio para aprender a ganhar a vida longe de minha terra; ao voltar a esta casa meu pai apontou-me, como te apontei, a mulher com quem devia eu casar. Recalcitrei, como tu recalcitraste; mas o pobre homem trouxe-me para este quarto, que era então o seu gabinete de trabalho, fechou-se comigo e, chorando, abriu-me o coração e contou-me a sua vida; disse-me que seu casamento tinha já sido feito em identicas circunstancias para salvar meu avô de uma vergonhosa ruina, e pintou-me nua e crua, tal qual como fiz contigo, a sua tristissima posição. Ele, coitado, tinha aqui em casa uma orfã rica e feia, de quem era tutor, e de cujo dote lançara mão; a maioridade dela estava a bater á porta; ia chegar o momento da prestação de contas e meu pai não tinha com que. A sua ultima esperança era o meu casamento com a pupila, essa detestavel criatura que foi depois tua mãe. Pois bem! eu, aliás apaixonado por outra mulher, de quem até hoje nunca mais me esqueci; eu não tive animo como tu tiveste, miseravel, de abandonar meu pai ao desespero e ao oprobrio que o esperavam, e sacrifiquei-me por ele. Era o meu dever de filho — cumprí-o. Meu filho, por sua vez, não fez o mesmo a meu favor — lesou-me! E' um ladrão!

— Cale-se, por amor de Deus! — exclamou o rapaz, sentindo que a colera, dentro dele a custo reprimida, ameaçava rebentar.

— Não me calarei! Has de me ouvir!

— Oh cale-se! cale-se! não me queira fazer mais desgraçado do que sou! Cale-se, ou não responderei por mim!

— Ameaças-me? — bramiu o pai. — Não te tenho medo!

O rapaz cerrou os punhos, rilhando os dentes. Tremiam-lhe os musculos da face, tal era o esforço que fazia para conter-se.

E os dois olharam-se, em mudo e ofegante desafio. Pai e filho mediram-se com o mesmo odio, com a mesma irascibilidade hereditaria, com a mesma loucura consanguinea.

Uma palavra mais, só uma palavra, bastaria para os lançar um contra o outro.

* Mas a porta da sala abriu-se de roldão, e a mãe acudiu correndo para o filho, a cujo pescoço se agarrou com impeto.

— Meu filho, não lhe batas! não lhe batas, — implorou a misera.

— Não lhe tocarei! Obrigado, minha mãe... Ele, porem, que sáia já da minha presença! Não o posso ver!

— Lembra-te de que ele é teu pai!

— Seu pai, nunca! — vociferou o outro. — Não é possível que este monstro seja meu filho!

E, espumando de raiva, dirigiu-se á mulher, com o punho fechado e o braço estendido, quasi a tocar-lhe no rosto:

— Esse bandido é teu sangue e só teu sangue! Semelhante traficante nunca poderia ter procedido de mim! Concebeste-o de qualquer cigano ou de qualquer vaqueiro errante!

— Ah! — gemeu a mulher em um grito de dor e de revolta, levando ao coração ambas as mãos, como se o tivessem apunhalado.

— Rua! — berrou o pai. — Sai já daqui de minha casa! Rua, miseravel!

E atirou-se sobre o filho, para o lançar fora.

Ouviu-se então um bramido de fera assanhada. O rapaz com um movimento rapido, empolgara-o pela cintura, gritando-lhe feroz:

— Tu é que saíras, infame! Vou despenhar-te pela escada!

E travou-se a luta, irracional e barbara. Pai e filho eram ambos possantes e destemidos. O rapaz cingia o outro pelo rins e, aos arrancos, procurava arrojá-lo para o corredor. Mas o adversario resistia, e os dois estreitaram-se com mais gana, feitos em um só, em uma só mole ofegante e furiosa, que rodava aos trancos pela casa, levando aos trambolhões o que topava, despedaçando moveis e vidraças, esfregando-se pelas paredes, a rodar sempre fundidos em um infernal abraço de odio, filho de odio, de odio do mesmo sangue.

Afinal fraqueou o mais velho, caindo de joelhos. E o outro, de pé, começou a arrastá-lo penosamente para o lado da escada.

— Hás de saír!

O arrastado forcejava para resistir ainda, escorando-se no chão com os pés, com as pernas e com os cotovelos, mas, polegada a polegada, ia cedendo. Arfavam como dois touros.

— Larga-me! Larga-me!

— Hás de saír! Has de saír!

E aproximavam-se do patamar. Já parte do caminho estava vencido. Não tardaria o primeiro degrau. O mais velho, porem, a certa altura do corredor, fez um supremo esforço, para erguer a cabeça, e, pondo as mãos, suplicou de joelhos quasi sem folego:

— Para aqui, por amor de Deus! Não me leves mais adeapte!... Foi até aqui, neste lugar justamente, que eu, nestas mesmas condições, uma noite como esta... arrastei teu avô como me estás arrastando agora!... Não me leves alem do que eu o levei!... Não seria justo! Vingaste-o!... Estamos quites!

O que eu podia ter sido

(Conclusão da pág. 5)

pedindo-lhe que desse colocação a um homem sério e inteligente. Mas, passados os oito dias que combináramos, o sujeito não me procurou. Dois anos decorreram sem que me apparecesse. Mas um destes dias, de repente, ei-lo entrando na minha sala de trabalho, barbeado de fresco, penteado a primor, de roupa nova, de luvas...

— Olá, caro amigo! exclamei, admirado e satisfeito — Que elegancia!

— Sim... respondeu ele, mais satisfeito ainda. — Estou noivo... e duma criaturinha adoravel... a filha de Kaznar. Além disso, ela me quer deveras!

— E agora? Trocaria a sua situação pela do herdeiro do senhor Czerependy Pergo Boldizsar?

— Oh, não! Nem pela do imperador da China!

NUMEROS ATRAZADOS DESTA REVISTA
NO DISTRITO FEDERAL

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550

EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS 323 -- TELEFONE 47866



TAPETE MAGICO

Imagens de fim de ano, ressonância das festas de Natal, alvorada de esperanças para o ano que vem.

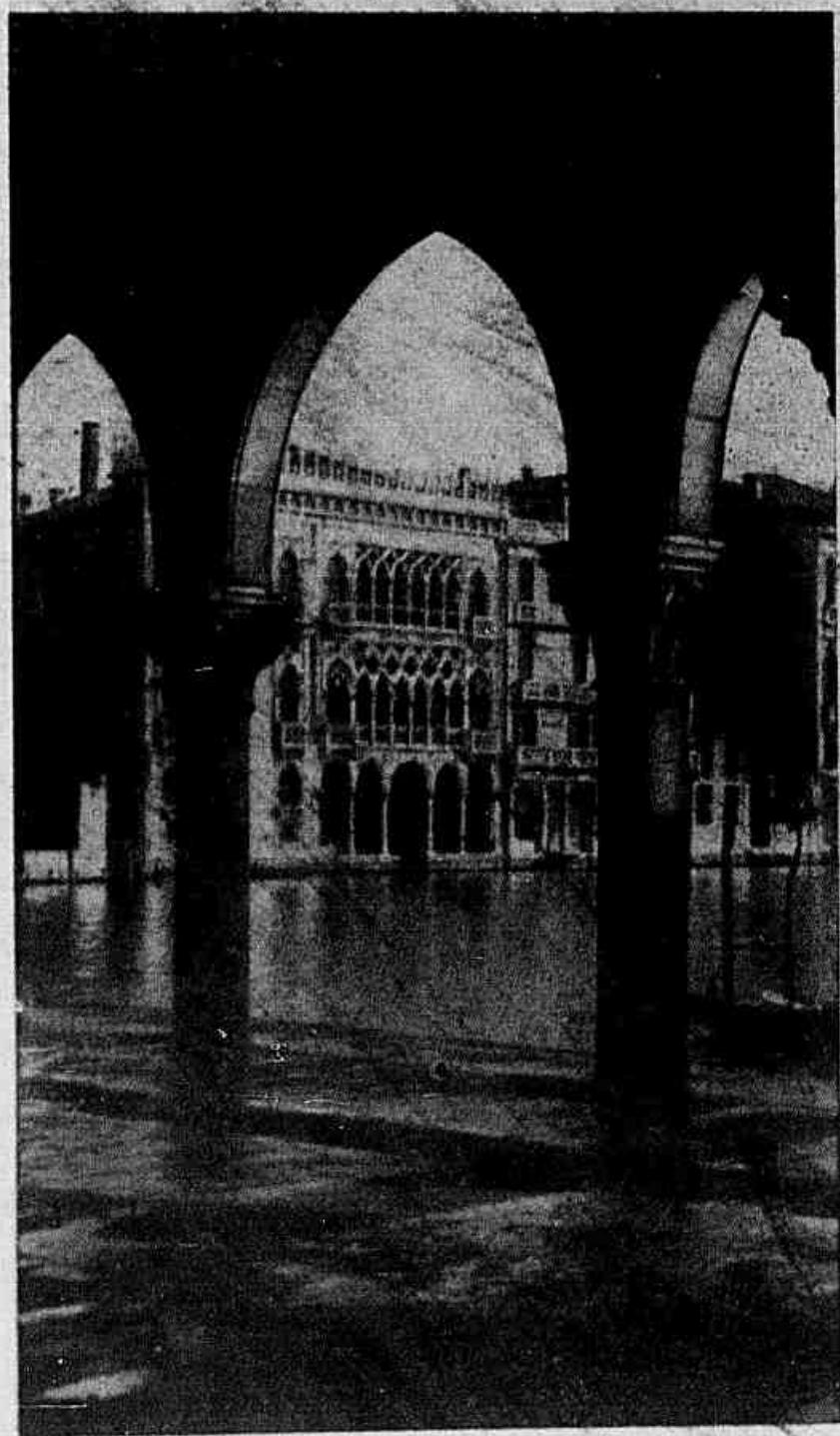
O maravilhoso quadro de Gerard David, que damos acima, vale pela melhor mensagem de doces promessas. A Virgem, com o Menino Deus entre os braços, ouve o coro de hosanas dos anjos. No seu coração não cabe ainda nenhum sobressalto pela vida do Filho pequenino. Ele é apenas a Divina-Criança, diante da qual só as vozes de alegria se escutam.



“Ca d'Oro”, palacio dalgum doge embevecido com os sonhos de riquezas orientais. Mirando-se nas aguas do Grande Canal, em Veneza é um sonho de pedra, eternizado para encantamento dos olhos. A memoria das aventuras doutras éras, dorme, á espera de acordar a qualquer sugestão do momento, na imaginação dos visitantes.



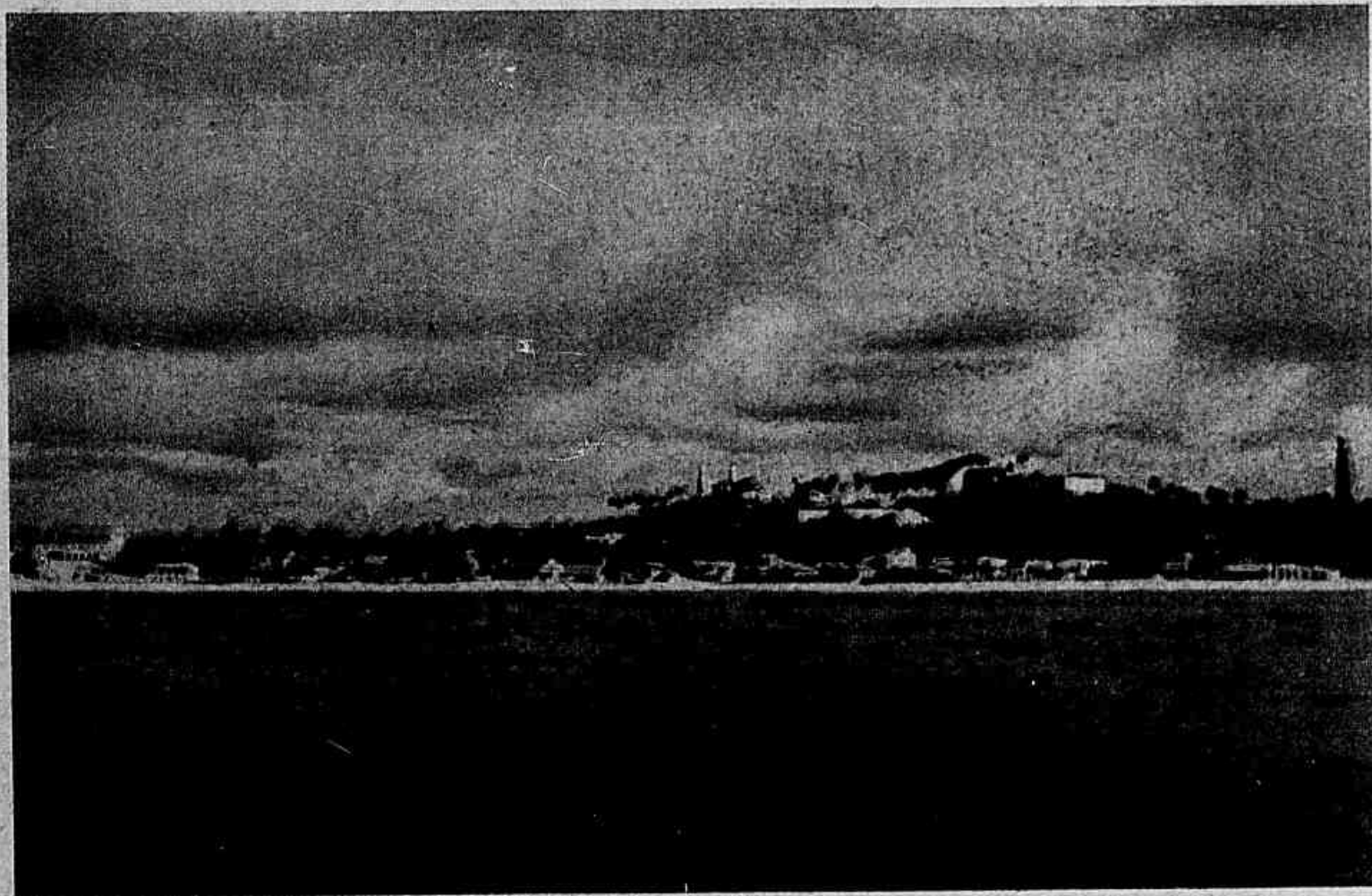
Na ilha da Madeira, a perola do Atlantico, como a chamam os portugueses, o trenó puxado a bois é o passeio ideal para os turistas — que nestas horas de tremendos sustos para a humanidade hão de ser bem poucos, infelizmente.



Nossa Terra — Oração a Olinda

por **MARIO SETTE**

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)



OLINDA DE HOJE.

FOI talvez numa hora assim, luminosa e atraente, que Duarte Coelho, faz quatro séculos, assomou a esta eminência, vindo das terras distantes de Igarassú onde descera um dia das suas caravelas. Não vinha só o fidalgo lusitano; acompanhavam-no outros nobres e lacaios. Pararam todos, aqui. Do alto avistaram o mar, esse mar que era o feitiço das almas de Portugal, o motivo dos arrojos para as aventuras das quais nem sempre se voltava; viram em torno as matas cuja verdura nunca se destonalizava; sentiram o aroma dos frutos maduros de um sabor perdurante nas bocas dos que os provavam como lembrança peregrina do solo que os produzia; adoçaram os olhares com a suavidade e a brancura das areias a cintarem lá em baixo os limites das encostas floridas de gitanas; ouviram sem dúvida o concertante das aves menos medrosas e raras do que hoje a encherem as ramarias dos velhos e copados arvoredos... Foi talvez numa hora assim, transparente e clara, que Duarte Coelho deixou romper dos seus lábios aquela exclamação de gabo repetida pelos cronistas e pelos séculos: — OH! LINDA SITUAÇÃO PARA UMA VILA!

Olinda! A denominação elogiosa na sua semântica, como harmoniosa na sua prosódia, ficou a batizar o núcleo do donatário. Outro nome não mais lhe caberia. Nova Lusitania... Marim dos Caetés... Tudo seria tentativa vã de persistência quando a espontânea exclamação se impusera de maneira definitiva.

Aqui nasceu Olinda e nasceu com ela Pernambuco. Mas, ainda é pouco como significação histórica: Aqui surgiu e firmou-se a civilização brasileira. Não há exagero nem jactância em dizê-lo porque nenhum outro senhor de capitania encarou tão a sério sua missão e criou uma vila tão ciosa de trabalho, de ordem e de cultura. São Vicente fôra a começo um esboço; Olinda se tornou logo um painel.

Nós rodeamos, sim, rodeamos, agora, o belo e emotivo berço da nossa civilização que é também o berço enternecedor de nossa terra.

Neste chão Duarte Coelho mandou levantar a sua torre "num alto livre de padraços", como afirmam em sua linguagem de um pitoresco quinhentista os historiadores. Torre residencial e torre de defesa. Quadrada, imponente, autoritária, de um massivo feudal, com seteiras para luz e para revides, com as portas de aldrabas, com ameias para canhões, com a cruz de Cristo para convite à fraternidade dos povos selvagens destas bandas. O convite não teve compreensão a princípio. E a luta foi áspera. As tribus indígenas investiam, hostilizavam. Do seio das florestas vinham as flechas embebidas no curare mortalíssimo e aí! do que andasse por fóra à cata de uma mangaba, de um araçá, de um cajú... Repeliam-se os ataques com armas estranhas para os atacantes, porém eles já não mostravam espanto aos lempejos dos mosquetes nem ao ribombo das colubrinhas como os de Caramuru. Reagiam... E cercaram os homens brancos. Indisfarçavelmente um cerco. Rareavam os frutos e baixava o nível da água doce nos potes. Ir buscá-la numa nascente, em colina próxima, custava vidas.

Foi quando Vasco Fernandes de Lucena, astucioso e amável, "grande língua", depois de haver conquistado as graças de algumas indígenas com os fascinantes presentes dos adornos de missangas e dos espelhos que lhes refletiam os rostos melhor que as cacimbas, a ponto de elas lhes trazerem clandestinamente iguarias cheias do líquido sem preço — foi quando, sim, Vasco de Lucena traça no chão um sulco e garante em bom e claro idioma tupi:

— Quem passar aqui, morre!

Lenda ou verdade, pouco importa, pois a lenda é a ilustração colorida da história, selvagens que se atreveram a transpor o risco, caíram fulminados. Não precisou mais às almas supersticiosas da gente primitiva e nômade que adorava Tupan porque trovejava, quando os civilizados amavam a Jesus porque sabia perdoar...

No local do risco, ao se irem embora, ao repenetrarem nas matas, ao se distanciarem pelas praias os índios, mandou Duarte Coelho erguer a ermida do Salvador que se transformou depois nesta Sé.

FOI AQUI!

Digamos baixinho, cada um de nós, para nós mesmos, esta frase simples e integral:

FOI AQUI!

Aí está o mar... Aqui estão as árvores... Sob nossos pés, o chão... Em cima, o céu... Ao nosso lado, a igreja.

Olinda, livre, cresceu. Duarte Coelho com sua inteligência, sua probidade, sua energia, sua fidelidade, seu patriotismo, encarara a sério a missão que D. João III, seu Rei e seu Senhor, lhe assinara. E funda o primeiro campo de sementeira da nossa sociabilidade, do nosso trabalho agrícola e industrial, da nossa elegância, do nosso sentido nacionalista... Querendo criar uma Nova Lusitania, ele estava criando o Brasil, porque em nenhum outro sítio da terra descoberta se foi mais brasileiro do que em Pernambuco. Aqui surgiu o cavalheiro, o soldado, o sacerdote, o revolucionário, o vaqueiro bandeirante, a dama, o poeta, o senhor de a mãe preta, o jangadeiro.

Estas ladeiras testemunharam o evoluir dos pernambucanos. Nós andamos, nesta cidade, entre sombras, as sombras do nosso passado, os arquitetos da

nossa grandeza. Há um monumento em cada uma dessas pedras velhas e em cada grão desta areia humilde. Nossos olhos precisam saber ver, em Olinda. Uma soleira de igreja, meio carcomida pelos passos de milhares de devotos, de várias gerações, tem uma "história" para nos contar. Entre os pés que a pisaram, terá havido alguns que trouxeram àquela nave uma alma para orar nas horas aflitivas em que os holandeses já ameaçavam a vila... Será talvez fantasia de nossa imaginação, será. Mas bem pode ser rigorosamente histórico. Olhemos esses "passos" que um dia em cada ano, mãos enfeitadas, varrem, iluminam para que o Senhor em trânsito pare e se incline. Esse gesto de hoje é um gesto repetido há 300 anos!... Reparemos para esses cruzeiros no meio das ruas com seus degraus acolhedores e seus braços abertos e evoque-mos as tardes antigas de procissões que desfilam pelo capim destas campinas aos toques dos sinos de todas as torres desta cidade mística e heroica, procissões de irmandades vistosas, de anjos de saias rodadas, de músicas pausadas, de andores cheirando a cravos e alecrins, de círios que se acendem e tremebrilham ao cair do sol... Ressuscitemos Olinda dos palanquins a descender para as novenas do Carmo, para a festa do Monte, para o sermão da Misericórdia... Olinda das cavalcadas de domingo quando os cavaleiros dextros e em trajes de veludo destemidamente iam depor as argolinhas arrancadas num galope dos belos cavalos ajazezados de ouro, as damas de vestidos de damasco e cabelos em cachos a admirá-los das tribunas de honra... Olinda das bicas cuja água brota misteriosamente e que na crença do povo vem de nascentes profundas nos alicerces dos velhos templos... Olinda dos sonhados subterrâneos atocados de riquezas que os holandeses não puderam conduzir nem encontrar... Olinda dos balcões de madeira rendilhada, à moda mourisca, onde as moças viam quem passava, num recato de não quererem ser vistas... Quanta coisa!...

Olinda era no fim do século XVII, segundo o depoimento de vários cronistas, uma vila com mais de 800 casas de pedra e cal e já possuía no seu âmbito urbano templos como o Amisericórdia, a Sé, o Carmo, São Francisco, Monte, São João, Guadalupe, São Bento... Tinha a Casa da Câmara com dois pavimentos e um sótão. Tinha o Paço do Donatário em forma de torre quadrada. O Colégio dos Jesuítas monumental e austero já se mostrava no teso da sua airosa colina. Luxava-se. As damas andavam de chamalotes e brocados. Os cavaleiros cingiam gibões de veludos. Aos excessos do vestir juntava-se os do comer e do beber. Fazia-se até teatro.

Quando os flamengos apareceram ali naquele mesmo horizonte de hoje, com suas 56 velas, todos os olindenses estremeeceram. Não era somente o instinto de conservação, o medo de morrer, o pavor do povo estranho. Era a revolta de entregar a terra. O horror de perdê-la. A humilhação da língua diferente. A blasfêmia de um outro credo. Naquela vila que já tinha 80 engenhos a moer, cujo açúcar sobrava dos quarenta e cinquenta navios que o vinham buscar todas as safras... Naquela Olinda de banquetes com viandas magníficas em pratos fartos e vinhos espumantes em taças sempre cheias; dos leitos de jacarandá entalhado com colchas de seda e de rendas; com os salões revestidos de azulejos de alto a baixo; com 8.000



A CONCEIÇÃOZINHA DAS FREIRAS.

brancos, 2.000 índios mansos e 10.000 escravos da Guiné e de Angola; naquela Olinda de 1630 foi o pânico e foi a tristeza. Tarde eles meditaram na frase incisiva de frei António do Rosário, ali pertinho, no púlpito da Misericórdia:

— Com a troca de uma só letra, Olinda se tornará Olanda.

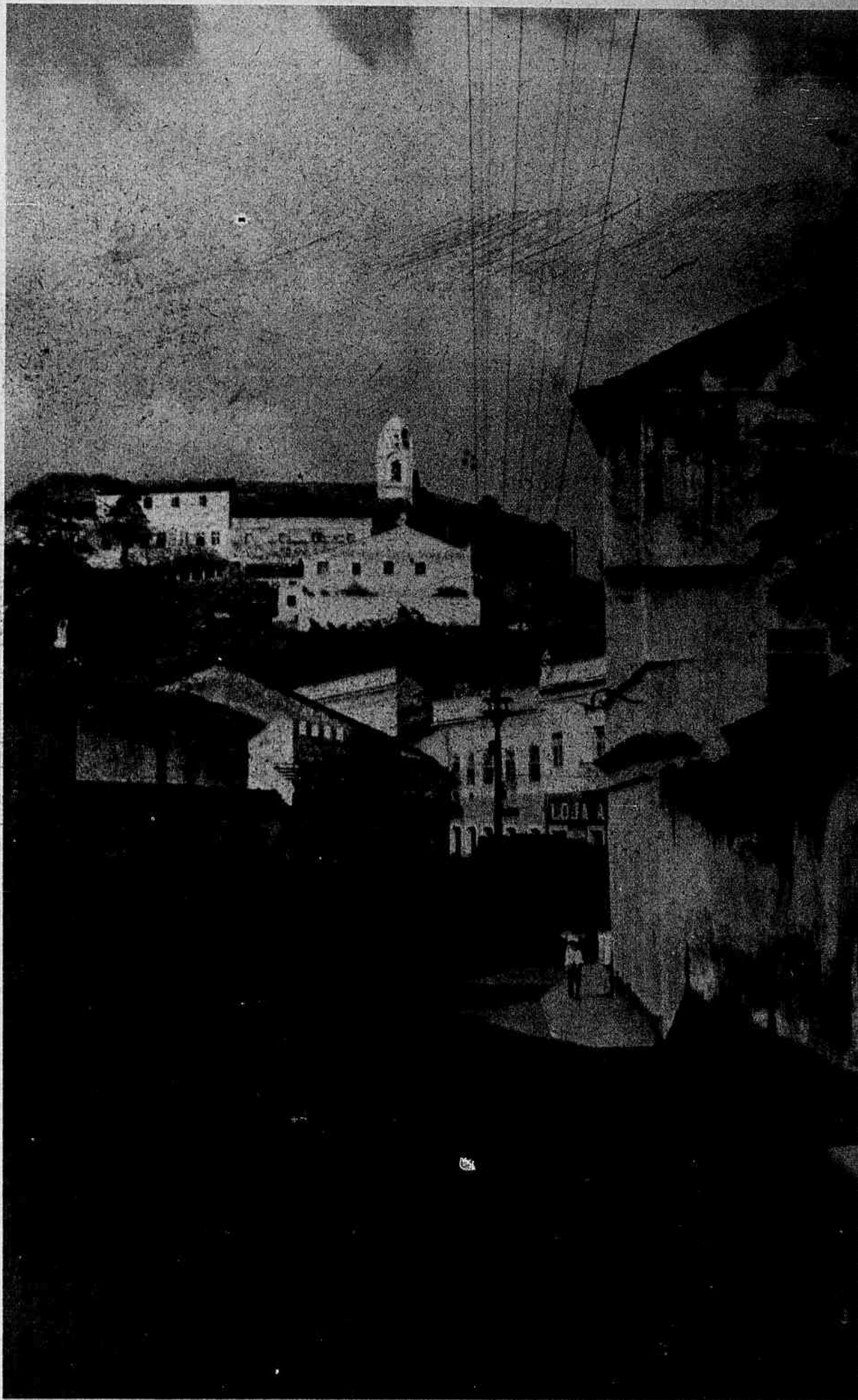
Assim foi. Ninguém se arrependera de seus pecados e os holandeses com Vandenburg à frente estavam já em Pau Amarelo. A esquadra flamenga que surgira a 14 de fevereiro tentara desembarcar no povoado do Recife. Debalde. Os fortes do Mar e de São Jorge repeliram o fogo dos navios e o parlamentar que vinha a caminho de terra para intimar os filhos da terra à capitulação e entrega. A vista dessa recusa, Vandenburg veleja para o norte com 16 navios e 4.000 homens. Favorecido pela noite põe na praia a sua tropa sem resistência. Artilharia, víveres, soldados. Divide o exército em quatro corpos e passam a noite ali. Ao clarear marcham pela beira-mar, com suas 36 bandeiras desfraldadas. O sol erguendo-se do mar aumenta-lhes o brilho das baionetas. E prosseguem impávidos, certos da vitória...

A cidade, avisada, está em pânico. Os tambores tocam a rebate. As mulheres choram e gritam. Os homens escondem seus haveres, enterram dinheiro, encontram roupas. Partem em exodo cadeirinhas, cavalos, redes, bandos a pé. Batem-se as portas almofadadas dos conventos. E o inimigo vem perto. No Rio Doce, onde a pouco também demoramos, choca-se com as forças de defesa. Briga-se. Os grupos de Ordenanças reagem, mas as trincheiras são logo tomadas. Ao longo da praia lanchas a remos cheias de marujos armados auxiliam o avanço dos batavos. Matias de Albuquerque acorre do Recife com reforços. Tudo em vão. Nada pode conter os holandeses. O capitão Francisco de Freitas que guarnecia a trincheira do Rio Tapado não pôde resistir como quisera e tentara. E afinal Olinda caíra, rendera-se.

Então, senhores da vila, os hereges fartaram-se de desatinos. Sobem as colinas, penetram nas igrejas, profanam imagens e custódias, vestem paramentos de sacerdotes, bimbam sinos em gracejo, saqueiam lares e boticas, apoderam-se de dinheiro, de joias e de alfaias. Bebem nos cálices dos altares e caem bêbados sobre as lajes dos túmulos. Os piratas cumpriam sua missão. Eles não vinham plantar uma civilização, vinham extorquir riquezas. Não fosse bem da raça dos mercenários de todos os tempos!... Pouco lhes importava fé, tradições, costumes, língua, sentimentos, buscavam açúcar, madeiras, ouro, cachaça... E quando a vila de Duarte Coelho, onde nascia e florescia um núcleo civilizador, não podia mais nada oferecer de utilitário, eles a queimaram...

Olinda nunca pôde falar à inteligência dos bárbaros... Para entendê-la ainda hoje, e sobretudo hoje, é mister uma finura de espírito que falta aos devotos da pecúnia. Sobe-se, topográfica e intelectualmente, para se compreender, para se sentir a alma desta cidade. E, por isso mesmo, há aqui um silêncio, uma tranquilidade, uma emoção diferentes das que fogem de outros centros, mais ostensivos, mais fascinantes, sem dúvida, porém negativos a um ambiente de mística cívico-religiosa destes recantos que nós estamos percorrendo hoje.

Olinda ardeu toda. Ardeu como uma tocha imensa que destrói mas purifica. Dessa purificação saíram as



UM TRECHO DO VELHO TEMPO.



O BALCÃO COLONIAL DA RUA DO AMPARO.

almas dos vencedores das Tabocas e dos Guararapes. O intruso reembarcou. A vila ressurgiu das ruínas. Repovoa-se. Reanima-se. Não será a mesma opulenta e soberana de outrora... Não será. Mas, o Recife que progride e aumenta, mercê da sua configuração de ancoradouro, não vencerá logo a menina dos olhos de Duarte Coelho. Ele reagirá como reagiu de armas nas mãos e de alcunha pejorativa nas bocas: "Mascates!"... Fez mais: reuniu os seus filhos indignados e ciosos no Senado da Câmara e gritou: — Fiquemos livres de Portugal e sejamos uma república.

Olinda, mulher, mostrava-se herdeira daquelas outras mulheres afoitas e valentes que de chuços, de machados, de vassouras e de panelas repeliram os holandeses em Tejucupapo. E ela de novo, em 1821, dava seus soldados aqui aquartelados para se reunirem aos goianenses que foram depor o governador português Luís do Rego Barreto, o último estrangeiro que nos governou, a nós pernambucanos. Porque antes do Ipiranga, um ano antes, nós elegíamos aqui nesta mesma Sé de Olinda a nossa junta governativa composta de filhos da terra.

Que de epopéias do nosso passado nos rodeiam aqui! E ainda não é tudo.

Ergamos as vistas para aquela colina mais alta do que a desta Sé, do que a do presumível castelo de Duarte Coelho. Ergamos as nossas vistas. Há ali palmeiras de muito anos, de mais de séculos talvez. Há ali a massa de um grande edifício que numa tela de

Franz Post, pintada por volta de 1640, se identifica sem esforço e sem enganos, embora em ruínas. Aquelas paredes incontestavelmente foram contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, dos dias da invasão, das labaredas do incêndio, do desamparo da vila abandonada, dos sóes da reconstrução e do repovoamento. Naquela porta de entrada, quando os flamengos subiam estas ladeiras, embriagados de triunfo e de cachaça, de armas nas mãos sem piedade, fartos de sangue, ávidos de valores, um homem com poucos outros destemerosamente esperou-os. E combateu ainda defendendo a casa de Deus, a casa dos padres e a casa do saber...

Esse homem chamou-se Salvador de Azevedo. E aquele casarão onde hoje se formam os sacerdotes era o Colégio dos Jesuítas. Ao lado da ermida de Nossa Senhora da Graça. Colégio dos Jesuítas — ambiente dos primeiros, dos rudimentares ensaios da instrução no Brasil. Ali ouviu-se a soletração do alfabeto e o argumento da taboada pela voz dos catecúmenos. Ali a maravilha da leitura e a atração do cálculo prenderam os cérebros dos indiozinhos. Aprendeu-se a ler e a contar. Enquanto se aprendia também a rezar.

Não podemos assim deixar de ter um olhar cheio de carinho, ungido de respeito, transbordante de reconhecimento para esse edifício quatro vezes secular



As três Invassões da RUSSIA

Carlos XII versus Pedro o Grande • Napoleão versus Alexandre I • Hitler versus Stálin

De Juan de Ega

FOI um feito inédito nos anais da história o de Hitler em 1941, assumindo o comando em chefe das forças de sua pátria em operações na Rússia. Feito inédito porque o precedente de Napoleão não é aplicável. Napoleão era um general que chegara, pelos méritos de sua profissão militar, aos cumes do poder público. Justamente quando se decidiu a empreender a campanha da Rússia, em 1812, campanha que redundou num desastre, disse: "O Imperador" já fez bastante; é hora de o general voltar a fazer algo.

O chanceler Hitler, porém, não é um militar profissional. Foi soldado na guerra, como todos os cidadãos mobilizados. Foi o soldado desconhecido das trincheiras. Teve essa glória humilde. Uma experiência tão estreita, por si só não permite um real conhecimento da arte da guerra — a árvore já mais poderá fazer idéia do panorama que oferece a floresta.

Hitler, como Mussolini, que também foi soldado, não é um profissional da arte militar, mas um amador, e como tal empenhou-se no seu estudo com ardor. Contudo, nem sua aplicação nem o caudal adquirido com sua recente experiência podem improvísá-lo chefe. Por isso, ao assumir o mando das operações na Rússia, o comunicado oficial não ponderou sua competência, mas sua intuição.

Competência tinha seu predecessor, von Brauchitsch, e fracassou. Não se tratou de substituir essa competência fracassada por outra autorizada, de outro general. Não. Com von Brauchitsch foi exonerada a profissão do Estado-Maior militar, a tradição germanica de escola, e se apelou para a inspiração poética, a ciência infusa, o milagre. Hitler fez de obscuro Parsifal, que por sua virtude, não pela ciência, resgata a Sagrada Lança e substitue no templo aos velhos sacerdotes.

Que motivou tão grave mudança? Sabíamos apenas que o exército alemão se retirava. Líamos nas prosas oficiais de Berlim que a culpa era do inverno, que chegara pronto e cru como nunca. E nos recordamos das campanhas de Carlos XII e de Napoleão, que também endossaram ao in-

verno a responsabilidade de seus êrros. O inverno russo é um elemento previsível. E ademais um inverno não derrota um exército — quando muito aumenta o rigor da derrota e a converte talvez em desastre. O inverno não vence: carrega sobre os vencidos, acossa-os e os aniquila, como os ginetes.

Como se repete a história! Essa é a terceira retirada de um exército poderoso que pretendeu invadir a Rússia. A primeira foi em 1709, de Carlos XII da Suécia. A coroa da Suécia mandava orgulhosa em todo o Báltico, do qual Pedro o Grande procurava aproximar-se abrindo um postigo em São Petersburgo á imensa vastidão da Rússia. A Rússia era como um gigante asiático que queria vêr a Europa. Pedro o Grande queria realizar esse sonho, e abria brecha pelo Báltico ou pelo Mediterrâneo, produzindo receio ora na Suécia ora na Turquia. O rei sueco desestimou o poderio russo e se lançou alegremente a uma invasão. Atacou pela Ucrânia, impulsionado pela cobiça do seu fértil solo e pela convivência do hetman Mazeppa. Já havia quinta coluna no século XIII... Os cossacos e o inverno acabaram em Poltava com a glória de Carlos XII, que agradeceu a Deus estar perto da fronteira da Turquia, o que o livrou de cair prisioneiro dos russos.

A segunda invasão da Rússia foi a de Napoleão. Napoleão havia já vencido em 1806 ao czar Alexandre I e ajustado pazes com êle. O Imperador francês havia submetido toda a Europa, mas preferia ter a Rússia como amiga a tê-la como escrava. A Rússia não estoivaria a França na luta con-



UM DOS MAIS MEMORÁVEIS QUADROS DA HISTÓRIA MILITAR — O termômetro cai mais e mais abaixo de zero. Os cossacos, incansáveis, aproveitam toda oportunidade para atacar os fragmentos da destruída "grande armêe". Os lobos uivam à distância, ansiosos por devorar os corpos gelados. Através de 550 milhas Nev, o general da retaguarda, luta com seus homens para salvar Napoleão de uma completa destruição.

tra o seu inimigo número 1, a Inglaterra, dona dos mares desde os dias de Abukir e Trafalgar, as grandes vitórias de Nelson. Napoleão se propunha dividir com a Rússia o botim do mundo, contanto que ela colaborasse no bloqueio continental. Um pacto muito parecido com o de Hitler e Stalin em agosto de 1939, o qual permitiu ao primeiro ter as espáduas descobertas e ao segundo ir-se apossando das províncias bálticas, de um pedaço da Finlândia, da Bessarábia e da Bucovina, até que o chefe nazista se arrequeou do poderio russo, em silencioso e constante aumento. Não dominada a Inglaterra, fracassado o assalto a essa fortaleza nacional que são as ilhas da Grã-Bretanha, chegara o momento para Hitler de afrontar uma guerra longa, de olhar para além dos meses, para largos anos, — e então a dúvida da atividade futura da Rússia começou a atormentar o ditador nazista, tanto quanto a cobiça das riquezas que se escondem para além do Don. E começou a terceira invasão.

E' um caso idêntico ao de Napoleão, que atacou a Rússia por desconfiança, em busca de segurança. O « Capitão do Seculo » preparou minuciosamente a sua campanha, inspirado pelo temor, que a musa mais exigente. Nada faltou. A Europa, assombrada, viu passar, naquele verão de 1812, o descomunal aparato da « grande armêe », que não era francesa, mas francesa e dos povos ocupados, submetidos e aliados, entre os quais se haviam recrutado as divisões; não seria de outro modo que Hitler completaria seu exercito de invasão, pois recrutou reforços na Itália, na Hungria, na Rumania, na Finlândia, na Eslováquia, e ainda voluntários na Suécia, na Espanha e na França. A Prússia e a Polónia viram passar aquele exercito, o maior



A DESERÇÃO DE NAPOLEÃO — Após passar o comando ao marechal Murat, Napoleão toma um trenó e atravessa a Rússia a Europa Central rumo à França.

da época: seiscentos mil homens. Após a coluna marchava a colossal impedimenta de uma sábia intendência, que havia de prover às necessidades daquela serpente de colunas, quando se achassem na solidade sem recursos da Rússia central.

Uma coisa só não havia naquela retaguarda provisora: roupa de inverno. Napoleão não contava com o inverno. Não contava com o inverno, primeiro porque acreditava que o leão não era tão feroz como o pintavam; segundo porque cria haver alcançado a vitória antes de o inverno chegar.

Falando em Varsovia, em 1806, de seus planos da campanha que conduziu a Tilsit, seus amigos polacos o preveniram contra os rigores do clima.

— Bah!... — disse Napoleão. — O inverno é o mesmo de toda a Europa.

— Bem o quiséramos, sire — contestaram os polacos.

A respeito do ritmo relampago da campanha, mais rápida que as estações, Napoleão contava com ter a seus pés o czar não bem houvesse chegado aos ouvidos deste a notícia da magnitude do exercito invasor. Na pior das hipóteses ele teria de ocupar uma grande cidade e ganhar « uma boa batalha », como costumava dizer. Também Napoleão fazia guerra de nervos...

Mas o czar já havia dito: « retirar-me-ei até o Kamchatka, se preciso ». Em vão o colossal exercito invasor buscava o inimigo para conseguir a « boa batalha ». Os russos retrocediam por medo, porque não poderiam oferecer batalha a um tão gigantesco inimigo. Mas seu unico recurso, o de retirar-se indefinidamente, que a imensa amplitude do país lhes permitia, foi a mais habil das estratégias. Avançar era perder-se, perder-se, perder-se.

No ânimo dos soldados havia a angústia das crianças que sonham estar se distanciando do regaço materno e penetrando no mundo das sombras. Duas batalhas indecisas e várias cidades ocupadas; cidades onde, a cinco minutos de nelas entrarem eram saudados pelas chamas. A política de terra arrasada teve então sua experiência mais trágica. « Queimam as casas para que que não possamos dormir nelas nem uma noite »,

comentava desesperado Napoleão. O incêndio de Moscou corresponde, através de seculo e meio, à destruição ordenada por Stalin da imensa represa da Ucrânia, orgulho da Rússia. Suas águas retardaram o avanço dos alemães até ao Cáucaso, como as cinzas de Moscou marcaram o principio da retirada napoleônica.

São muito conhecidas as gravuras formosas e tristes da retirada de Napoleão e da batalha do Beresina. Um céu coberto de aves de rapina. Um exercito em frangalho. As companhias se sortearam o unico cavalo sobrevivente e o cavalgavam por turno. Napoleão, por seu lado, já não podia suportar montaria, e caminhava a pé, pela neve, em meio de sua guarda, apoiado em um bastão, com o capote destruído. Os feridos eram abandonados, e eles mesmos, certos da morte, ofereciam aos companheiros a própria roupa e calçado. As retaguardas ficavam desamparadas ao vadear os rios, e os cossacos caíam sobre elas. Napoleão em um trenó, acompanhado de seu embaixador em São Petersburgo, atravessou a Polónia e a Prússia com nome suposto. E em uma noite de dezembro entrava como um ladrão, sigilosamente, nas Tulherias.

Antes de empreender tamanha aventura, vacilára e fizera colher por seu bibliotecário todas as obras referentes ao desastre de Carlos XII em Poltava. Seguramente Hitler documentou-se agora do mesmo modo, não só a respeito de Poltava mas também de Beresina. Mas esses grandes desastres históricos têm, a julgar pelo que se repete em quem mais cuidado põe em evitá-los, certo malefício misterioso, ou certa sedução fatal, que atrai aqueles que os estudam, como os olhos de uma sereia. Como terminará a aventura de Hitler? Nem ele nem ninguém o sabe. Mas talvez a dúvida esteja trabalhando na consciencia do ditador-general, e enquanto ele atravessa as planícies geladas que testemunharam as derrotas anteriores, no seu espirito talvez se formule aquela pergunta que tantas vezes Napoleão se fez em Saint Cloud, em vésperas de iniciar a marcha contra a Rússia: « Como acabará tudo isto? »



O INCÊNDIO DE MOSCOW — « E' incrível! » — foi a afirmação de Napoleão ao ver a grande cidade envolta em chamas. Centenas de ricos palácios, igrejas e parques formavam um só mar de chamas. Em redor a neve. Napoleão estava perdido.

DE SÃO PAULO



Os doutorandos de 1942, na cerimonia da colação de gráu da Faculdade de Medicina de S. Paulo.



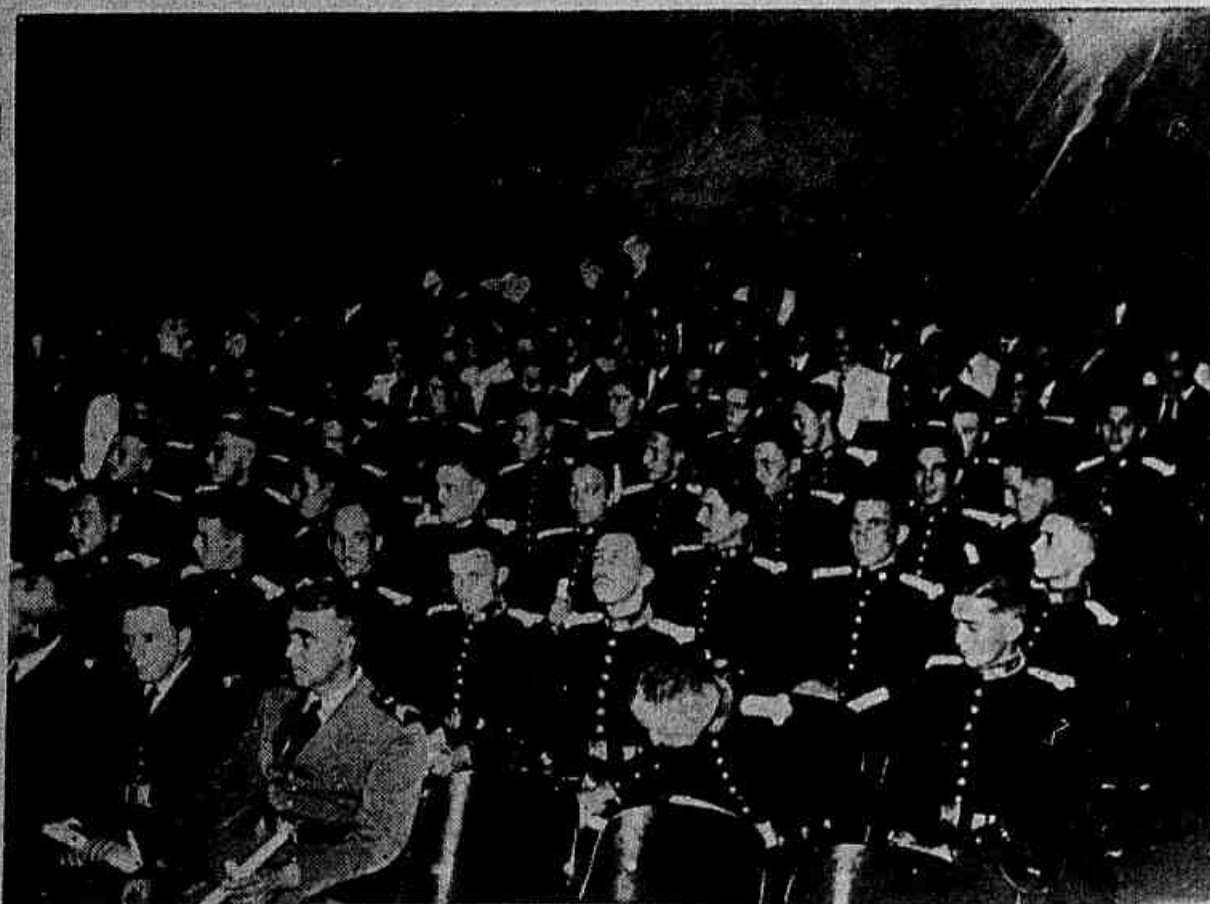
Turmas de farmacia e odontologia, na cerimonia da colação de gráu, na Faculdade de Farmacia e Odontologia da Universidade de S. Paulo.



Entrega das insignias e certificados a 450 socorristas de guerra e 50 samaritanas da C. Vermelha Brasileira, no Teatro Municipal de S. Paulo.



Colação de gráu dos diplomandos do Instituto Musical de S. Paulo, realizado na Escola Caetano de Campos.



Aspecto da entrega de diplomas da Escola de Policia de S. Paulo, realizada no Auditorio da "Gazeta".



Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succesora da MAPPIN STORES
R. RUA DE ALEVEDO, 9. SAO PAULO

A VIDA TEMPESTUOSA DE J. J. SEABRA

J. J. Seabra pertencia á categoria dos chamados políticos militantes. Político, embora, a vida toda, não se limitou, no entanto, simplesmente, a ocupar uma cadeira na Câmara ou no Senado.

Promotor na cidade do Salvador, professor de Direito na Faculdade de Recife, duas vezes Ministro, duas vezes governador do seu Estado, sua atividade não se cingiu, portanto, aos torneios parlamentares em que sempre foi figura de relêvo.

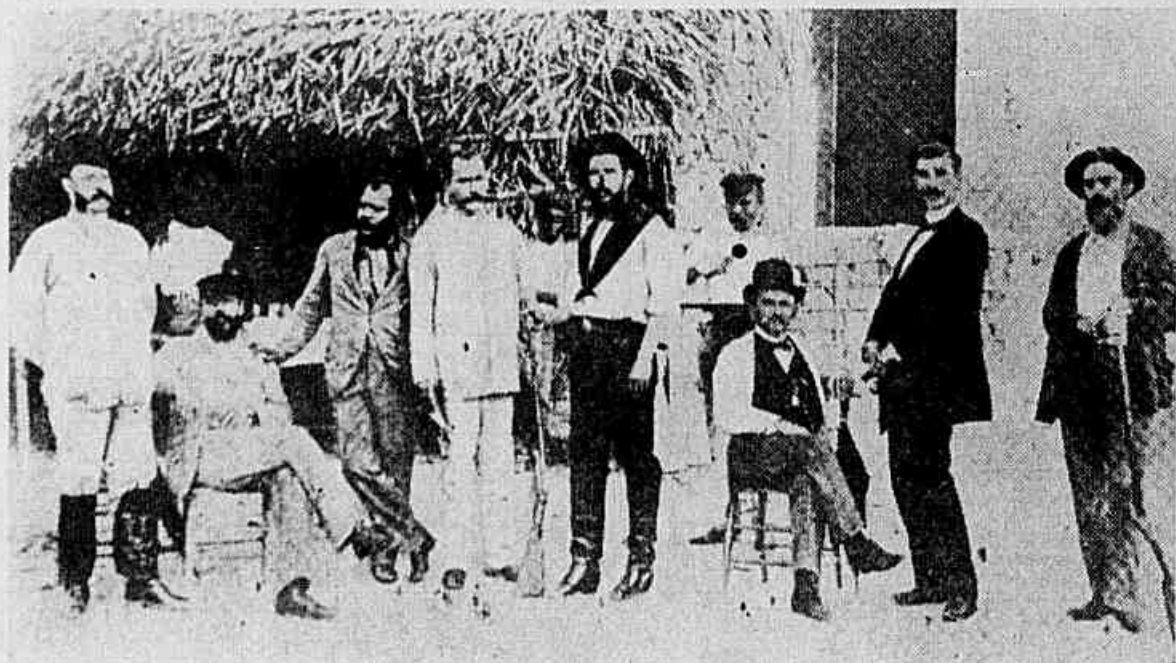
Entrando na vida pública, do magistério e da política, com o advento da República, sua biografia confunde-se em grande parte com a crônica das tradições das nossas Câmaras altas. Biografia marcada, aqui e ali, por alguns episódios tempestuosos que fizeram do velho tribuno uma das figuras mais populares da nossa história política, nos últimos quarenta anos.

Por muito tempo, sua figura se confundia, mesmo na imagem popular, com a da própria Bahia. Daí a frequência com que aparecia nas « charges » dos nossos semanários políticos, fantasiado de baiana, a sáia rodada, os balangandans batendo, sempre atarefado a mexer o angú da « mulata velha ». Muitas críticas desse tempo, devidas aos lapins de Storni, Raul, Calixto e J. Carlos, ficaram mesmo famosas.

Um traço dominante na personalidade de J. J. Seabra e que não será de-



Seabra, numa atitude característica.



Grupo feito em Cucuí, vendo-se o Conde de Leopoldina, Dr. Arthur Campos da Paz, José do Patrocínio, J. J. Seabra, Dr. Manuel Lavrador, Marechal Almeida Barreto, Coronel Jacques Ourique e Capitão F. Miranda.

mais, com certeza, realçar aqui, era a sua honestidade inquebrantável e o seu ardoroso apêgo ás idéias liberais.

Falando, pela ultima vez aos jornalistas, dizia êle em abril deste ano ao reporter de « Diretrizes », em viva e lucida entrevista:

« Eu não tenho vergonha de ser pobre. Nasci pobre. Hei-de morrer pobre. Vivo muito contente comigo mesmo, neste quarto de hotel. Não trôco a minha pobreza por nada deste mundo. »

E o reporter anóta que o unico luxo de seu apartamento é o telefone particular.

O que o povo da Baía quis celebrar agora, com a verdadeira apoteóse prestada aos seus despojos levados do Rio em avião especial da Condor, por determinação do governo local, foi, pois, o seu culto fiel á memória do homem integro e ao tribuno vigoroso e arguto, que assim explicava, ainda na citada entrevista, um dos episodios mais debatidos da sua carreira política, daquêles justamente mais invocados pelos seus adversários: o bombardeio da Baía, antes da sua ascensão ao governo estadual:

« Eu nada tenho com isso. De resto, a verdade já foi contada e recontada. Na ultima constituinte, um deputado quis reviver o fato, acusando-me. Publiquei então nos anais da Assembléa o depoimento do general Sotero de Menezes, comandante do distrito militar da Baía. Eu era Ministro da Viação, no governo Hermes da Fonseca. Estava no Rio, portanto, quando isso aconteceu. Aliás, não foi bombardeio. Foi um canhoneio, como disse o general Sotero. »

Ninguém melhor do que êle, para firmar alguns pontos de sua personalidade mais dignos de relêvo, pela clareza de suas atitudes e inflexibilidade de suas idéias, mesmo quando vistas por outro ângulo, não fossem alheias á justeza de certas críticas do momento.

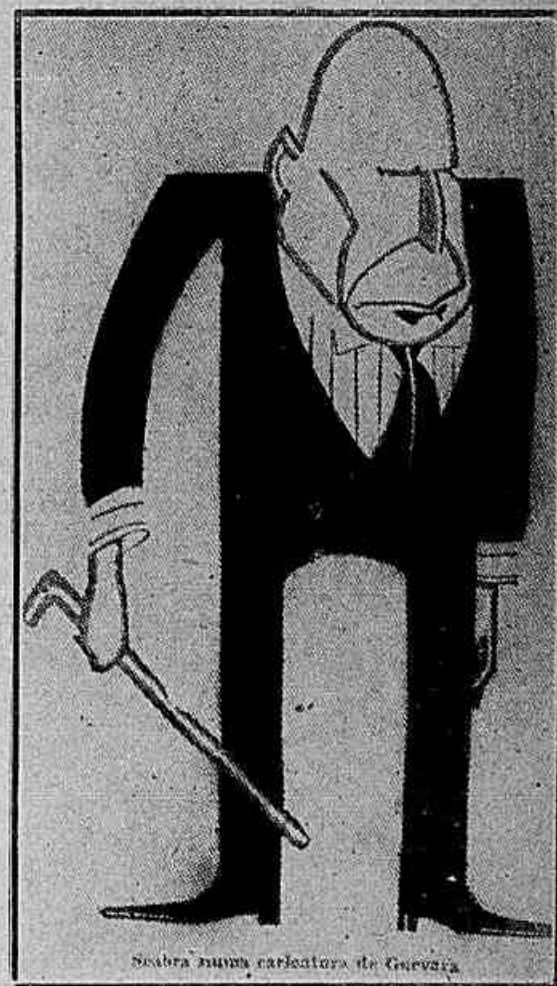
E' curioso, por exemplo, quando o velho batalhador declara:

« Eu sou um homem sem paixões. Na luta, não nego, sou feroz. Depois acaba. O que passou, passou. Na minha vida política, tive inimigos terríveis que mais tarde se tornaram meus amigos. Briguei com Glicerio, com Ruy com Alcindo Guanabara, com Pinheiro Machado, com Arthur Bernardes. Todos viraram meus amigos. Não tenho palavras contra nenhum deles. »

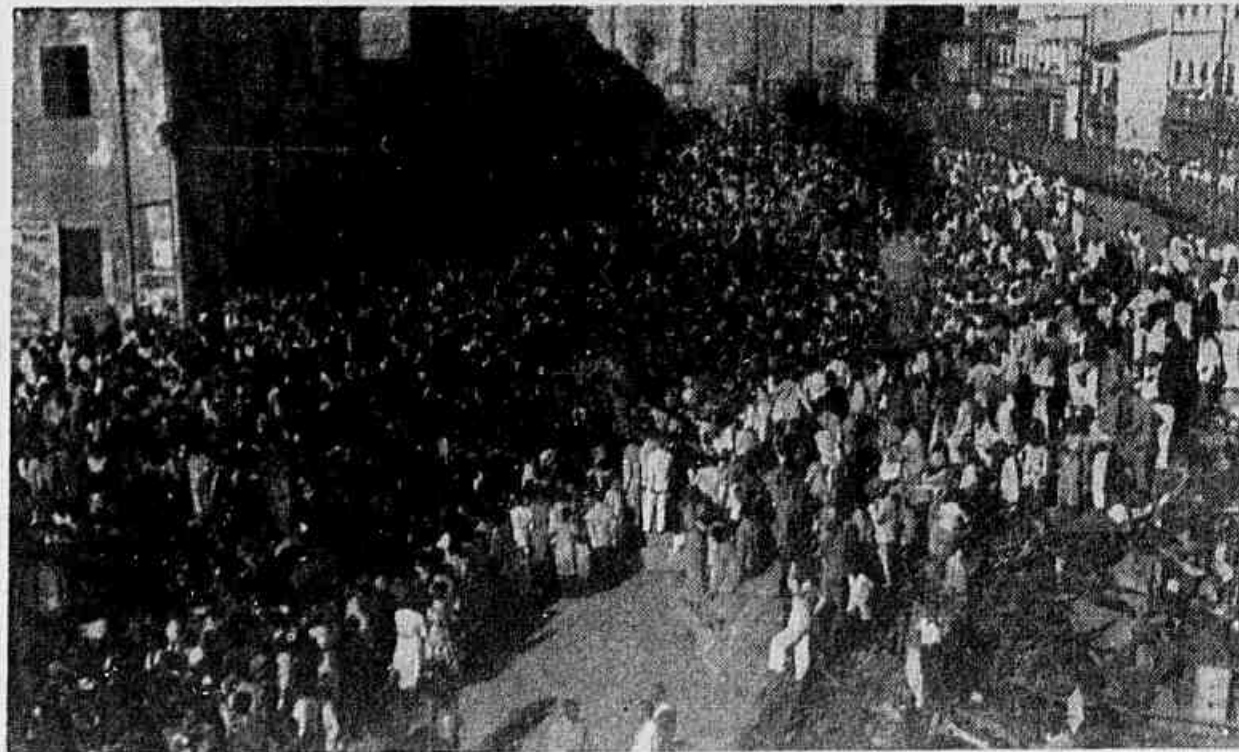
Efetivamente o seu ideal de civismo, os seus principios liberais sempre lhe deram ânimo para enfrentar qualquer adversidade política. Nunca se arreceu de nenhuma situação, nem do partidarismo governamental de mais vigor, quando em choque contra as suas convicções.

Essas atitudes tumultuárias lhe valeram o destêro por três vezes. Primeiro, quando do golpe de Estado de 10 de abril, no governo Floriano, desterrado para Cucuí, na companhia de José do Patrocínio e outros. Depois, no Prata, por ocasião da revolta contra o mesmo Floriano e em 1924, finalmente, ao deixar o governo da Baía, por se ter posto contra o presidente Bernardes, ás vésperas da revolução de Isidoro.

Quando Ministro de Rodrigues Alves, foi êle quem entregou a direção da Saude Publica a Osvaldo Cruz, então desconhecido, dando motivo á campanha contra a febre amarela, que imortalizaria o grande sanitaria brasileiro. Não pôde passar também despercebida sua atuação em favor da Faculdade de Medicina da Baía, em hora difícil para a gloriosa instituição do nosso ensino superior, nem a sua passagem fulgurante pela Faculdade de Direito de Recife, que até á sua morte quis conservá-lo como seu professor de fato, embora dela afastado por mais de quarenta anos.



Seabra, visto pelo caricaturista argentino, Guevara.



Dois aspectos do entêro de Seabra, na Baía, vendo-se á esquerda o povo aglomerado na Praça da Sé, aguardando o cortejo e á direita o féretro entrando no Campo Santo. (Fotos especiais do DEP da Bahia, por via aérea).



Com um programa no qual foi incluído o « Clássico José Calmon », realizou-se domingo no Hipódromo da Cávca uma das tardes esportivas do Jockey Club Brasileiro.

A assistência feminina, como sempre, foi notável, e aqui apresentamos diversos aspectos da mesma.

Venceu a prova principal, « Destaque », da coudelaria Paula Machado.



JOCKEY CLUB MUNDANO



Inaugure-se MAYFLOWER



A abertura de MAYFLOWER constituiu um verdadeiro acontecimento para a nossa sociedade. A inauguração de MAYFLOWER uma organização genuinamente brasileira, tem para a vida carioca — e especialmente para as elegantes dos bairros do Flamengo, Laranjeiras, Catete e Botafogo — uma significação toda especial. MAYFLOWER é uma casa de modas, montada com luxo e bom gosto igual ao das casas do centro da cidade — mas que vende a *preço de fábrica* artigos femininos, bijouterias, perfumaria, e as famosas *confeccões Efecê*. — MAYFLOWER, Largo do Machado, ao lado do cinema São Luiz.



MINIATURAS: BATALHÃO DE FORMATORES

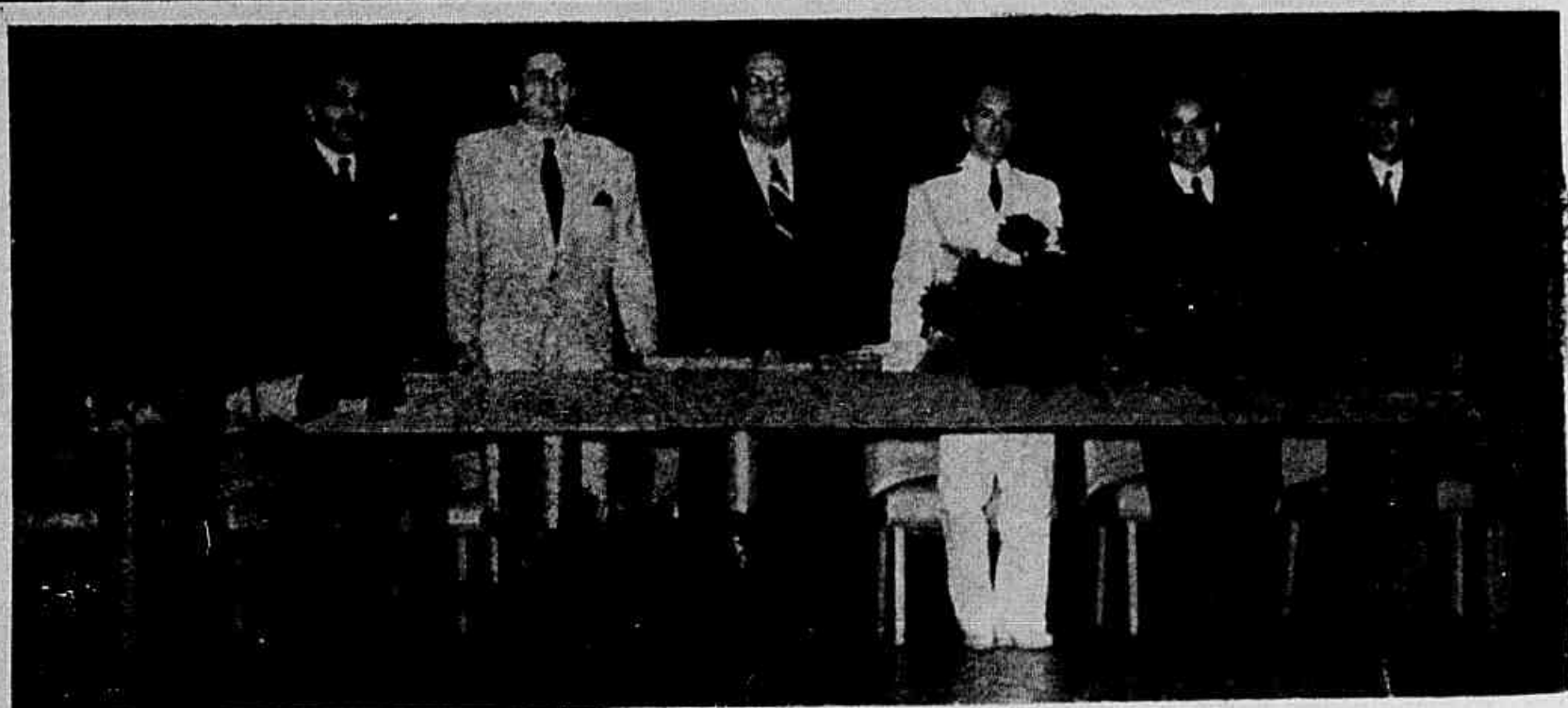
INSTITUTO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE



Miniatura do quadro de formatura.

INSTITUTO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE

Aspecto da numerosa assistência.

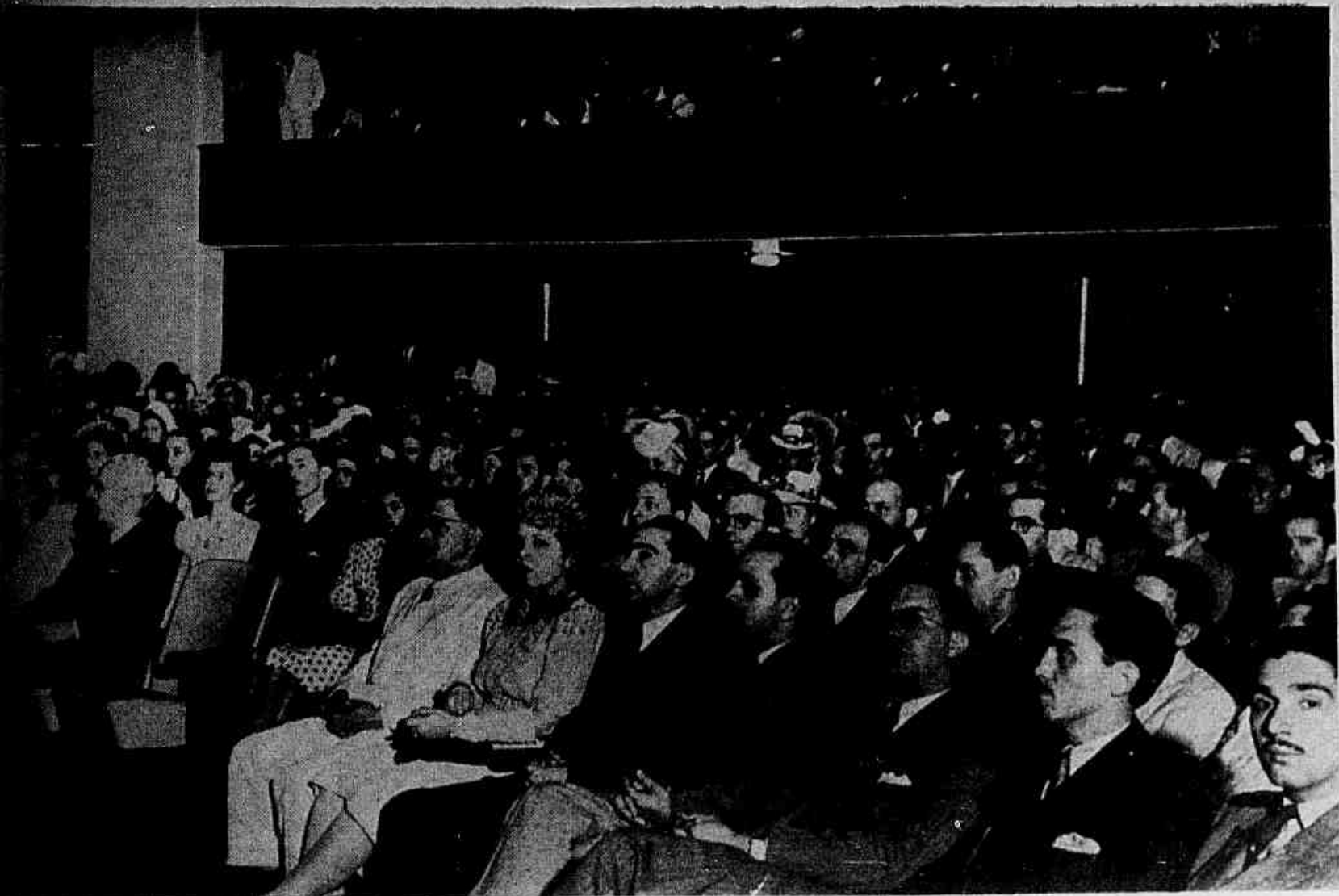


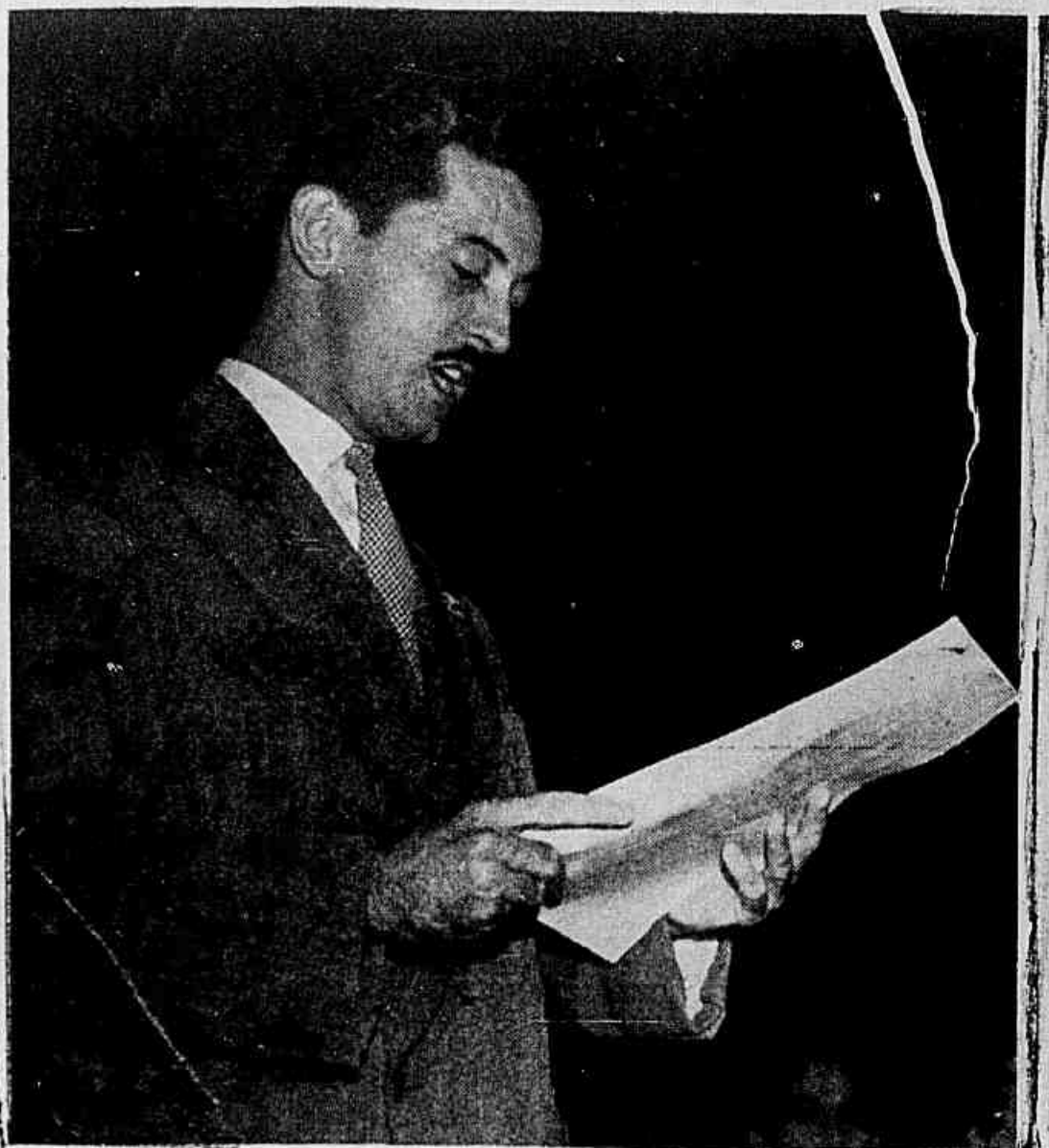
Mesa que presidiu à solenidade, vendo-se o representante do Presidente da República entre os drs. Moraes Junior, presidente do Sindicato dos Contabilistas, e dr. Paulo Lyra, diretor do Instituto Brasileiro de Contabilidade.

Contadores de 1942

Revestiram-se de grande brilhantismo as solenidades de formatura dos novos contadores do Instituto Brasileiro de Contabilidade, realizadas a 15 do corrente.

Constaram as mesmas de missa em ação de graças no altar-mór da Candelária, às 10 e meia





O orador da turma, contador Waldir Wanick de Souza.



O dr. Paulo Lyra, diretor da escola, fazendo entrega de um diploma.

Ao lado — Aspecto da assistência à missa em ação de graças, vendo-se de pé, no primeiro plano, o representante do Exmo. Sr. Presidente da República e o presidente do Sindicato dos Contabilistas, dr. Moraes Junior.

horas e da colação de grau no auditorio da A. B. I., às 20 e meia horas.

A turma de novos contadores foi paraninfada pelo Chefe do Governo, snr. Getulio Vargas, e pelo snr. João Francisco de Moraes Junior.

Temos o prazer de estampar nestas páginas os diversos aspectos colhidos pela objetiva da REVISTA DA SEMANA durante aquelas solenidades.

Em baixo — Contadores do Instituto Brasileiro de Contabilidade, de 1942, vendo-se ao centro, sentado, o paraninfo, dr. Moraes Junior, presidente do Sindicato dos Contabilistas do Rio de Janeiro.





PATRIOTISMO E JOVIALIDADE — Da mulher depende o futuro de uma pátria. Na solidez de seu caráter, na pureza de sua formação, no equilíbrio de suas idéias, na perfeição eugênica de seu corpo, repousa a saúde mental e a saúde física das novas gerações. Educadas na mística da Pátria, as bandeirantes estão aptas a continuar a tradição do Brasil. Do Brasil dos outros bandeirantes!



TRANSPONDO OBSTACULOS — O salto é um dos movimentos humanos mais belos, na aceção helênica do termo. Músculos retesados, braços estendidos, cabelos agitados, o fotógrafo conseguiu fixar aqui o pulo de 1 metro de altura da bandeirante Maria das Dóres Magalhães Coutinho, sob controle da chefe Adèle Lynch.

DECOLAGEM — As jovens detêm uma absoluta liberdade de escolha, no Movimento Bandeirante. Tudo é disputado espontaneamente. As que desejam conquistar o distintivo de desportista devem competir em uma série de provas, entre as quais uma corrida de 100 metros, em 15 segundos. Celia, Maria das Dóres, Vanda, Luz, Mariza e Gilda prontas para arrancar.



Bandeirante do Brasil, alerta!

AS BANDEIRANTES CONTINUAM AS TRADIÇÕES DA MULHER BRASILEIRA — LEMBRANDO O BRASIL DAS ESMERALDAS — FADINHAS — UM POEMA À SOMBRA DOS ARRANHA-CÉUS

Reportagem de ANSELMO MACIEIRA

"SEMPER PARATA"

Desde que Baden-Powell sistematizou suas teorias de arregimentação da juventude no livro *"Girl Guiding"*, multiplicaram-se, através do mundo, os grupos de escoteiros, escolas de civismo e de renúncia, aptas a formar gerações fortes e sãs.

Os resultados foram tão bons, tão benéficos aos moços, que apareceu logo, alhures, a idéia de criar uma organização idêntica para moças. Tal idéia medrou no Brasil em 1919, quando se iniciou o Movimento Bandeirante no Rio de Janeiro, fundado por d. Jeronima Mesquita, com a colaboração da família Lynch.

Daí para cá, é verdade, a legião não cresceu muito. Disposições dos próprios estatutos, exigindo, por exemplo, absoluta espontaneidade nas adesões, talvez hajam impedido que ela alcançasse esse desenvolvimento vertiginoso de tudo que nasce no trópico. Isto foi um bem. Houve uma ascensão morosa, mas ininterrupta. Seus quadros enriqueceram-se de elementos selecionados e a obra educacional prosseguiu, magnífica.

Hoje, ainda que as bandeirantes sejam apenas 1.200 em todo o Brasil, distribuídas pelo Rio de Janeiro, Pará, Baía e Estado do Rio, esse número forma evidentemente uma elite feminina, pronta para os magnos sacrifícios em prol de Deus e da Pátria.

"Estate parati, estai preparadas, nos manda Cristo. Em casa, na sociedade, onde quer que se encontre, uma bandeirante deve estar preparada para servir. Do pequenino serviço da fada, ao grande serviço da guia, é este o ideal que norteia sempre a vida bandeirante."

GNOMOS, FEITICEIRAS E PRINCPES

A criança é, por natureza, refratária à disciplina rígida, aos ensinamentos condensados em palavras sem música. Daí odiarem a

ATADURA DE MÃO — A sra. Heloisa Guinle e a srta. Mariana Oliveira Sobrinho, mostrando como se faz a atadura de mão. Pode parecer coisa muito simples, mas é necessário que se saiba como fazer tudo, com exatidão e segurança. De um nada às vezes decorrem grandes efeitos. Executar e submeter-se a estes exercícios, com boa vontade, é uma das virtudes bandeirantes.



gnástica, fugirem aos exercícios escolares, furtarem-se, de boa vontade, a quaisquer deveres.

Reconhecendo tudo isso, as bandeirantes resolveram empregar métodos diferentes, lidando com a infância. Identificando a criança com o gesto, entusiasmando-a, arrebatando-a até pelo fascínio do fantástico, conseguem resultados surpreendentes.

A classificação inicial de fadinhas, já encerra um programa. As meninas são personagens sobrenaturais que se podem encantar de muitas maneiras. A princesinha perdeu-se na floresta. Vem desceendo a noite, abafando as formas, dependurando-se nas árvores, refletindo-se no lago escuro. A bruxa espreita no meio da floresta, com o fruto envenenado. Salvemos a princesinha! E o bando alacre transporta-se à sua presença, encantado em andorinhas — para não assustá-la — conduzindo-a até o castelo de seu pai, senhor de muitos assallos e de muitas terras...

Logo que ingressam, com seis anos, fazem parte da companhia das fadas, onde permanecem de quatro a cinco anos. Nos primeiros tempos são *aspirantes*, depois *noviças*. Depois recebem a *barra de ouro* e a *mão de ouro*. A fada ajuda sempre. Para isto deve desenvolver os sentidos e o espírito de iniciativa. Seus grupos, com o efetivo máximo de 24 membros, divididos em sextilhas, realizam reuniões semanais. São horas de verdadeiro sonho, nos jardins tranquilos e verdes. O tagarelar irrequeto parece um desafio ao silêncio das coisas crepusculares. Tudo é tão estranho, tão maravilhoso pelo seu simbolismo, que chegamos a duvidar de que nos encontramos no seio de uma metrópole. Dir-se-ia que é um poema suave à sombra dos arranha-céus.

O QUE A BANDEIRANTE PODE FAZER

Aos dez anos a fadinha ingressa numa companhia de bandeirantes, onde faz o estágio de um mês, antes da promessa:

QUANDO TALVEZ SEJA PRECISO... — Sra. Adelaide Machado Brito e sta. Delia Carvalho, em um exercício de respiração artificial. A primeira vista estes exercícios poderão parecer desnecessários e injustificáveis. Mas, ainda que não desastres, o Brasil poderá sofrer mais diretamente os horrores da guerra. E então bandeirantes prestarão serviços inestimáveis, com essa capacidade de sacrifício tão própria da mulher brasileira.



SUBINDO SEMPRE! — Os atos das bandeirantes têm um único sentido — o aperfeiçoamento. A vida é um longo processo de ascensão, no qual as conquistas representam a capacidade de renúncia e de dor, de coragem e de perseverança. Só um grande idealismo será capaz de nos conduzir aos roteiros definitivos e harmoniosos.

CONSELHO CENTRAL — O órgão supremo da F. B. B., durante uma reunião. Presidindo-a, aparece a sra. Alice Carvalho de Mendonça, tendo à esquerda monsenhor Leovigildo Franca, assistente eclesiástico. Ao redor da mesa, educadoras e damas ilustres do nosso mundo social.





NO POSTO DARCY VARGAS — Sra. Sara Cunha Freire de Barros, responsável pela costura bandeirante neste posto localizado no edifício do Ministério do Trabalho. Destinando quase todo o produto deste esforço à Cruz Vermelha Brasileira, estas patrícias prestam um valioso serviço à Causa Nacional.

DIVISÃO DE TRABALHO — No preparo das ataduras como em tudo o mais, as tarefas são distribuídas de maneira a que tudo se processe com o máximo de eficiência. Ali, por exemplo, está a sra. Elza Fonseca Leal, encarregada da primeira parte, na confecção das ataduras.

SE A GUERRA VIER — Esta hipótese, antes de entrar nas cogitações do leitor, já foi prevista pelas bandeirantes. Rogando a Deus para que as ataduras nunca sejam utilizadas, d. Edna Maria de Moraes está ultimando o preparo de uma partida, passando a ferro e dobrando.



COMO PENÉLOPE — Dizem que a esposa de Ulisses, enquanto o Herói fazia a guerra, entretinha-se, tecendo. Esta arte vem sendo mesmo, através do tempo, um símbolo da virtude feminina. Agora, as máquinas preparam os tecidos, com rapidez e perfeição. As senhoras se encarregam, então, de confeccionar as peças.

.....
 “Ser leal a Deus e à Minha Pátria
 Ajudar o próximo em todas as ocasiões
 Obedecer ao Código das Bandeirantes”

Depois deste ato ela está definitivamente integrada no Movimento. Aos dezesseis anos, mediante outras provas, é promovida a guia.

Uma vez bandeirante, entretanto, não se limita ao rotinismo dos exercícios e dos deveres quotidianos. Procura aprimorar conhecimentos, ampliar aptidões, numa especialização animada. Nas dezenas de títulos a que pode aspirar, estão os de *apicultora*, *enfer-*

meira, *escritora*, *conhecimento internacional*, *encadernadora*. A título de curiosidade transcreveremos aqui o que se exige àquela que deseja ser *amiga das árvores*:

.....
 “Conhecer as partes de uma árvore.

Conhecer 10 árvores e arbustos brasileiros.

Saber como se calcula aproximadamente a idade de uma árvore pelos anéis de crescimento no tronco.

Conhecer os métodos de adubação e plantio.

Saber fazer uma sementeira, repicá-la e cultivar um arbusto. Saber a época de fazer podagens e enxertos, e ser capaz de executá-los.

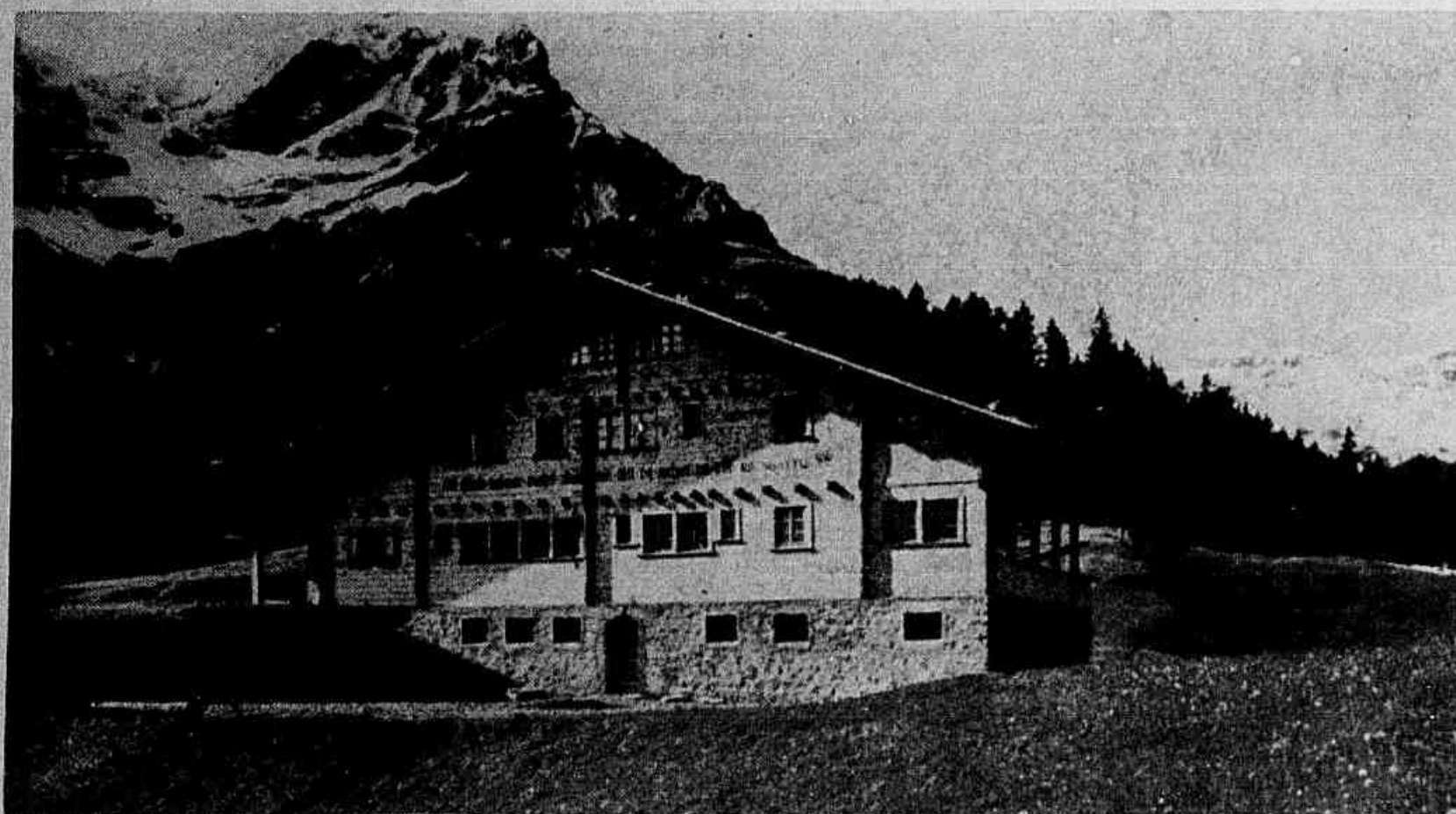
Saber como proteger as árvores do fogo, dos insetos e de outros animais daninhos.

Fazer uma lista de madeiras nacionais e das suas principais utilizações.

Fazer uma lista de árvores e arbustos mais próprios para a arborização de ruas, jardins particulares.”

CAÇADORAS DE ESMERALDAS

O Movimento Bandeirante é essencialmente brasileiro. Faz-se em nome da Pátria, à sombra de suas epopeias e de seus heróis.



UMA CABANA ENTRE MONTANHAS DE NEVE — Certa milionária norte-americana teve a bela iniciativa de apresentar a Federação Internacional com este chalé, erguido nas proximidades de Berna, na Suíça. Neste ninho incomparável, antes da guerra, revezaram-se os grupos de jovens do mundo inteiro.

1942



ERA UMA VEZ... — E as fisionomias se tornam meigas, e os olhares pousam macios sobre a terra — todas escutam. Que misteriosos sonhos, que festas de fantasia e de beleza não estarão nestas cabecinhas negras? Sra. Rosita Sampaio Baiana narrando as aventuras de João-e-Maria.

Que as novas gerações femininas amanheçam para a existência profundamente identificadas com as lendas do Pindorama, com a história e a geografia do Brasil. Assim, quando rangerem os berços, na música das vidas incipientes, elas contarão as diabruras do saci, a corrida louca do curupira. Falarão naqueles sertanistas "pobres como Jesus e fortes como Hércules". Porque só a comunhão com o passado é que torna um povo grande; é que faz um povo forte. A *consciência do sempre* é a panóplia sagrada com a qual as nações enfrentam as incertezas do futuro, nessa larga aventura para o infinito que é o seu roteiro.

Paralelamente ao sentimento de Pátria, as bandeirantes aprendem, desde o primeiro instante, a estimar e admirar os outros povos. E' mesmo um dos objetivos da juventude feminina organizada em todo o mundo, fomentar a confraternização internacional, pelo intercâmbio intelectual ou pelo contacto direto das moças, como, por exemplo, em 1926 nos Estados Unidos e em 1938 na Hungria. A sede da Federação Internacional é, agora, em Nova York; o Brasil é o único país da América do Sul possuidor de um movimento já integrado na dita Federação.

Insuflando um idealismo sadio, alfabetizando brasileiros, dando às crianças humildes uma oportunidade de revelação, promovendo excursões, solenidades, representações histó-

ricas teatrais, as bandeirantes são as verdadeiras caçadoras de esmeraldas, procurando esperanças no sub-solo das almas, para semeá-la na gleba dos corações, no elan sagrado dos gestos creadores.

.....
"Verdes os astros no alto abrem-se em verdes
[chamas

"Verdes, na verde mata, embalançam-se as
[ramas

E flores verdes no ar brandamente se movem;
Chispam verdes fuzis riscando o céu sombrio;
Em esmeraldas flue a água verde do rio,
E do céu, todo verde, as esmeraldas chovem...



MÃO DE OURO — Este é um dos títulos que as fadinhas podem disputar. Equivale a ser capaz de muita coisa. Reparem bem: na delicadeza destas mãozinhas, na imobilidade destas atenções, existe uma noção de responsabilidade e de compreensão. Um olhar de amor e de esperança.

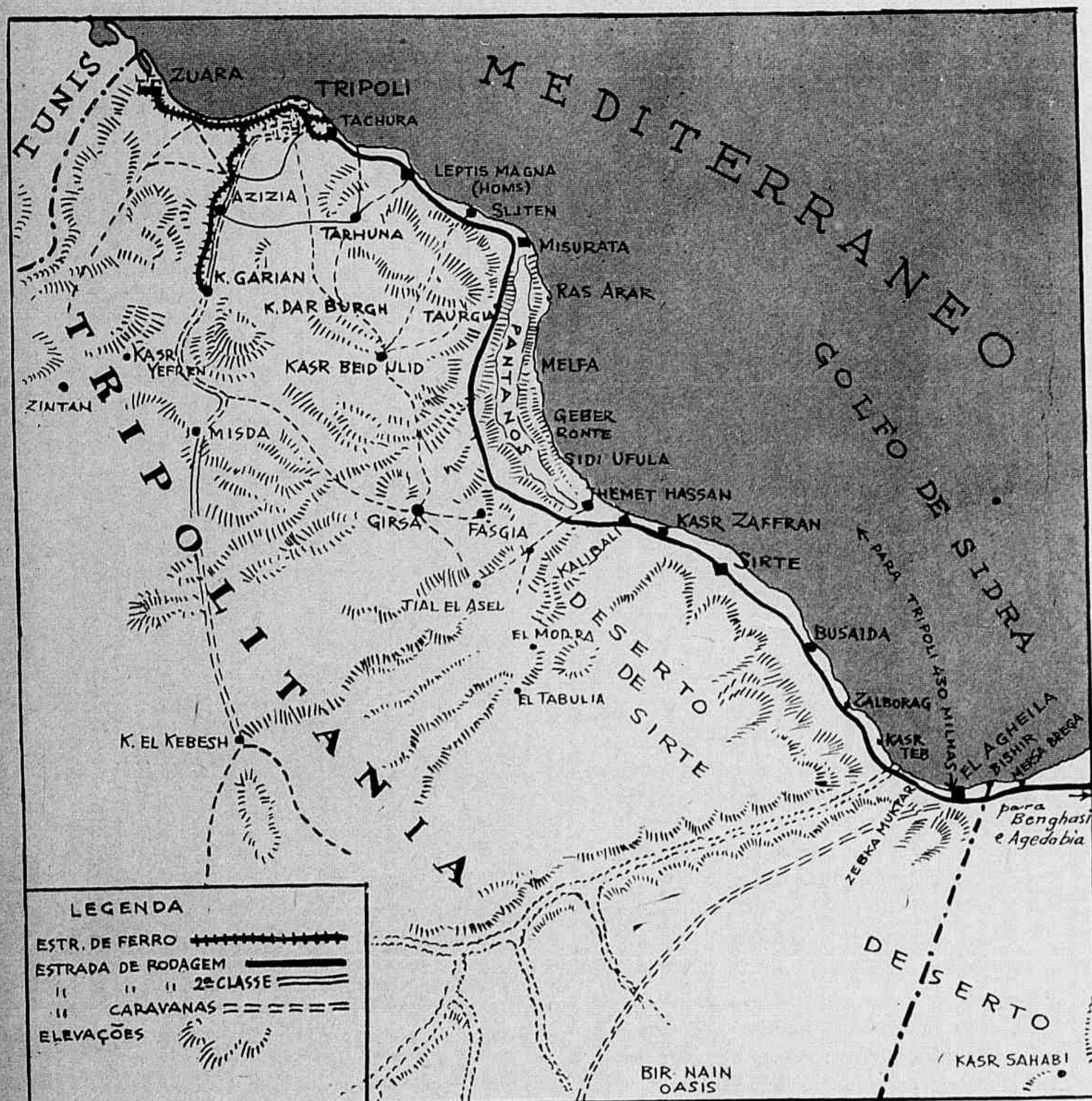


ATADURA DE JOELHO — A solidariedade é o apêndice da bandeirante. Assim, procura-se estimular esta virtude por todas as maneiras. Desde fadas, aprendem alguns rudimentos de enfermagem de emergência.

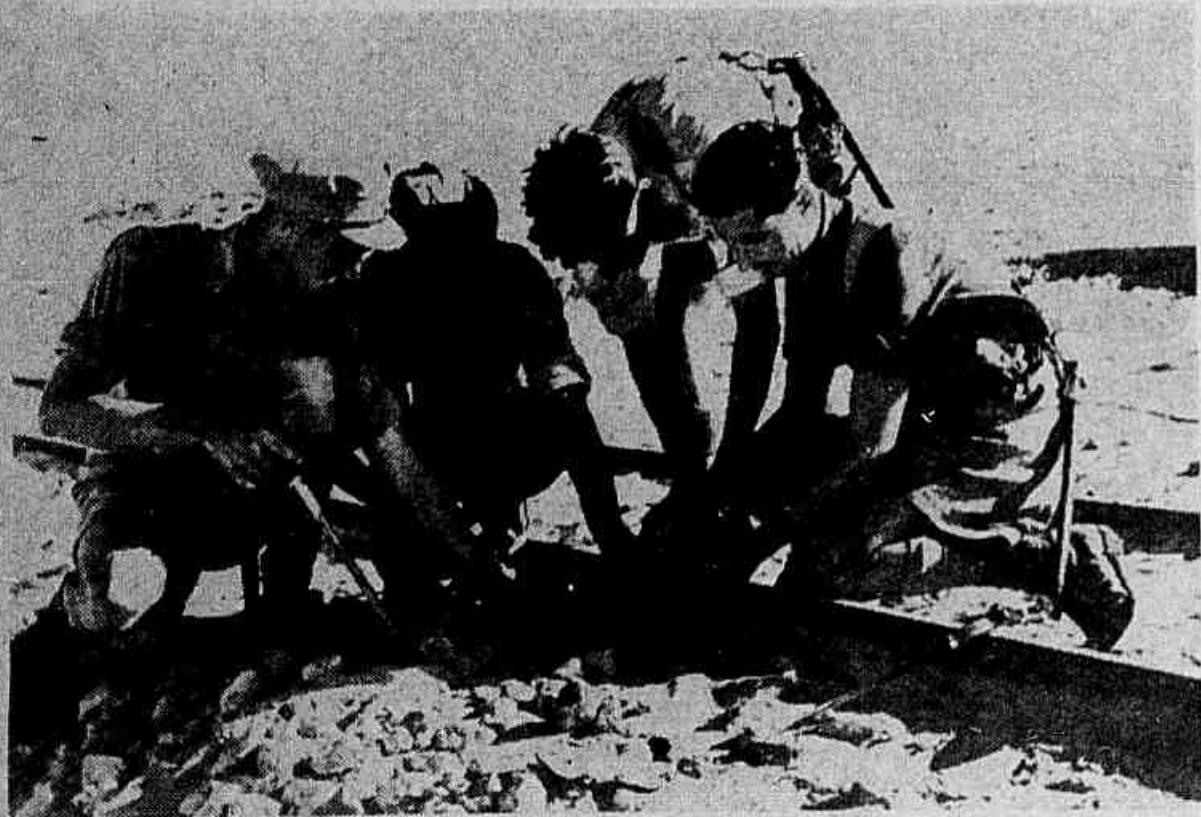


SEMÁFORA — As fadinhas devem aprender como transmitir palavras por sinais. É um modo de despertar a atenção e exercitar a inteligência. Nos acampamentos isto servirá para muita coisa: Celia Lucia Monteiro de Castro é a garbosa figurinha deste quadro, transmitindo o U.

A guerra em todas



Numa guerra de tantas frentes e tão vastos elementos como a atual, é sempre possível a um dos contendores tirar proveito das situações criadas pelas próprias derrotas. O que o marechal Rommel fez na África nestes últimos dois anos é tão surpreendente que nenhum de nós acreditará facilmente num término imediato da batalha do norte-africano. O retraimento da frente que se está processando deve ser a preliminar de ações de magna importância. Conhecemos todas as circunstâncias em que foi empreendida a grande retirada que levou os Afrikacorp de El-Alamein à fronteira da Tripolitania. Sabemos como foram abandonadas as tropas italianas encarregadas de cobrir a retaguarda. Sabemos como nenhuma tentativa foi feita pelos fugitivos para dificultar o avanço das colunas britânicas. Sabemos que mortos e feridos foram por vezes abandonados, de uma maneira que encontra paralelo apenas na retirada napoleônica em 1812. Não obstante tudo isto, quando chegaram em El Agheila, os britânicos pararam. Passaram-se dias antes que eles se sentissem aptos para tomar novamente contacto com o inimigo. Isto significa que, mesmo tendo sofrido o que sofreu, Rommel deve ser tratado com cuidado. O tempo perdido em tal situação é muitas vezes precioso. É preciso que tenhamos em conta que os alemães ainda são na África a facção que se abastece com mais velocidade. Hitler pôde enviar à África, em tempo realmente insignificante—enfrentando, é claro, dificuldades que são grandes—forças consideráveis. Se lhe parecer conveniente, os corpos da África serão duplicados ou decuplicados em uma semana. Considere-se as numerosas for-



CAMINHOS MINADOS — Quando lhe sobra tempo, Rommel faz minar todas as estradas por onde os britânicos têm de passar. E' esta uma boa maneira de retardar o avanço dos seus perseguidores. A foto mostra sapadores ingleses recolhendo uma mina.



A AÇÃO DOS AVIÕES ALIADOS — Os veículos-transportes são o alvo preferido dos aviões em ação no deserto. Cada caminhão cheio de gasolina, água ou alimentos atingido é um duro golpe desfechado. Na foto vê-se uma concentração de veículos do eixo por onde passaram os aviões aliados.

as frentes

Em sua fase decisiva a batalha da Tripolitania

ças que estão estacionadas na França e a grande redução de atividade na Rússia e veja-se que a batalha da África tem o seu término muito dependente do plano que o Reich tenha em vista. Por outro lado, o abastecimento do Oitavo exército continua a ser feito por aquele horrível sistema de circunavegação da África. É verdade que os Aliados contam já com uma outra frente no continente africano, frente esta que pôde ser abastecida bem mais facilmente. Entretanto, cumpre também ter em conta que os exércitos que foram durante três meses preparados e tão brilhantemente executaram as operações de desembarque na África francesa, até hoje não conseguiram quebrar a resistência da linha fortificada improvisada pelos nazistas no norte da Tunísia.

Tudo isto nos mostra como é difícil a uma força expedicionária afastada de suas fontes de abastecimento material e humano, efetuar operações de resultados definitivos. Há sempre imprevistos, e toda ação é mais complicada do que teoricamente aparentava. Os exér-

citos enviados à África francesa tinham o objetivo de fazer pressão sobre as costas de Rommel. Certamente não fôra prevista uma grande ação na Tunísia. Esta ação apareceu, eis porque terá de realizar-se uma outra batalha de abastecimentos em que os Aliados procurarão robustecer os seus exércitos da África ocidental, para levar avante as operações finais.

Essa batalha de abastecimentos é o que estamos presenciando. Ela é apenas um entreato. Hitler tem mais facilidade de se reabastecer, do ponto de vista de distância e tempo. Entretanto esta facilidade talvez seja anulada por suas disponibilidades apesar de tudo precárias. Os aliados contam com as grandes vantagens que lhes renderam as batalhas iniciais desta campanha pela posse do território norte-africano.

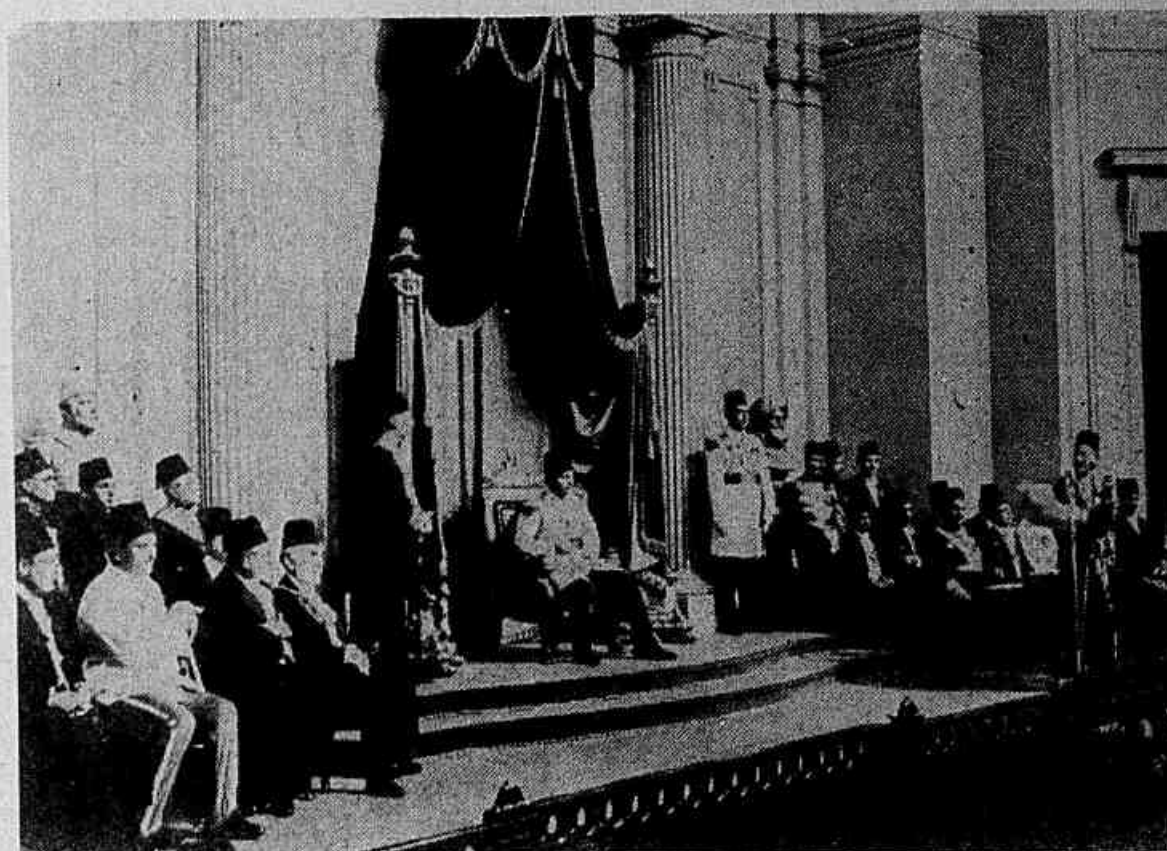
Passada a batalha de abastecimentos, virá certamente o ato final do grande drama. Deste ato poderá resultar ou a expulsão dos totalitários da África, ou a permanência nas mãos deles de uma das duas províncias, a Tripolitania ou a Tunísia.



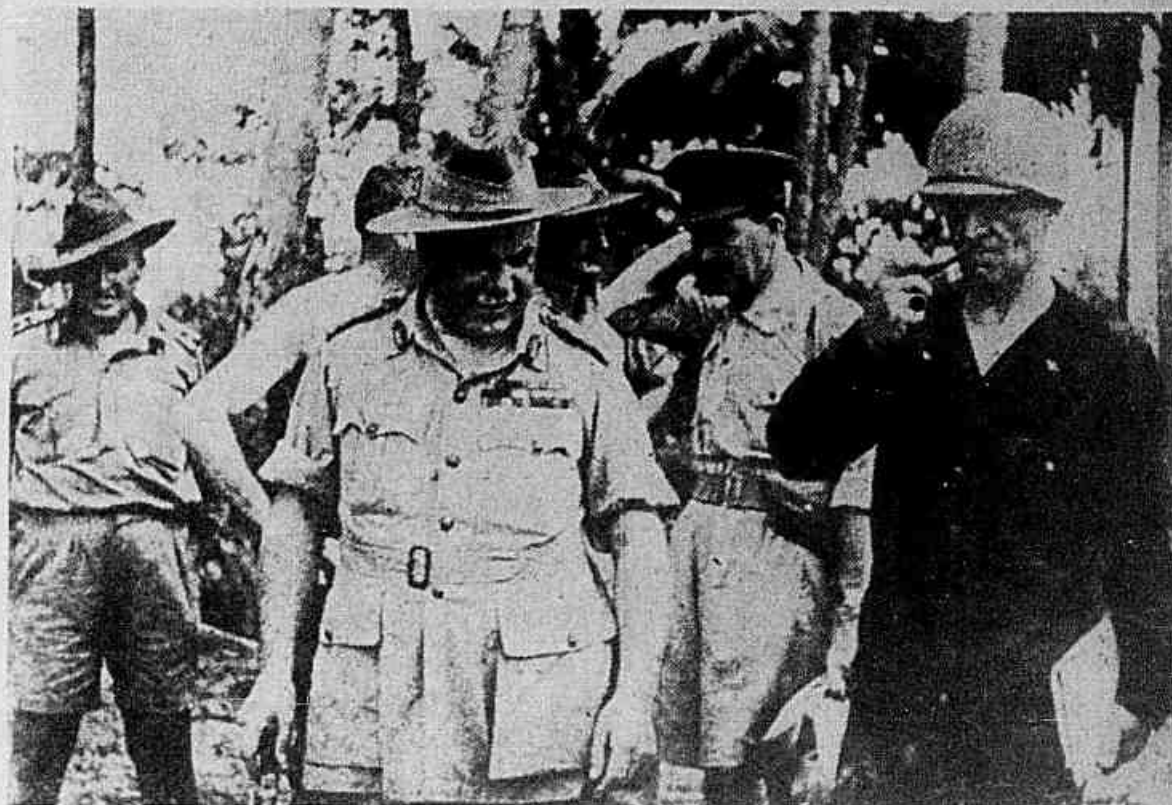
LUTANDO EM TODAS AS FRENTES — As declarações feitas pelo presidente Roosevelt de que até o fim deste ano um milhão de americanos estariam lutando em todas as frentes de batalha vieram confirmar a expectativa geral em torno do esforço de guerra dos Estados Unidos. Embora dividida, essa força que está presente em três continentes, já representa uma grande soma de poder.



UM CENTRO DE ABASTECIMENTO — Esta foto mostra a que ficou reduzida uma estação ferroviária improvisada por Rommel perto de Mersa Matruh. Entre restos de veículos de todas as naturezas, vê-se um projétil que não explodiu.



NO PARLAMENTO EGÍPCIO — A 20 de Novembro, o Parlamento egípcio deu início às suas atividades. A foto acima mostra o rei Farouk presidindo a sessão inaugural do novo período parlamentar. Em pé, à sua direita, vê-se o primeiro ministro Nahas Pasha, falando.



GENERAIS AMERICANOS NA OCEANIA — A campanha que se está desenvolvendo atualmente na Nova Guiné, onde os japoneses estão sendo duramente batidos, é das mais ingratas da guerra. A natureza é hostil, as doenças tropicais assolam, não há quaisquer estradas. A foto acima, onde se vêem os generais norte-americanos Blamey e Mc Nider, dá uma idéia dessa árdua luta.

FIGURAS E FATOS

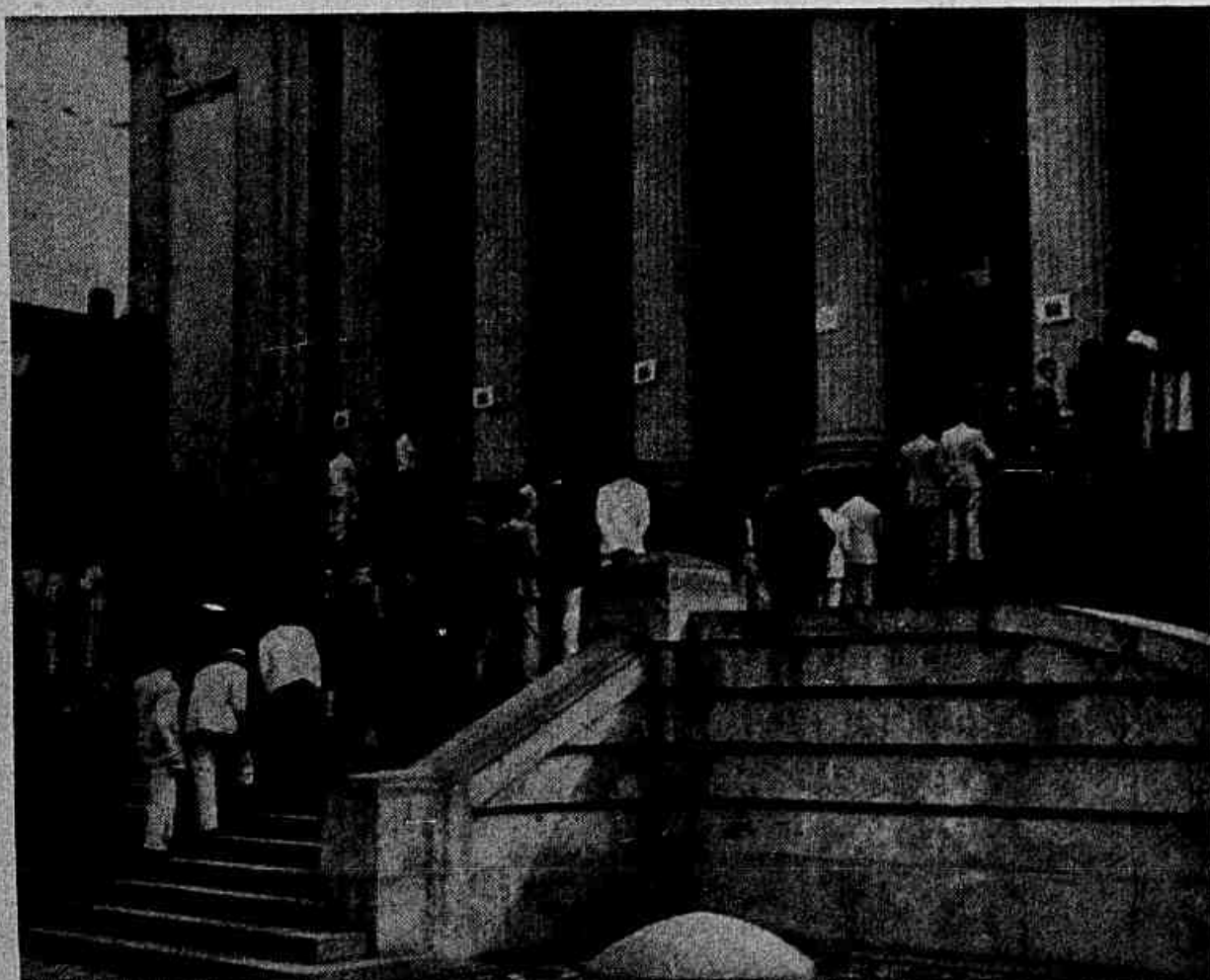


I. CONGRESSO NACIONAL DE CARBURANTES

Por iniciativa do Touring Clube do Brasil teve lugar no mês p. findo, o I. Congresso Nacional de Carburantes destinado a propor sugestões tendentes a resolver o angustioso problema dos combustíveis em nosso país. A sessão solene de instalação realizou-se no Palácio Tiradentes, sob a presidência do Ministro João Alberto, Coordenador da Mobilização Econômica e presidente efetivo do certame. Estiveram presentes à inauguração os representantes das altas autoridades, delegações dos Estados e outras pessoas gradas. As nossas gravuras fixam aspectos do ato inaugural do importante certame.



EXPOSIÇÃO MORAIS SILVA — Fato realmente singular em nosso meio artístico foi a exposição de obras do pintor José de Morais Silva, promovida por amigos e admiradores desse artista há tanto tempo afastado da atividade criadora. Quadros há anos recolhidos a galerias particulares foram reunidos e um dia apresentados ao público, que em seu seio contou o próprio autor, há tanto tempo esquecido da própria obra a cuja presença tão inesperadamente foi trazido. Foi esta, sem dúvida, uma linda e merecida homenagem prestada a artista modesto que a vida afastou da atividade profissional.



O DIA DO RESERVISTA — Entre as muitas cerimônias realizadas no dia do reservista, sobressaiu a missa de Requiem mandada celebrar pela Legião Brasileira de Assistência na Igreja de São Francisco. O templo estava literalmente cheio de fieis que ali foram orar pelo eterno descanso dos nossos patrícios assassinados pelo inimigo que se ocultava nas sombras da noite. Cerimônia imponente essa na qual as mães cobertas de luto não choraram os filhos desaparecidos porque a mãe brasileira não chora pelo que se sacrificou no altar da liberdade. Na foto à direita — um aspecto da nave central da Igreja, vendo-se a sra. Darcy Vargas ladeada por voluntárias do Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea. A foto à esquerda é um flagrante



COLEGIO ANDREWS — Os alunos da quarta série do tradicional educandário da praia de Botafogo realizaram no dia 12 de Dezembro nos salões do Botafogo F. C., o baile de formatura, que transcorreu com grande brilhantismo. Os flagrantes acima foram apanhados pela nossa objetiva.

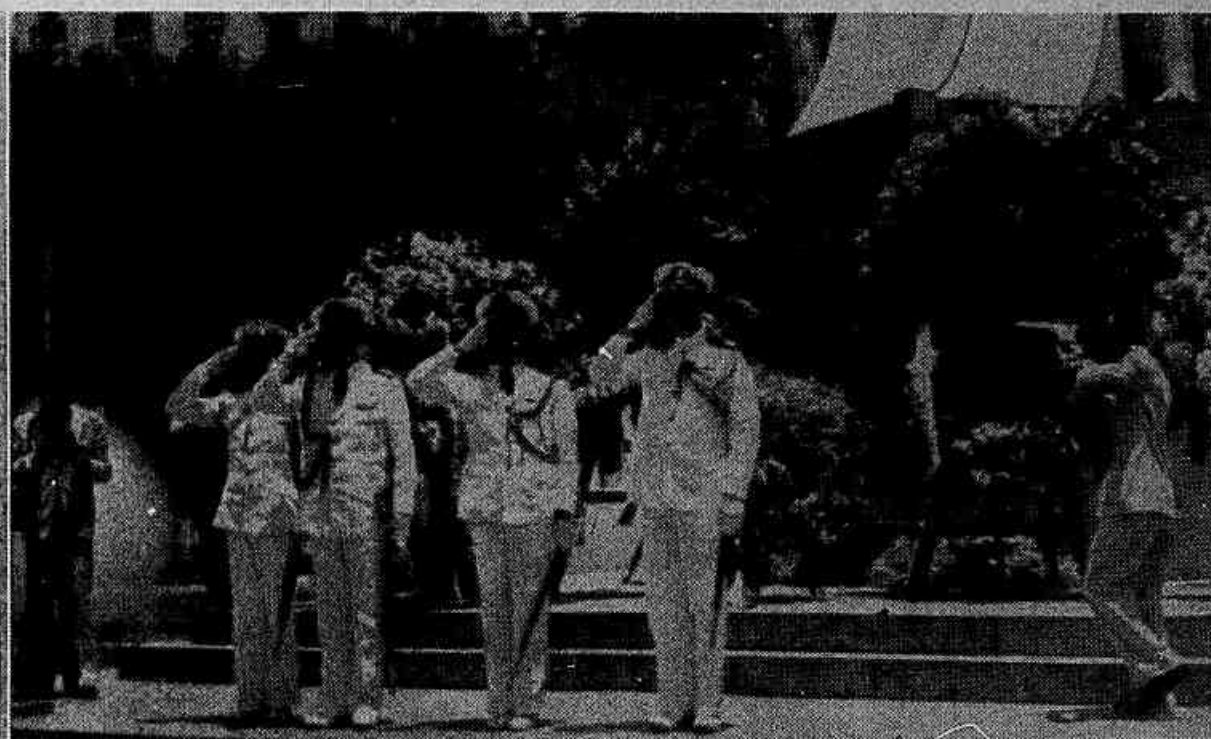
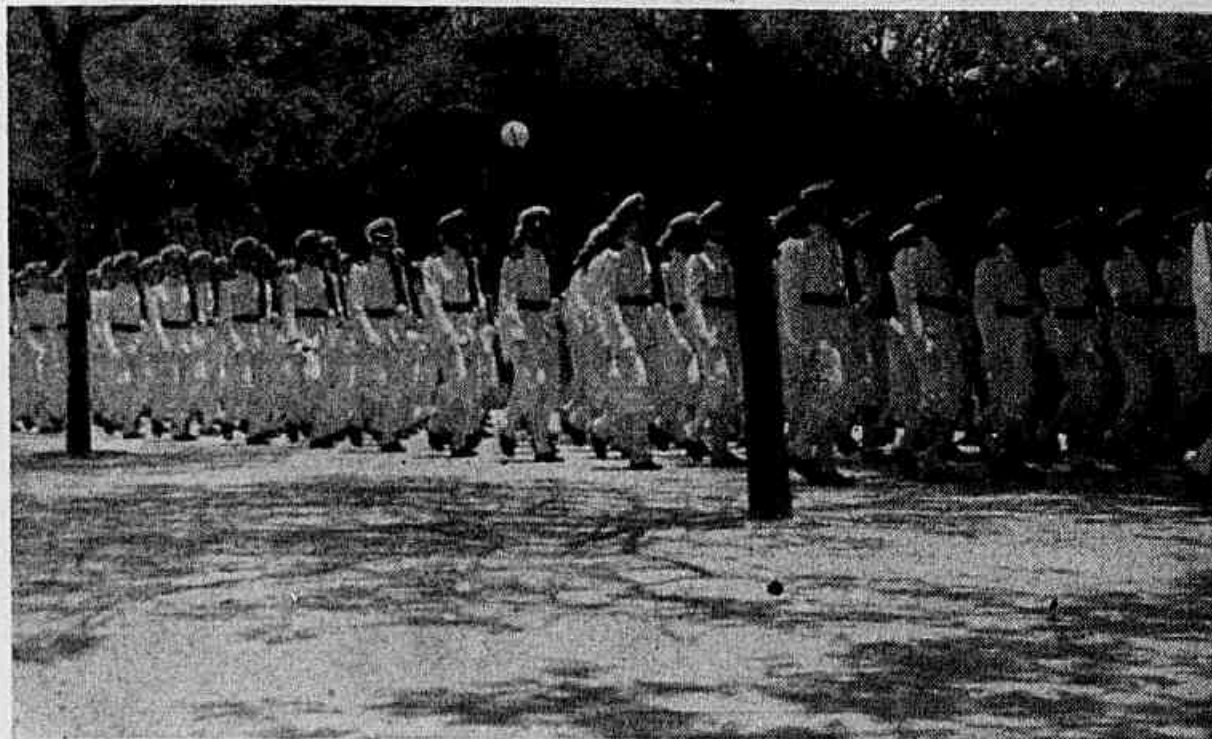




O DIA DA FRANÇA COMBATENTE — Jantar em benefício da Cruz Vermelha Francesa, com autorização da Cruz Vermelha Brasileira, no Clube Paisandú. Pessoas presentes nesta foto: A. Rendu e senhora, delegado geral da França Combatente para o Brasil; Jorge Saba, dr. Porto da Silveira, Said Chalita, Elias Chame, Silvino de Oliveira, Atila Ferreira dos Santos, Ganem Nanhum Ganem, Wadih Bedran, Jean Jaron, Nagib Chek Kaled, Moysés Hallel, Miguel Badouri, dr. Alberto F. Bumachar Nanhum Ganem.

Jantar oferecido pelo Industrial Jorge Saba e família aos organizadores do banquete realizado no Automovel Club. Comissão composta dos srs. Ganem Nanhum Ganem, Mauricio Chame, Gabriel Dinana e dr. André Murad.

UMA NOVA PEÇA — Mario Domingues e Mario Magalhães voltam agora à atividade teatral. Depois de terem conquistado o "Prêmio Agamemnon Magalhães" com a peça "O Rei dos Tecidos", no Concurso de Romance e Teatro do Ministério do Trabalho, prepararam a linda comédia "Copacabana", de título tão sugestivo. O clichê representa os autores quando escreviam a sua peça.



O DIA DO MARINHEIRO — Comemorando o dia do Marinheiro, realizaram-se nesta Capital no dia 12 deste mês várias solenidades, sendo a principal a que teve lugar em frente ao monumento do almirante Joaquim Marques Lisboa, marquês de Tamandaré. Cerca de 3.000 homens, pertencentes ao Corpo de Fuzileiros, ao Corpo de Alunos da Escola Naval e ao Corpo de Marinheiros, formaram em honra ao patrono da Marinha Brasileira, sob o comando do almirante Milcíades Alves. Estiveram presentes à cerimônia o sr. Getúlio Vargas, o ministro Aristides Guilhem, o general Firmo Freire e todo o Gabinete Militar da presidência da República. Os adidos militares das nações americanas abrilhantaram mais ainda a solenidade, depositando ao pé da estátua uma coroa de flores como homenagem das nações do continente ao grande marinheiro do Brasil.

As fotos acima são aspectos do desfile dos corpos de tropas realizado ao terminar a cerimônia.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

26 Senhoras Joana de Castelo Branco Coimbra, viúva do dr. Estacio Coimbra; senhores dr. Augusto Tavares de Lira, dr. Mario de Oliveira, dr. Jaime de Vasconcelos, almirante Henrique Aristides Guilhem, ministro da Marinha.

27 Senhores dr. Eloy Chaves e Decio Figueiredo.

28 Senhores professor Castro Araújo, José Vargas de Andrade, Murilo de Carvalho Barbosa.

29 Senhoras Maria José Pereira Viana, Renée Simon, Odete de Magalhães Gomes Corrêa;

senhores dr. Clodomir Cardoso, dr. Marcilio de Lacerda, dr. Americo Ludolf, dr. Gustavo Barroso, da Academia de Letras e dr. Oswaldo Orico também da Academia de Letras.

30 Senhores professor Benedito Fróes e dr. Silvino Nogueira da Gama.

31 Condessa Odete de Carvalho e Sousa; dr. Amelio de Campos Brandão.

1 Condessa Candido Mendes, senhoras Nadir Silva e Vera Tinoco Balloussier; drs. Max Fleiuss, Abelardo Maranhão e Paulo Magalhães.

NOIVADOS

Vem de contratar casamento a senhora Eunice Martins, filha do casal Manoel - Sarah Lopes Martins e ornamento da sociedade carioca, com o dr. Affonso Henrique Braga, medico com clinica nesta Capital.

MARIA ALCINA — Apresentando-se ao publico do Rio conjuntamente com a Orquestra Sinfonica Brasileira, Maria Alcina revelou-se uma magnifica vocação já em pleno terreno das realizações. Não obstante a sua idade de criança, ela conseguiu, executado o concerto numero 1 para piano e orquestra de Beethoven, arrebatat, inteiramente os ouvintes. Acreditamos que de futuro Maria Alcina será uma figura de relêvo no mundo artistico brasileiro.



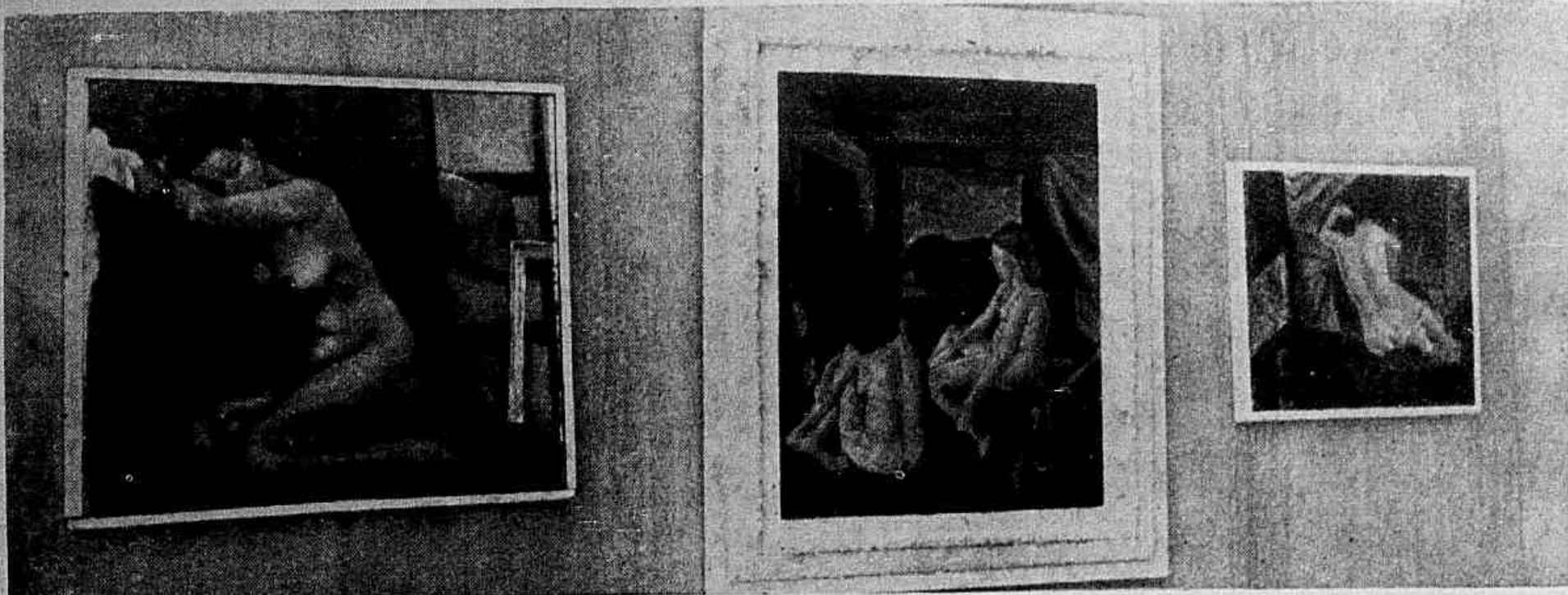
ramente os ouvintes. Acreditamos que de futuro Maria Alcina será uma figura de relêvo no mundo artistico brasileiro.



PELO POSTO 3 DA CRUZ VERMELHA — Em benefício de um dos postos da Cruz Vermelha Brasileira, vem de ser inaugurada em um dos salões do Museu Nacional de Belas Artes uma exposição de pintura. Essa nobre iniciativa teve a presidência de honra de D. Darcy Vargas, orientação artistica de Paulina Kaz, tendo partido a idéia da Associação Cristã Feminina. A foto acima é um flagrante do ato inaugural.



O POSTO 23 da CRUZ VERMELHA — A foto acima é um aspecto colhido no momento da inauguração do Posto 23 da Cruz Vermelha Brasileira. Entre outras pessoas distintas, vêem-se a senhora general Ivo Borges; d. Laura Melo, chefe do novo posto; d. G. A. Rodeck tesoureira; d. Lucilia Peres Ferreira, secretária.



Alguns dos trabalhos que foram levados às pressas para a « galeria dos recusados ». Obras bastante modestas, do nível dessas que são exibidas nos salões oficiais.

No Rio um "Salon des Refusés"

Por CELSO FURTADO



Esta pobre estátua, que se fosse feita à beira-mar com areia molhada a ninguém chamaria a atenção, foi o móvel de todo o barulho. Um tiro descuidado às vezes provoca uma revolução, quando esta já estava preparada...

Nesta terra generosa do Brasil nunca houve lugar para grandes querelas artísticas, dessas que envolvem revoltas, assaltos, duelos... Nunca se pode levar muito a sério, entre nós, rivalidades de românticos e clássicos, simbolistas e realistas, acadêmicos e modernistas. E se sempre assim sucedeu, mesmo nos tempos efervescentes em que os grupinhos e as « gerações », ansiosos por acompanhar o progresso, armavam nos cenáculos e redações de revistas escaramuças artísticas a exemplo de Paris, muito menos sucederá hoje, nesta época em que o próprio Zé Carioca reconhece que se deve levar um tanto a sério a vida.

Já nenhum acadêmico concienzoso se arvora a ignorar a existência da arte moderna, nem nenhum modernista pensa em destruir todas as obras acadêmicas. Pelo menos estão todos conformados a viver lado a lado.

Portinari é bem recebido no « Salão », Manoel Bandeira sorri prazeroso entre a « poeira da Academia », Menotti del Picchia e outros « avançados » olham de esguelha com inveja para o bem-aventurado poeta pernambucano.

Entretanto, tudo sucede. E' preciso que tudo suceda... E tanto isto é verdade que alguns dias atrás o Rio presenciou uma arenga de mestres e discípulos — simples disputa em torno de merecimento escolar — transformada orgulhosamente em disputa de ideais artísticos. A coisa correu assim: A exposição de obras escolares que o Diretório Acadêmico organiza todos os

anos deveria contar em 1942 com alguns trabalhos de « vanguarda », isto é, trabalhos que não haviam passado pelas mãos dos mestres, que não traziam a rubrica de aprovação. Os alunos que se haviam submetido à paternal vigilância dos preceptores, sentiram-se logrados, acharam que não era de direito que aparecessem ao lado de suas obrinhas feitas no banco escolar ou, outras que, por terem sido forjadas em casa, poderiam ter sido elaboradas em instantes de fervente inspiração.

A inveja ou o medo, levou-os a solicitar do diretor da Escola que fossem tirados da exposição aqueles trabalhos que não haviam sido feitos sob as vistas dos mestres — que não eram « escolares ». Como é natural, um diretor de Escola de Belas Artes — homem acostumado a derrames de entusiasmo artístico, a cruzar diariamente com jovens enfatuados que passam noites sem dormir sonhando com a visita da genialidade, artista que se dedicou ao magistério por não mais confiar que o sucesso dêle se lembre — um diretor de uma velha escola de arte quer descanso, quer sossego. Para acabar o barulho, atendeu ao pedido da maioria e mandou tirar os trabalhos, um ou dois, em causa.

Ora, era isto que queriam os rapazes: motivo para gritar. Não era a primeira vez que os « modernistas » sofriam insulto de « acadêmicos sedícios ». Casos idênticos deixaram muita gente presa às páginas da história da arte. Alguém

que se sentiu logo muito próximo de Courbet, de Whistler ou de Manet, gritou logo bem alto: « Fomos expulsos, os acadêmicos não nos aceitam! Morram eles! Façamos a nossa galeria de recusados! »

Foi assim que surgiu o « salon des refusés » que o Rio conheceu este ano. Levados pelo entusiasmo, pelo fervor de defender os seus ideais artísticos, os rapazes se retiraram da exposição escolar. Mas não apenas os dois que haviam sido « recusados ». Muita gente quiz partilhar da desdita de Manet. Até mesmo rapazes de intenções muito limitadas resolveram retirar os seus trabalhos. Por pouco o « salon des refusés » não ficou também cheirando a academicismo...

Excesso de entusiasmo nunca é prejudicial à mocidade. Devemos convir que nem todas as gerações têm grandes e substanciosos motivos para fazer as suas « revoltas » e dar expansão ao entusiasmo. A atual geração foi particularmente sem sorte. De tal maneira tornou-se intensa a vida nestes últimos anos e tantas são as preocupações que solicitam a atenção do público que, por mais barulho que faça o artista novo poucas pessoas podem voltar para ele as vistas. A velha técnica de « épater le bourgeois » é hoje inteiramente inútil. Não foram os descuidos aqui e acolá de um professor velho e cansado, e nunca se poderia chamar a atenção de um público já exgotado por toda espécie de propaganda.

Damos portanto parabéns aos jovens artistas « recusados » pela

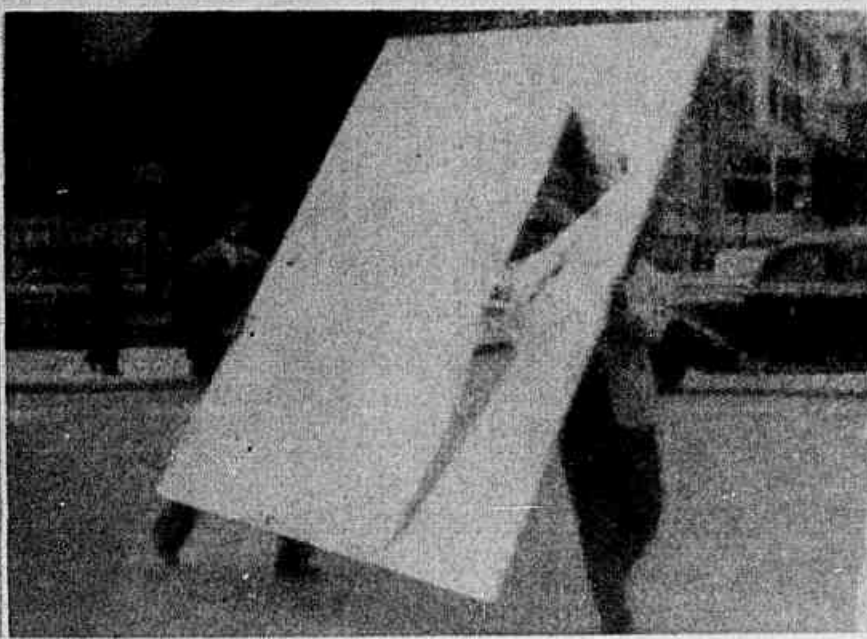
magnífica chance que lhes foi oferecida, e pela maneira sábia como a souberam aproveitar. Segundo nos disseram, a repercussão da recusa já lhes rendeu até um biscate do governo de Minas, que generoso mandou chamar os rapazes com o propósito de entretê-los pelas alamedas do Casino da Pampulha, fazendo-os assim esquecer os desgostos que lhes causaram os inimigos da arte moderna. Prouvera Deus que houvesse muitos governos assim generosos.

Resta louvar também a França, precursora e mártir. Quando os seus modernistas foram « recusados », quase um século atrás, receberam apenas desaforos e injúrias. Os nossos rapazes utilizam o mesmo estratagema hoje e merecem logo todas as atenções e favores.

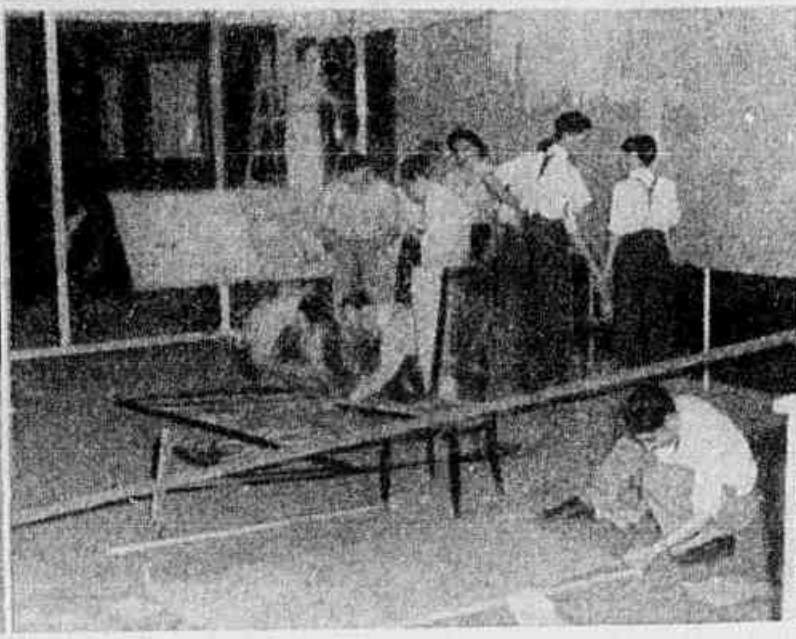
Como é bom encontrar o caminho trilhado...



Os rapazes da « vanguarda » prepararam cuidadosamente a exposição em que não tomariam parte.

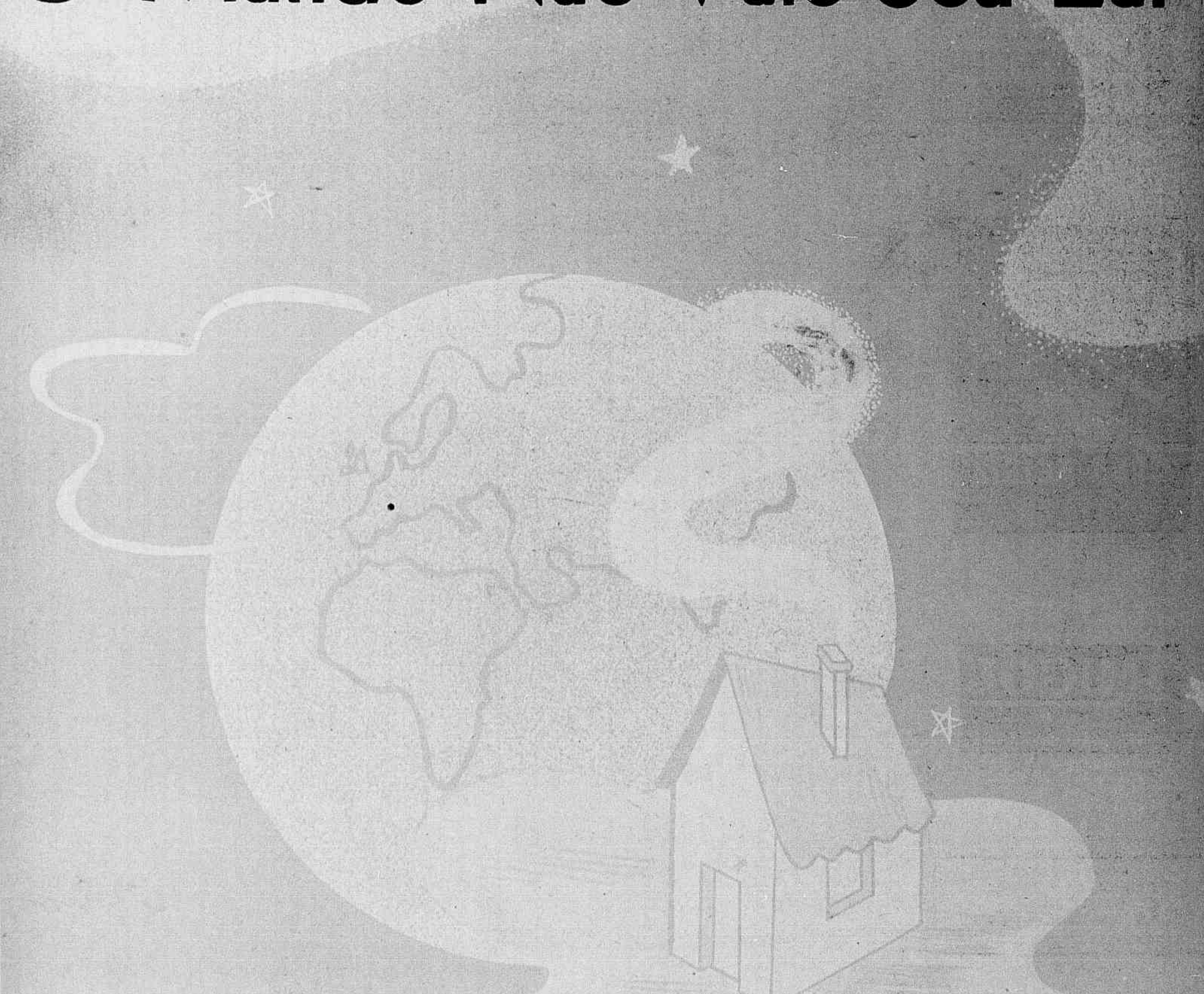


A ordem do diretor da Escola resultou em barulho, e do barulho saiu este cartaz rasgado. Uma relíquia...



O « salon des refusés » foi organizado num dos pavimentos térreos da A.B.I. Tudo foi feito com muito entusiasmo.

O Mundo Não Vale Seu Lar



ELA, mulher, tem o lar: gerânios nos vasos, cortinas floridas nas janelas, moringa d'água e o pão branco sobre a mesa. Às vezes uma criança ri e há no lar uma alma sonora. Às vezes desce sobre o telhado, pela chaminé e chega à sala uma dôr qualquer. E alguém sofre ou chora — mas da mulher tanta ternura se derrama que o lar se romantiza e o amor e a sensibilidade invadem as coisas inanimadas. Há uma emoção palpitante no tremular simples de uma cortina, na fisionomia parada de um quadro.

Às vezes ela abre as janelas da casa — e encontra o jardim florido, o portãozinho fechado. Às vezes seus passos se prolongam e ela abre o portãozinho — e encontra a tarde da sua rua dourada de sol, seus filhos num brinquedo ingenuo... E então limita sabiamente seus passos e volta: para o lar. O lar sereno, intangível, ilha de paz e amor em qualquer oceano.

Ele, o homem, tem o Mundo: lutar incessantemente, arduamente, porque o mundo é do mais forte. Sempre há uma necessidade de ambicionar. E são tão desordenadas as ambições que elas se chocam no ar e voltam com fúria de bofetadas para as cabeças de onde partiram.

Sempre há uma necessidade de vencer — e todos os meios são empregados. A palavra se enche de hipocrisias, os gestos ficam cerimoniais, o corpo se dobra reverente. Mas se a vitória de um se inicia, as mãos se levantam agressoras, as palavras soam como chicotadas, o corpo todo se revolta. Um vence e todos os outros apanham.

E o homem abre as janelas do mundo — e só encontra mundos: máquinas de escrever, de somar, de calcular, de matar, de pensar, de amar, de julgar os outros. Fecha as janelas violentamente e para encontrar alguma coisa desce as pálpebras e olha para dentro de si — ele também é uma máquina de viver. Não tem nem um grito dentro de si — nem um clamor — antes de pensar e sentir passa o pensamento e o sentimento pela máquina de assinar o ponto. Depois pesa e mede — e já não pensa nem sente.

Sempre há uma vontade de libertação: e o homem cruza tantos caminhos que o levam a tantos lugares — e os lugares são iguais. Apenas o modelo da máquina é diferente. Sempre há uma sede de ascensão — degraus, degraus para alcançar o brilho de uma estrela — e as escadas do mundo numa ilusão descem. Quando a sede de ascensão começa a ter realidade, os degraus descem, descem. E quando a sede alcança a estrela — ela não brilha no céu, mas num charco qualquer de água escura.

O homem volta atordoado. Tem nas mãos uma imensa bola — cheia de riscos de traços, de desenhos, de mapas. E em todas as partes dessa imensa bola os homens falando tantas línguas diferentes com roupas e costumes diversos, na ilusão desesperadora de que não são iguais, não são simples máquinas de escrever, somar, calcular, matar, pensar, amar, julgar os outros.

E só o lar é diferente.

O lar que solta no ar o sopro tenue da fumaça da cozinha.

O lar feito todo de sentimento — desde as pedras da rua que têm vida até a última árvore do quintal.

Um dia, no começo da rua, quando o homem não estiver somando dinheiro, iludindo um amigo ou remoendo uma paixão — sentirá tudo isso. — E chegara nesse dia a volta ao lar? Ou continuará no mundo fazendo do lar apenas o resguardo da máquina? — comer, dormir, vestir...

Mulher que tem o lar — seus gestos são serenos e sinceros, sua voz é doce e amiga — deixe o mundo para os homens. Guarde o lar: — os gerânios, a moringa, o pão branco, a chaminé de fumaça simbólica...

V Bonbons
ITÓRIA REGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente os
melhores.

PASSADEIRAS
CORTINAS
DECORAÇÕES
SURTIMENTO
VARIADO
CASA BEIRIZ
R. ...

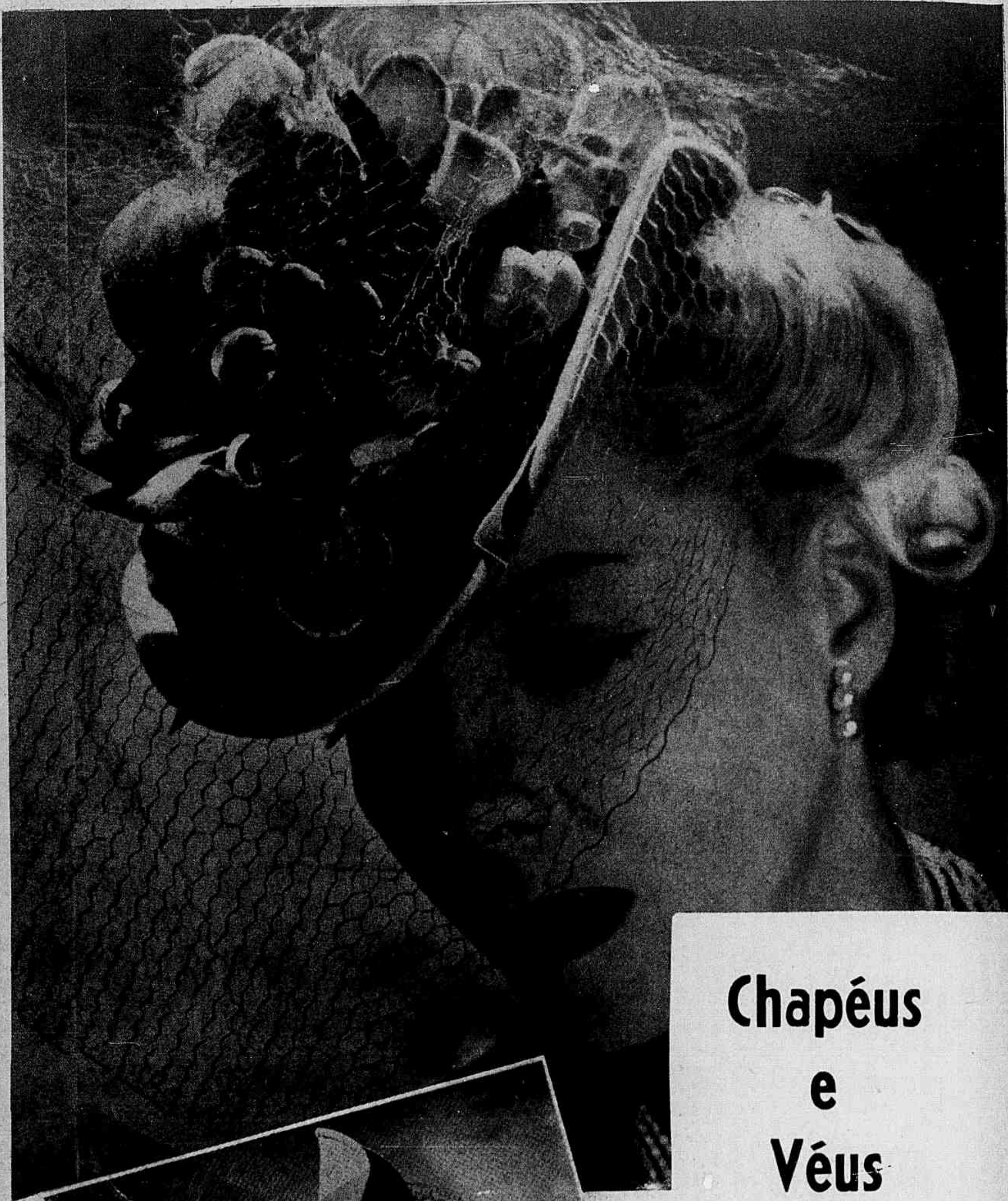
RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PELE

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
À VENDA EM TODA A PARTE

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
REDUZ A PELLE — CONTRA AS RUGAS
À VENDA EM TODA A PARTE

Michel
O RAIO
DAS MULHERES BONITAS

Casa MUNDIAL
MALAS
Artigos para Viagem
PASTAS - CINTOS - CARTEIRAS
R. ...
OS MELHORES ARTIGOS - PELOS MENORES PREÇOS



Chapéus e Véus

Os véus deixaram de ser um pedaço de tela para ser requisitas teias de aranha, enfeitadas de flores ou mariposas de materiais plásticos ou bordadas de lantejoulas.

Um original modelo é o de tela negra salpicada de « gotinhas de água » que parecem ter-se congelado sobre o véu, por um estranho milagre — e caí até os ombros, ao passo que outros são curtos, velando misteriosamente os olhos e deixando a boca provocantemente descoberta.

Vêem-se, cobrindo todo o rosto, ou enrolados inocentemente sob o queixo — e de outros mil modos interessantes.



Joalheria
La Royale
 RIO: RUA SETE DE SETEMBRO, 52
 (PROVISORIAMENTE)
 SÃO PAULO: RUA DA QUITANDA, 107

A MAIS BELA MOLDURA
PARA UM ROSTO DE MULHER



De fato, além de ser o mais natural, o penteado é o adorno mais agradável que a mulher pode ostentar. Mas para mantê-lo sem empastar os cabelos, protegendo-os desde a raiz e tornando-os sodosos e macios, é necessário usar um óleo puro e cientificamente preparado como o Óleo de Lima, isento de goma e gordura.



L-1A-127

ÓLEO DE LIMA

FIXA O CABELO SEM EMPASTAR

1943



*AS LEMBRANÇAS, alegres ou tristes, do ano que passou, não impedem que sonhemos, para o que vai chegar (que é sempre o ANO-NOVO — O ANO BOM!) a realização dos anseios que constituem o ideal por que lutamos, denodada e corajosamente.
— PAZ e alegria, no recesso amavel de um lar cheio de conforto e beleza.*

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

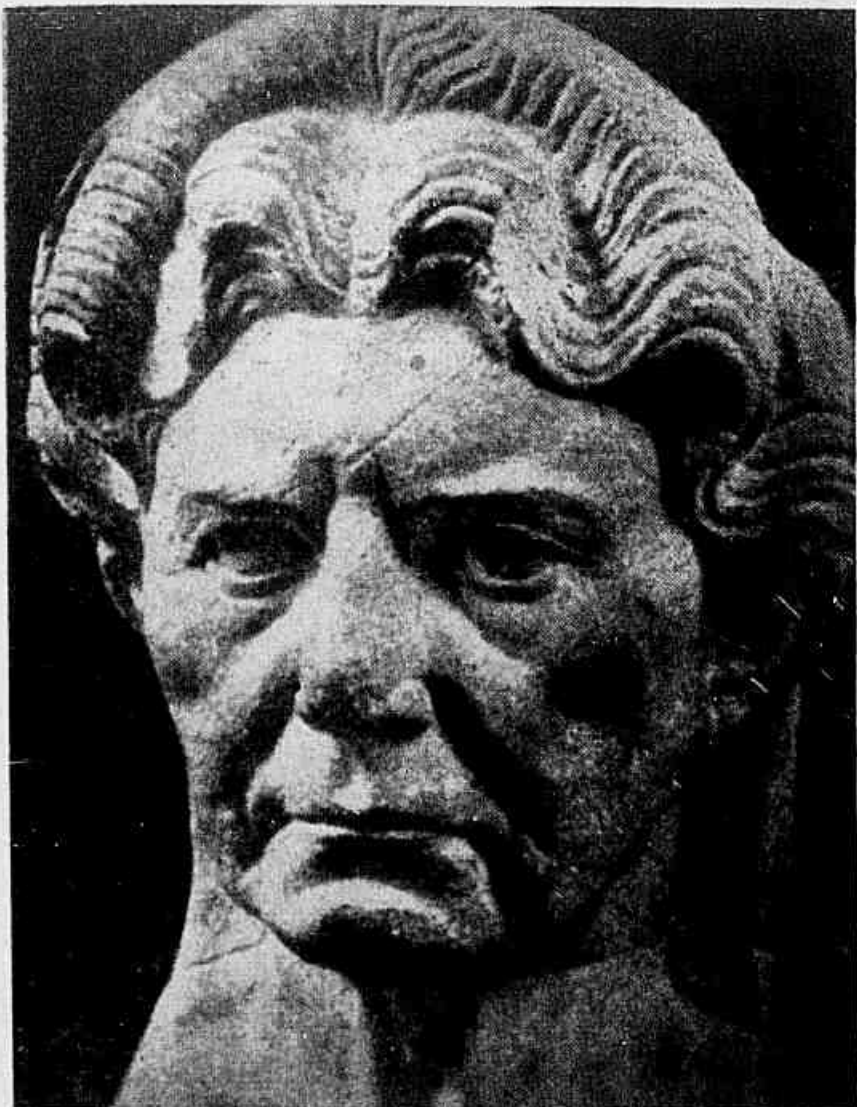
ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

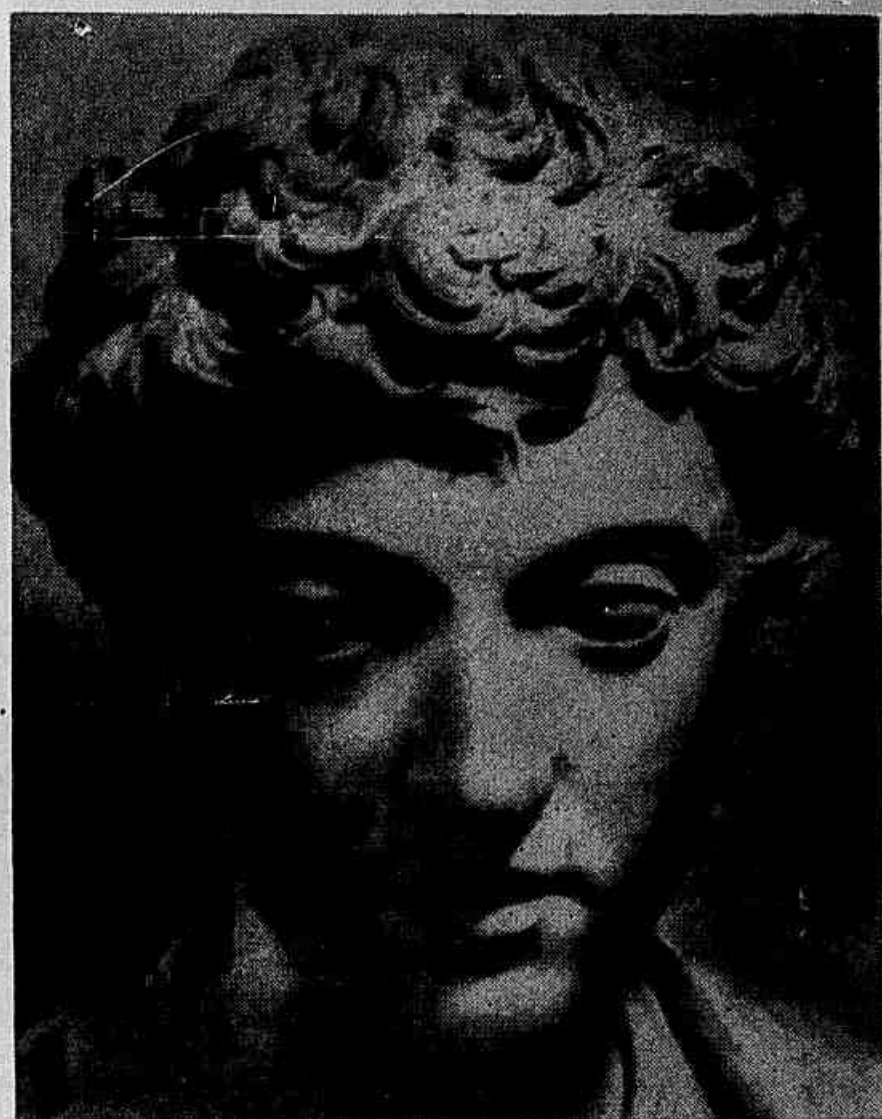
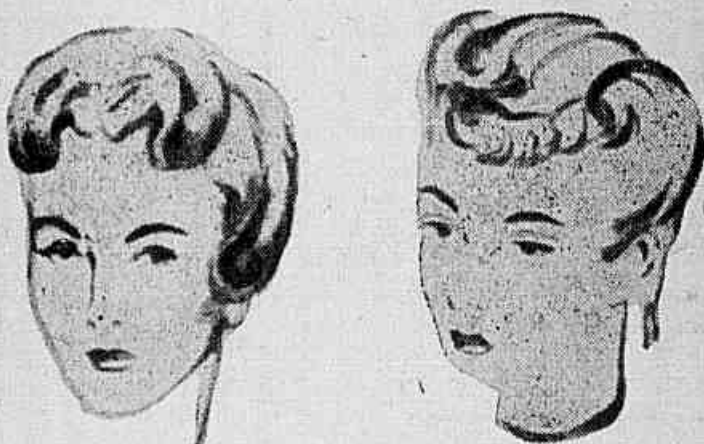
65 - RUA DA CARIOCA - 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Um penteado do século terceiro da nossa era serve de inspiração para o moderno: um rolo semi-circular, com ondas que partem dum núcleo central.

Seu cabeleirei- ro conheceria os classicos?



O jovem Marco Aurelio, no ano 150 da nossa era. Daí saiu o penteado mais moderno da cidade: corte especial, bem curto, permitindo ao cabelo cair naturalmente, como uma corda.

NADA de novo debaixo do sol... atrás das ilusões de uma novidade, das fantasias de um ineditismo qualquer, vem sempre esta verdade: nada, nada de novo. Tudo igual ou parecido, mesmo quando intuitivamente.

Seu cabeleireiro, um ótimo rapaz, "fan" de Hedy Lamarr, autoridade em corridas de cavalos, sabendo de cór o último samba, naturalmente não está de bem com os livros sobre Augusto e sua época — mas o que em nossos dias é *dernier-cri* era então familiar. As cabeças que ilustram esta página saíram de *Roman Portraits*, livro editado pela Universidade de Oxford, e correspondem a culturas do período de 20 anos antes de Cristo até 250 de nossa era. Os cabelos já eram pintados e as mulheres davam também mais valor aos colorantes estrangeiros. Era de grande voga o negro da Índia. Olhe bem os retratos, leitora amiga. Faça as comparações e tire a sua conclusão — não será muito menos decepcionante seguir pouco a moda que lhe dá essas surpresas e deixar valer o seu "eu" natural, personalíssimo?

Pompadour impecável, 20 anos antes de Cristo — inspirando um elegantíssimo penteado "alto". Tão moderno...



Moderno o penteado, não é mesmo? E como vem de longe a cabeça que o inspirou!



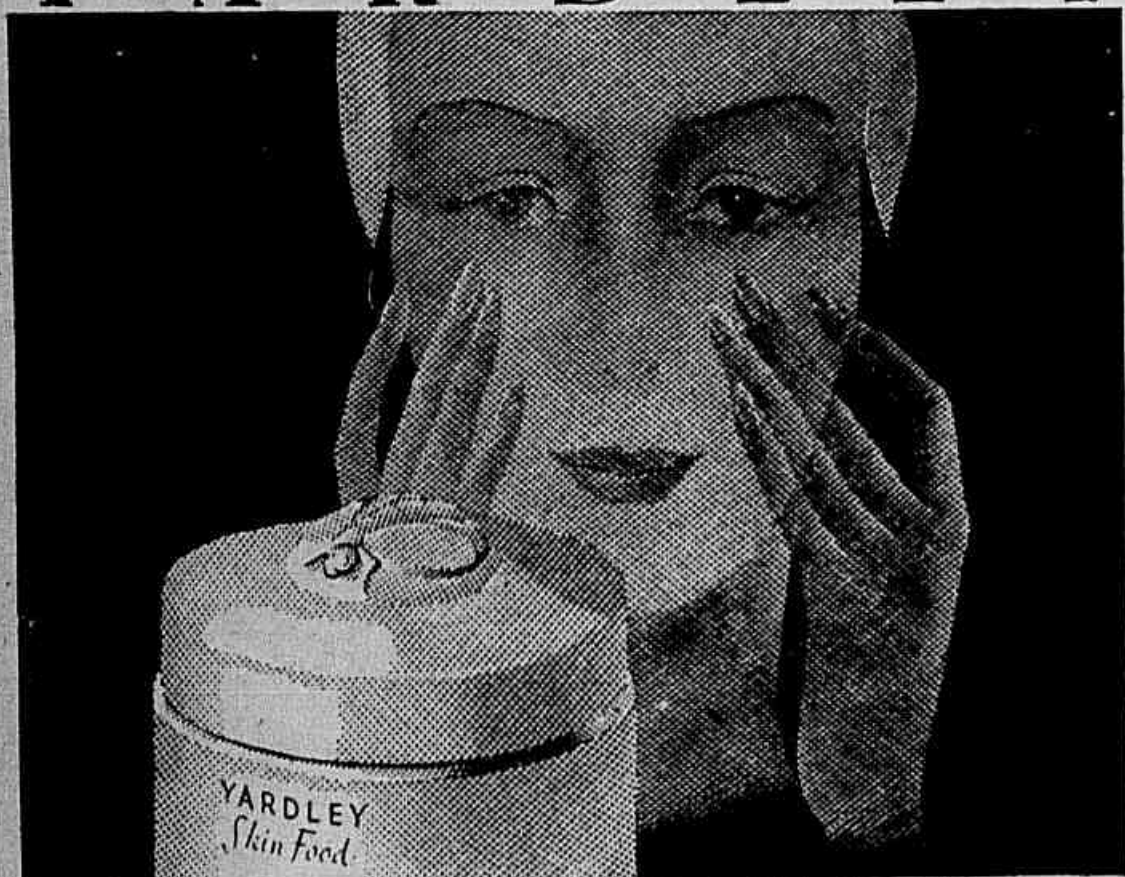
Ano 200 de nossa era: em nossos dias o cabelo se engrossa num rolo e o chapéu, por assim dizer, cái um pouco mais.



Sugestões para o Verão

- 1 — Modelo para o "troteur" em sêda ligeira ou jersey listado.
- 2 — Interessante combinação em fazenda lisa e listada. Listado vermelho e lisa azul-marinho, por exemplo. Para mocinhas, talhe 42.
- 3 — Modelo juvenil para chintz ou linho. Se seu talhe for superior a 42, não escolha...
- 4 — Modelo de alta *toilette* indicado para qualquer manequim: jersey de sêda bordado na blusa e cinto com pedrarias ou lantejoulas.
- 5 e 6 — Dois modelos esportivos. O vestido mais ligeiro em linho, o *tailleur*, interessante também para a tarde, podendo ser feito em linho ou tussor.
- 7 — Modelo para a tarde... O vestido em claro com pespontos escuros, a blusa no tom dos pespontos. Para linho ou sêda.
- 8 — Vestido *toilette*: fazenda leve, sãia franzida ou plissada. Blusa com encaixe de renda francesa bordado. Ainda que seu manequim seja 44 - escolha-o. Os blusões geralmente afinam a silhueta.
- 9 — Leve e agradável no verão e altamente *toilette*. Em jersey de sêda, com bordado ou crepe de renda francesa. Interessante, mesmo para aquelas que não são tão magras.
- 10 — Para cambraia, crepon americano ou linho e sêda. A graça do vestido está no drapeado: aumentará o seu talhe se for delgado e dará mais graça ao seu manequim além de 44.

O Caminho da Beleza com YARDLEY

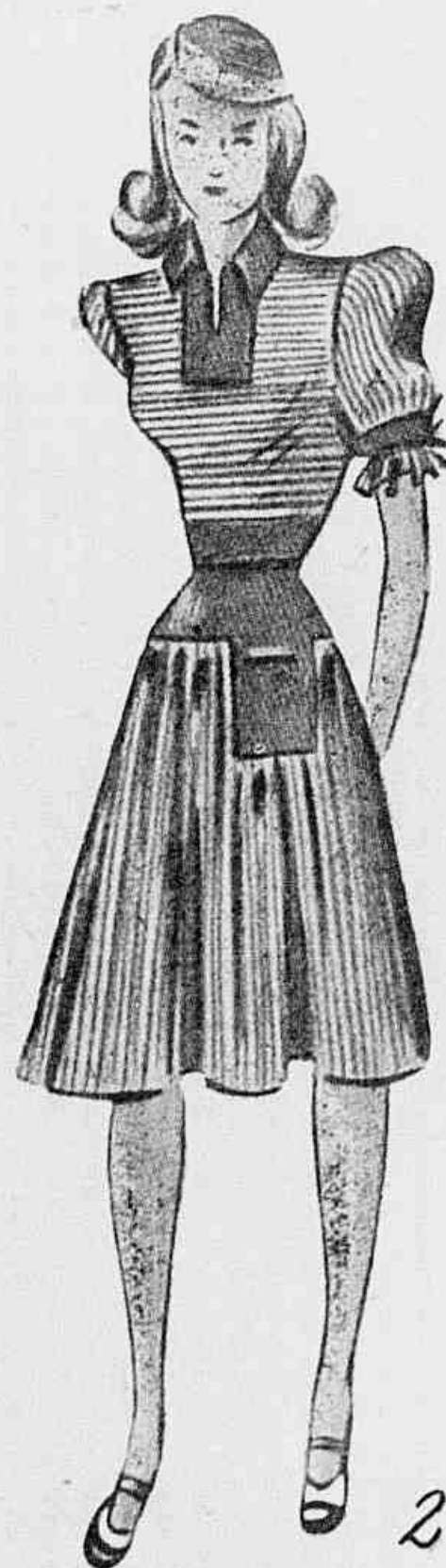


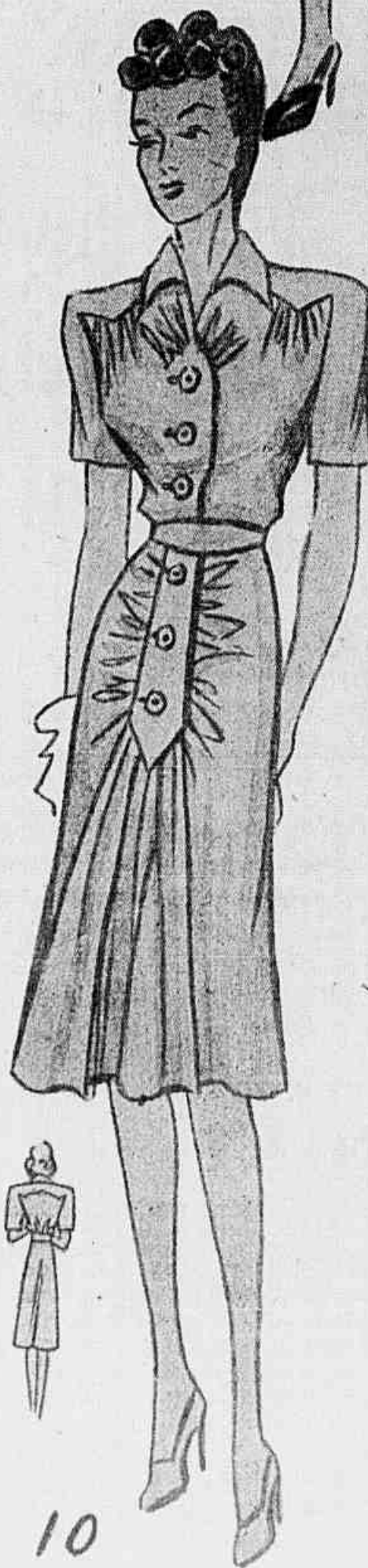
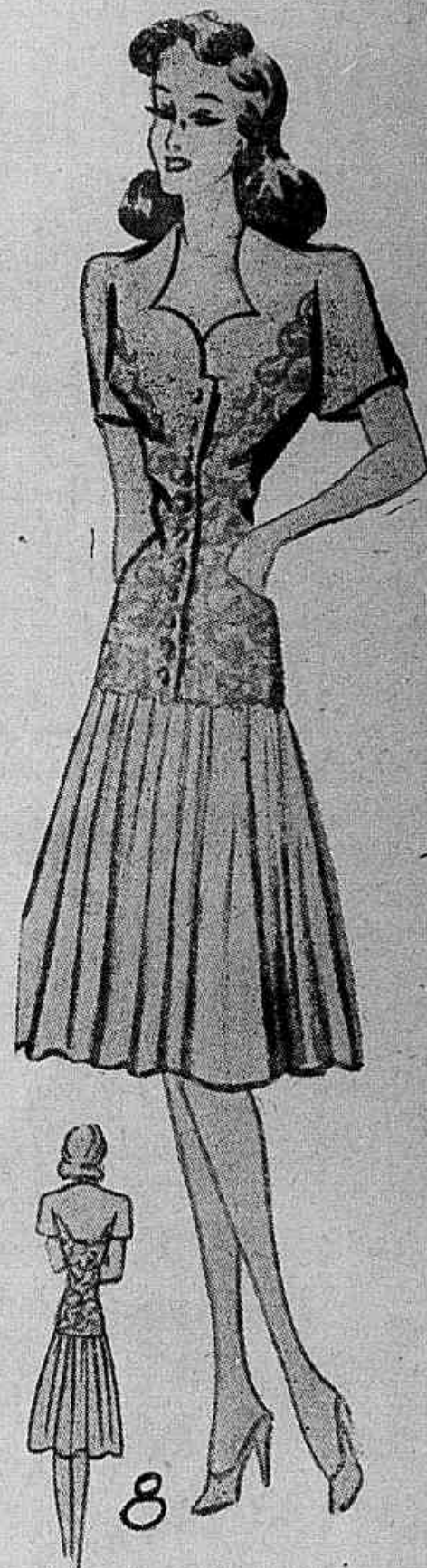
Os complicados processos de beleza já estão fóra da moda. O sistema de Yardley para o cuidado da pele, procurando realçar a beleza natural da cutis, é agradável porque é simples e seguro. Os Cremes e loções Yardley, poucos, mas essenciais, contêm tudo o que é necessário para purificar e dar à sua cutis um encanto

juvenil. Os retoques finais, com o delicado Pó de Arroz Yardley, o Batom e o Rouge, na tonalidade apropriada à sua pele — lhe darão um encanto pessoal de pureza e aristocracia.

Para o Cuidado da Pele
Alimento para a pele • Loção Tônica • Creme de Limpeza Liquescente • Leite para a Cutis.

Para Maquillage
Creme Base • Pó de Arroz Bond Street • Batom • Creme Rouge.





O pêlo nas axilas, pernas e braços compromete a sua presença nas praias. Evite esse dissabor usando RACE', o maravilhoso e mais eficaz depilatorio. RACE' não irrita a pele e é fácil de usar. Duas ou três aplicações eliminam para sempre os pêlos que a incomodam e enfeiam o seu corpo.

A' venda nas principais perfumarias e farmacias.

LABORATORIOS VINDOBONA

Rua Uruguayana, 104 - Rio

Race

o perfeito destruidor
do pêlo



Proteja a beleza natural da sua pele com LEITE DE COLÔNIA

Quando aparecerem manchas, sardas e espinhas na sua cutis, não lance mão de artifícios em demasia para escondê-las. Corrija essas imperfeições com Leite de Colonia. Leite de Colonia protege, limpa, alveja e amacia a pele. Além de remover manchas, sardas, espinhas e outras erupções da cutis, Leite de Colonia protege esse adorável viço jovem do seu rosto, mantendo-o sempre imaculado. Use-o também como base do seu pó de arroz predileto.

**Conserve
imaculado
esse adorável
viço jovem
do seu
rosto!**

Leite de Colonia

ALMANAQUE EU SEI TUDO

Está á venda o « Almanaque Eu Sei Tudo » para o Ano Novo. Com maior numero de páginas, muitas coloridas. A edição é a melhor de quantas foram lançadas. Informa-

ções sobre o ano, calendários, contos ilustrados, assuntos diversos, inclusive charadas, quebra-cabeças e anedotas enchem as 300 páginas do precioso livro dos mil assuntos. A' venda em toda parte — Redação: Maranguape, 15 — Rio.

INSOMNIA?

Cuidado! Você está se intoxicando!

Quando não é possível conciliar o sono, é porque os tóxicos estão se acumulando no organismo, intoxicando o sangue. Elimine esse perigo tomando diariamente o "Sal de Fructa" Eno — de sabor agradável e de efeito revigorante. Eno limpa o systema intestinal, purifica o sangue e evita a insomnia. Mas... só o Eno pôde produzir estes resultados.

'SALDE FRUCTA' ENO



O AMOR

FARIAS BRITO

AMOR é inclinação; e toda inclinação é sempre a repercussão psíquica de uma necessidade natural; o que prova que amor é necessidade. Sabemos também que a necessidade é a força primordial na determinação de nossas ações. Um conceito negativo envolve assim uma das mais poderosas forças humanas. E como o amor é a necessidade mais alta, daí resulta que é também o mais nobre aspecto da força e o mais alto poder.

O amor é a forma mais elevada, mais nobre da necessidade em suas manifestações superiores.

E' a razão por que esse poderoso sentimento dá feição poetica a tudo o que lhe diz respeito.

Se uma coisa se faz necessaria á nossa existencia, se satisfaz a uma inclinação natural e se essa inclinação adquire um certo ardor e se transforma em paixão, nasce o amor. Este satisfaz-se com a posse do objeto querido. Mas a posse traz como consequencia a saciedade e a saciedade põe termo aos entusiasmos do amor. Se o amor, não obstante, persiste, a despeito da posse, é que permanece a necessidade que nunca se dá por saciada. E' o que acontece quando a necessidade renasce incessantemente. Tal é o caso de uma pessoa querida que, quanto mais dominamos, mais nos prende; tal é o caso do amor materno, do amor filial, da amizade que nos prende a uma pessoa que nos inspira o mais vivo interesse por sua elevação moral, ou a que estamos ligados por qualquer laço de simpatia, admiração ou entusiasmo, sentimentos todos estes correspondentes a uma necessidade inesgotavel de afeto.

Há amor quando alguma força desconhecida nos atrai, e no mundo moral o que explica a atração é a necessidade. Mas a simples necessidade produz apenas a inclinação; para que a inclinação se torne paixão e faça nascer o amor, é preciso que a necessidade seja misturada de misterio. Ao estremecimento da paixão que nasce de uma exigencia profunda do egoismo, junta-se a curiosidade do desconhecido. E' o que explica o poder irresistível e a fascinação do amor. Vem também daí o seu caracter de sentimento vago e indefinível, de visão e transparente, sendo certo que não há apaixonado que não seja visionario.

Tudo isto quer dizer que não há amor sem poesia e sem sonho: o que significa talvez que não há amor sem sofrimento e sem luta. Mas também nesta luta e neste sofrimento prepara-se uma obra perpetua. E' que há sempre no amor propriamente dito um principio de criação; do mesmo modo que há sempre na filosofia ou no amor da ciencia uma visão do futuro.

Se houve um soberano no mundo que o maior respeito e o maior carinho tenha recebido de seu povo, foi por certo, não um homem, porém uma mulher: a rainha Vitória da Inglaterra. Foi uma mulher extraordinária, não somente pelo seu talento de chefe de governo e pelo grau de progresso material e intelectual a que fez chegar o seu povo, como também pelo seu caráter de mulher, em que se confundiam a delicadeza de alma, a compreensão para todas as debilidades humanas e uma inteireza pouco comum em face das vicissitudes de sua longa existência.

Nascida em 24 de maio de 1819, foi coroada a 28 de junho de 1838, quando era quase uma menina. A 10 de fevereiro de 1840, casou com Alberto, príncipe da Saxônia Coburgo-Gotha, que faleceu em 1861. Ela desapareceu a 22 de janeiro de 1901 e nesse dia a Europa teve como que a sensação de haver perdido uma dessas figuras que o destino apresenta aos povos, com seus traços de grandeza e genialidade, só por exceção.

Todavia, essa rainha, que construiu o maior dos impérios que a história já conheceu, e teve em suas mãos não só o destino de milhões de súditos, como também exerceu decisiva influência sobre os maiores estadistas e militares da sua época, na intimidade, no recôndito de seu coração, foi pura ternura e delicadeza, vivendo um dos romances mais formosos e que, para ser completo, teve até a nota da tragédia.

Houve um romance na sua vida. Soberana de vários domínios, chegada a hora em que o seu coração despertava para a vida dos amores, Vitória quis com toda a alma ao que seria seu noivo, seu esposo e o único homem de toda a sua existência. Aquêles amores foram um idílio sem interrupção, que durou vinte e um anos. E eflúvios de tão intenso carinho e de tão terna paixão, são as narrativas consignadas em « Diário » íntimo da rainha Vitória, que tantos ensinamentos e consolações traria a homens e mulheres, chefes de governo e plebeus, artistas e trabalhadores, se se chegasse a divulgá-las inteiramente.

Póde-se compreender e aquilatar em toda a sua grandeza humana e poética o idílio da rainha Vitória e Alberto, só em percorrer a carta que mandou ao tio, o rei Leopoldo da Bélgica, quando estava perto de casar-se, assim como uns comovedores trechos de seu « Diário ». Isso bastará.

A carta da rainha noiva resa:

« Meu querido tio. Esta carta lhe agradecerá, estou certa, porque sempre me teve o mais vivo afeto. Fiz a minha escolha e esta manhã o declarei a Alberto. O grande carinho que me demonstrou ao saberlo encheu minha alma de alegria.

« O príncipe me parece um homem perfeito e creio ter ante minha perspectiva uma felicidade sem limites. Amo-o mais do que poderia expressar em palavras e farei o que estiver ao meu alcance, para diminuir, tanto quanto possível, o sacrifício que ele faz ao se casar. Estou convencida de que ele é dotado de grandes qualidades, sobretudo de discrição e tato, que são muito necessários em sua posição de rei consorte.

FRAGMENTOS DAS MEMÓRIAS DE UMA RAINHA ENAMORADA

Por Susana Montes Caride

« Estes últimos dias me dão a impressão de um sonho e estou tão perturbada que não sei o que estou escrevendo. Só sei que sou muito feliz! »

Ha um tom apaixonado nesta breve missiva, porém também nela se demonstra o temperamento rijo daquela mulher, que sabia escolher o homem capaz de acompanhá-la com dignidade e eficiência. Realizado o casamento, são as páginas do « Diário » íntimo as que vão recolhendo, não já as referências à ação da soberana,



senão as pequenices e as deliciosas confidências da mulher enamorada de seu esposo e do pai dos seus filhos. Completam as nítidas linhas da carta, a mais sensata e ardente que escreveu uma mulher de nossos tempos e de todos os tempos, talvez:

« Montamos a cavalo — diz recordando seus passeios pelo reino. — Tinha chovido e o sólo estava resvaladiço. Durante uma hora, tudo andou muito bem; porém de repente nos vimos envoltos numa névoa espessa e depois fomos açoitados pelo vento e pela chuva. Graças ao guarda-chuva ao impermeável e a meu abrigo de lã, livre-me dos efeitos da água. Porém meu Alberto estava molhado, cansado.

Felizmente, não senti nenhuma impressão de frio. »

E esta rainha que tem centenas de cortesãos e servidores, gosta de recordar a aventura, vivida, como tantas outras, sozinha com o esposo amado, desfrutando a solidão e a liberdade. Assim, prossegue:

« Chegamos de noite ao hotel de Dalwhinnie, casa isolada, a alguma distância da povoação. Fiquei com medo que fizessem alguma demonstração em nossa honra.

Felizmente não fizeram. Porém no hotel uma criada me reconheceu, por me ter visto em Aberden e Edinburgo. Tínhamos um salão e uma sala de refeições; nosso quarto de dormir era grande e Alberto contava com um vestiário. Desgraçadamente não havia na casa nada de comida, só encontramos chá e dois frangos esqueléticos. Nem mingaus nem « pudding ». Estávamos bem arranjados! Porém, afinal, eu tinha Alberto ao meu lado, gozava saúde e estava alegre. Ceiamos salada!

« Já o disse a Alberto. Sinto-me melhor no campo do que na cidade. Na capital, tenho que fazer a vida da corte: aqui, não.

Desde a hora abençoada de meu casamento, o único que desejo é estar sozinha com meu marido, e esquecida de que sou uma rainha. Nunca o conseguirei na cidade. Os verdadeiros prazeres duma existência pacífica, tranquila e ao mesmo tempo alegre, no campo, com meu inestimável marido, meu bem, meu tudo, são muito mais duradouros do que as diversões de Londres.

« Vivendo para mim somente, Alberto enche-me de atenções e cuidados. Carrega-me nos braços para o canapé, empurra a poltrona onde estou sentada, para me passar para outro aposento, não se lembra de que é rei, mas de que é metade de minha vida. »

O idílio prossegue, quando a rainha se torna mãe e são comovedores, pela sua ingenuidade e espontânea humanidade, as cenas que a rainha evoca no seu « Diário »:

« Esta manhã, ainda estava na cama, quando Alberto entrou. Trazia-me a nossa filha, fresca, formosa, encantadora com sua roupinha de casemira branca guardanecida de azul e sua pequena boina de laços. Alberto a deitou no meu leito e a pobrezinha fez muitas brincadeiras. Alberto, sentado á beira da cama, contemplava-a extasiado.

« Vendo a meu querido e nobre Alberto e a nosso amor de pequena, nossa filha, entre nós dois, meu coração transbordava de felicidade e meus lábios entoavam orações de graças a Deus... »

Uma mulher que amava assim, com tanta pureza, com tanta intensidade, como não haveria de sentir até o instante derradeiro de sua existência a ferida que o destino, em 1861, abriu no seu coração? Como não haveria de dispor que, na hora de sua morte, a reunissem ao bem-amado de todos seus dias, no mausoléu de Frimare, na ilha de Wright?...

(Tradução especial de « El Hogar »)

OLINDA

(Continuação da pag. 17)

que é um dos mais expressivos e preciosos monumentos da inteligência brasileira.

Olinda, porém, não é apenas a lenda e a história. Olinda é igualmente a Poesia.

A doçura e a beleza de seus recantos pitorescos, de suas ruas estreitas e tortas, de suas encostas enverduradas, de seus coqueirais buliçosos, de suas jangadas afoitas, de seus nomes saborosos. Anda-se por aqui com uma porção de denominações que cantam aos ouvidos. Boa-Hora... Amparo... Quatro Cantos... Ladeira da Sé... Conceiçãozinha das Freiras... Ribeira... Varadouro... Largo de São Bento... Capela do Aljube... Subida da Misericórdia... Beco do Bonfim... Guadalupe... Alto do Seminário... Adro de São Francisco... Bica do Rosário... Praia dos Milagres...

Quem não ama a Olinda
Não a viu ainda...

São dois versinhos populares do século XVIII. Encontrei-os numa crônica remota e traduzem realmente uma verdade. Ninguém que suba, uma vez, a esta colina, poderá deixar de ficar querendo bem a Olinda. Foi daqui, trazendo a Ramalho Ortigão em sua companhia, que Joaquim Nabuco disse: « O que faz a grande beleza deste nosso torrão pernambucano é em primeiro lugar o seu céu que muda a cada instante, leve, puro, suave, onde as nuvens parecem ter asas e que não é o mesmo um minuto; e, depois, o nosso mar, verde, vibrátil, luminoso, as nossas areias tépidas e cobertas de relva, os nossos coqueiros que se erguem desde o sóco até ao espanador de um brilho metálico e dourado, com que parecem ao longe sacudir as brancas nuvens, as jaqueiras e as mangueiras cuja sombra rendada é um oásis de frescura e abundância. »

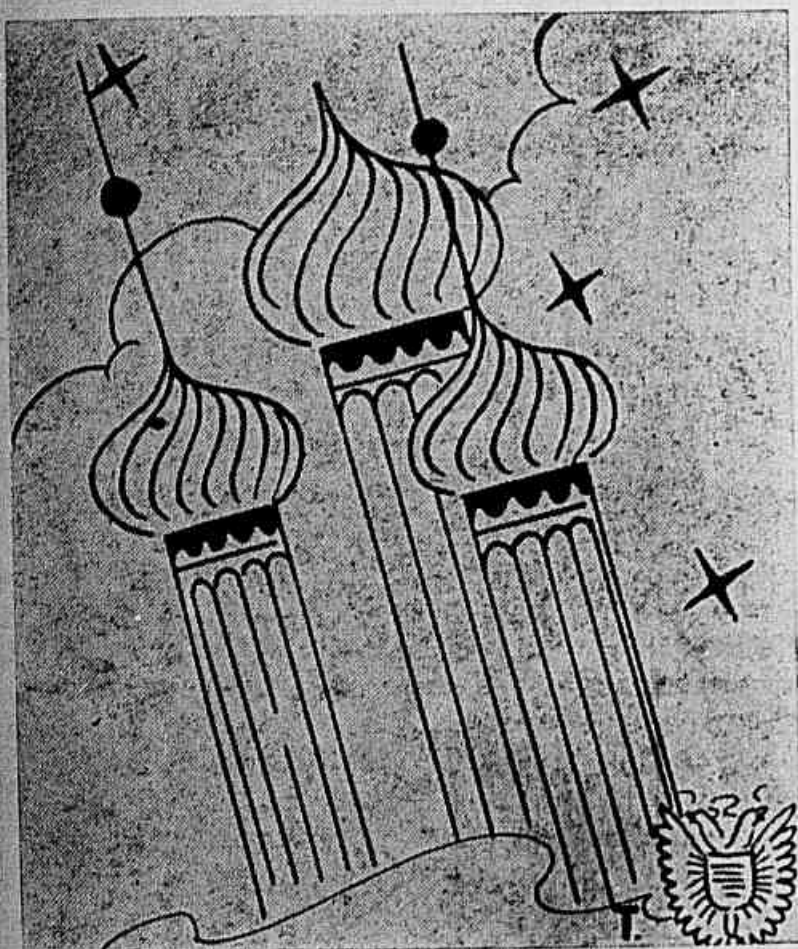
A paisagem, pela pena admirável e colorida de

Nabuco ainda está aí como ele o apóstolo dos escravos a pintou. Temo-la diante dos olhos neste dia em que o meu coração se sente entusiasmado ainda mais pela visão de Olinda e indistintamente comovido por poder relembrar estes trechos do nosso Passado nesta Cidade-Museu. Aí está a Olinda de Duarte Coelho, a Olinda de Matias de Albuquerque, a Olinda de Bernardo Vieira de Melo, a Olinda de todos nós, os pernambucanos e os brasileiros. Aí está o berço de nossa civilização, repito. Aqui foi o Paço do donatário, aqui foi o baluarte da Fé, aqui foi o parapeito da nacionalidade. Inclinem-nos para este chão duplamente digno de nossa reverência. Inclinem-nos, sim, porém logo depois ergamos as cabeças, ergamo-las bem, com desassombro, com altivez, com orgulho mesmo, para contemplarmos cheios de consciência, cheios de confiança, cheios de admiração, esta terra formosa e doce que é um dos trechos mais significativos e mais tradicionais da Pátria que os nossos antepassados neste ponto fizeram nascer, prosperar e ser o Brasil.

COZINHA DE TODO O MUNDO

(do livro a sair brevemente: «Cozinhando pelo rádio», de Sagrador de Scuvero)

Na outra face do mundo existe um lar igual ao seu: um homem que trabalha muito e chega reclamando o jantar, uma criança talvez enfadada, e a dona feliz dêse lar que fala uma língua diferente da sua, acostumada a outro clima, parte integrante de outro ambiente, tem o mesmo problema que você. E se não fosse a diferença horária todas as manhãs, no mesmo instante, haveria no ar a mesma pergunta feita em muitas línguas: — Que farei para o almoço? As respostas talvez lhe sirvam como colaboração ao menu de todos os dias. Na outra face do mundo, em um lar pequenino e alegre, florido como o seu, ha uma mulher que ama, uma criança bonita e um homem forte. Ha também uma toalha estendida numa porta. Vamos vêr o que ha nessa casa?



BORSCH, SOPA DA COZINHA RUSSA

Descascam-se 4 beterrabas e cozinha-se em caldo de carne ($\frac{1}{2}$ quilo de peito), 1 cebola batida, 3 tomates e sal. Os tomates são passados pela peneira. Quando a beterraba estiver cozida, passa-se pela máquina e volta à panela. Corta-se bem fino um repolho do tamanho de uma laranja e junta-se à sopa e também 2 dentes de alho bem socados. Adiciona-se então dois pedacinhos de ácido cítrico, uma pitada de pimenta do reino e deixa-se ferver. Adoça-se com 3 colheres de sopa de açúcar. Antes de servir juntam-se 2 gemas desmanchadas, mexendo com cuidado para não talhar.



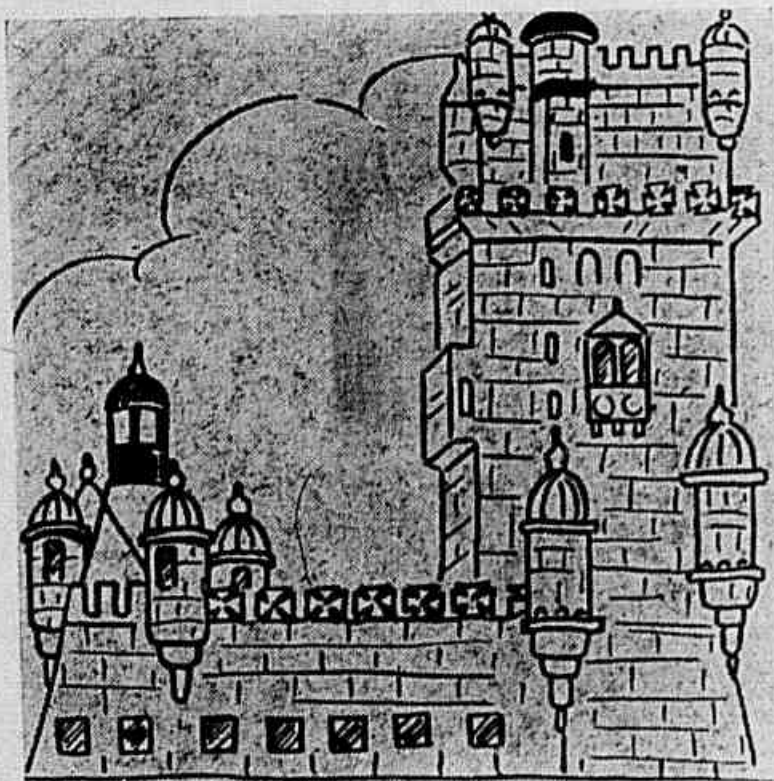
TORTA DE ABÓBORA DA COZINHA AMERICANA

Todos os lares americanos a teem em sua mesa na terceira Quinta-Feira de Novembro. E' o dia de Graças que vale como definição de uma raça — é o dia marcado pelo Governo para que o povo agradeça aos Céus, a grandeza de sua liberdade.

As medidas desta e de outras receitas americanas são oficiais — a colher de sopa e as colheres de chá são comuns. As nossas chécaras de chá correspondem a $\frac{3}{4}$ da chécara americana.

Bata bem 3 colheres de manteiga, $\frac{1}{4}$ de chécara de açúcar, 2 ovos desmanchados; junte $\frac{1}{2}$ chécara de leite, $\frac{1}{4}$ de colher de chá de gengibre ou cravo, $\frac{1}{4}$ de 1 colher de chá de noz moscada, 1 e $\frac{1}{4}$ de chécara de abóbora cozida no fogo, bem espremida, sem água e passar no espremedor, $\frac{1}{8}$ de colher de chá de sal, $\frac{1}{4}$ de colher de chá de farinha, $\frac{1}{4}$ de colher de chá de canela, misturar bem e está pronto o recheio.

Massas — Junte 1 e $\frac{1}{4}$ de chécara de farinha.



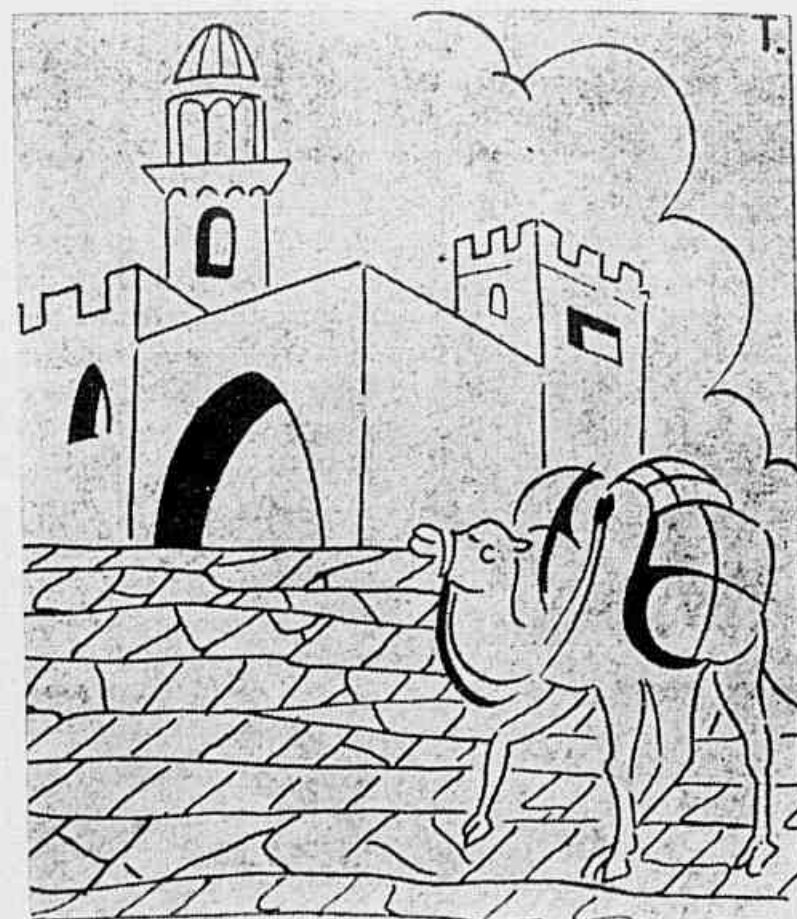
MIGAS, DA COZINHA PORTUGUESA

Socar 2 dentes de alho com um ramo de coentro. Forrar o fundo de uma sopeira com fatias de pão conservando a casca. Colocar sobre as fatias de pão o alho e o coentro. Cortar em rodela um ovo cozido e colocar por cima. Acrescentar uma chécara de chá de azeite e despejar por cima um caldo bem quente.

ZAMACÕES, DA COZINHA ESPANHOLA

O nome dese prato deriva do nome de uma cantora de Zarzuela (gênero que fica entre a revista e a opcreta).

Junte num vasilhame de louça 500 grs. de farinha, 150 grs. de açúcar cristalizado, 150 grs. de manteiga, 20 ovos e um pouco de sal. Bater fortemente essa mistura, juntar depois, pouco a pouco, uma chécara de café, de azeite fervendo, continuando a bater a massa. Depois de pronto, partir em pequenas porções e levar ao forno em taboleiro untado com manteiga.



QUIBE, DA COZINHA ARABE

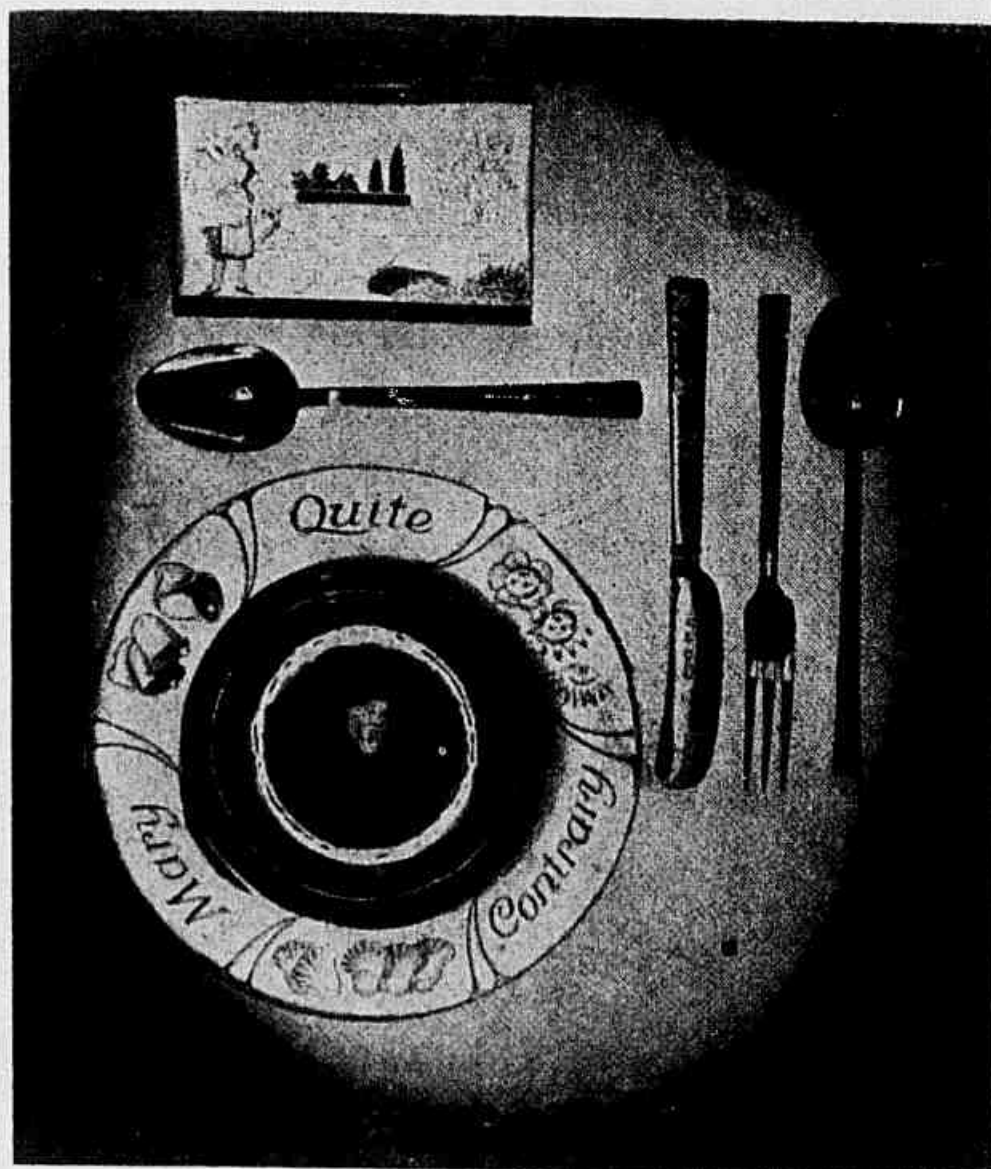
Passe pela máquina um quilo de patinho (com a peça denteada), uma cebola grande, cheiro verde. Sal suficiente. Lave bem meio quilo de trigo, junte bem à carne e torne a passar pela máquina ao mais fino. Pode ser servido assim, cru. Querendo levar ao forno arrume em taboleiro bem untado com manteiga: uma camada de quibe, uma camada de recheio de carne igual à do pastel mas seco, um pouco de manteiga, outra camada de quibe. Humedecer um pouco, cortar em losangos e levar ao forno. O cheiro deve ser preparado em manteiga.



FEIJOADA BAIANA, DA COZINHA BRASILEIRA

Lave bem lavado o feijão mulatinho e deixa de molho algumas horas antes de preparar o prato. Leve ao fogo com água e junte um pedaço de carne de peito de vaca, linguiça de porco, toucinho, crelha bem preparada, lavada, sem os pelos, etc. Xarque com pouca gordura e sal. Não se esqueça que alguns ingredientes são salgados. Leve ao fogo e deixe ferver durante 3 horas. Abafe a panela, retire do fogo e guarde em lugar fresco até o dia seguinte, quando é a panela levada ao fogo não muito forte, onde fica até a hora do almoço. Pouco antes de servir, acrescente louro. Os baianos gostam de servir esse prato separando as carnes, o caldo e o feijão. O grão é reduzido a um creme, recebendo novamente o caldo e a carne à parte numa travessa. A feijoada é servida com molho vivo ou então cebola em rodela, sal, dente de alho bem socado. Esses ingredientes muito bem macerados e suco de limão. Os temperos devem ficar dissolvidos no suco de limão.

Louça especial para crianças...



Ha necessidade de educar as crianças com exemplos e fatos muito mais do que com palavras.

Ha crianças de 10 a 12 anos, descuidadas, que não podem tocar em objetos quebráveis: não seriam assim se aos 3 anos se começasse a levar até a mesa de refeições o prato individual, bonito e querido. Com o medo de quebrá-lo, gravariam para sempre o cuidado. Esse, o lado educacional da louça individual. Ha também o lado do encanto, da graça: a presença da criança num lar deve ser sentida até nos detalhes: a louça, os talheres, os desenhos infantis. Na mesa de refeições dos adultos, o prato dos garotos. Não seria um atrativo a mais? O que ilustra este comentário traz o nome da dona; com tinta especial para louça, a própria criança poderia assinar o nome ou desenhá-lo... E um prato desses não irá estimular a vontade de comer na garotinha desintereçada?

Merendas de verão

Que calor! Não é mesmo? Seus garotos começam a ficar enfastiados, olhando com má vontade o prato de mingau, o café com leite, pão e manteiga. Por isso mesmo algumas sugestões diferentes — merendas para os dias de calor...

—(—

ARROZ COM MAÇÃ — Cozinhe o arroz com água e 1 pitadinha de sal. Coloque-o num prato que vá ao forno, cubra-o com uma camada de açúcar e uma maçã ralada. Leve ao forno quente para assar a maçã.

—(—

PERAS COM BOLACHAS — Escolha as bolachas de preferência da criança, variadas e deixe de molho em pouco leite para amolecer bem. Junte o açúcar e bata bem com um garfo reduzindo tudo a um creme. Engrosse no fogo. Retire do fogo. Corte em fatias bem finas uma pera da água e coloque em um pratinho uma camada do creme, uma de peras outra do creme. Leve à geladeira antes de servir.

—(—

COALHADA COM TORRADAS — Deixe o leite sem ferver de um dia para o outro. Terá coalhada natural. Deixe endurecer bem na geladeira. Faça torrada de fatias de pão de 10 centavos e coloque um pedaço de coalhada em cima de cada uma e sirva ao natural ou com uma pitada de sal ou açúcar.

—(—

Rale uma maçã com casca — junte um copo de caldo de laranja, bata bem, leve à geladeira antes de servir apenas para refrescar.

SANDUICHES DE GELEIA — Leve ao fogo igual quantidade de fruta e de açúcar. Mexa até conseguir o ponto. Sirva com pão.

Para os dias de calor



Os dias de calor lembram logo refrescos e sorvetes; sejam simples sorvete ou misturas que apareçam com um aspecto mais festivo são sempre recebidos com entusiástica alegria.

SORVETE DE CREME E FRUTAS — *Ingredientes:* — $\frac{1}{2}$ litro de creme, 200 grs. de açúcar. — Ponha o açúcar e o creme numa vasilha, mexendo bem com uma colher de pau e leve a mistura para as gavetas da geladeira. Esta é a mistura básica, e, pelo acréscimo de um pouco de xarope de morango, maracujá, abacaxi, groselha, tamarindo, etc., podem-se fazer diferentes qualidades de sorvete. É preciso, porém, não esquecer que, se a fruta for muito doce, se torna necessário diminuir um pouco a quantidade de açúcar, pois do contrário a mistura não gela bem.

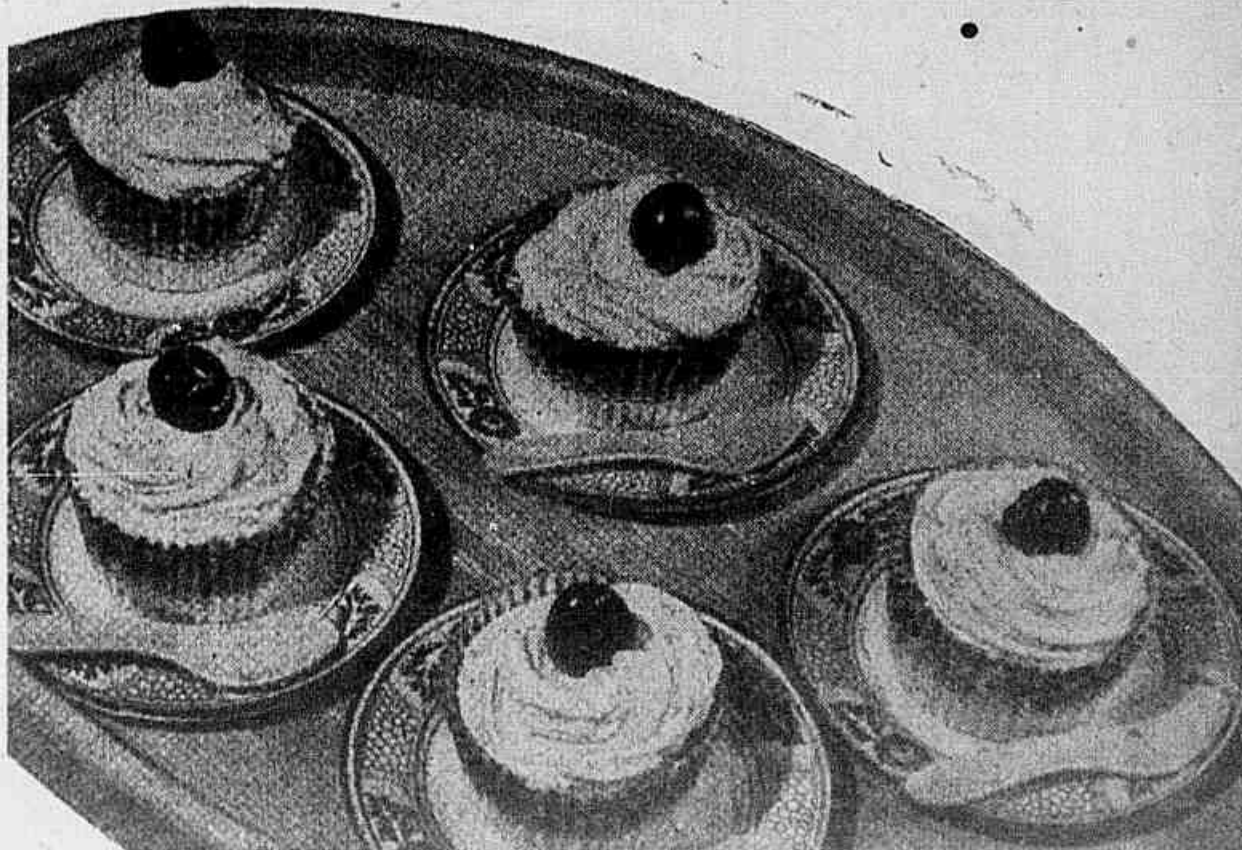
SORVETE DE CREME — *Ingredientes:* — $\frac{1}{2}$ litro de leite, 200 grs. de açúcar, 3 ovos, 2 folhas de gelatina e algumas gotas de baunilha. Misturar os ovos com o açúcar; adicionar o leite e mexer ao fogo, até a mistura engrossar sem ferver. Acrescentar a gelatina e, quando estiver dissolvida, coar e temperar com a baunilha.

Gelar e dividir em porções individuais. Aqui também pode-se usar xarope de frutas, para dar mais gosto, contanto que a quantidade de açúcar seja ligeiramente reduzida.

SORVETE DE BANANAS — *Ingredientes:* — 6 bananas maduras, suco de 2 limões, suco de 2 laranjas, $\frac{1}{2}$ litro de creme adoçado e um copo de xarope de fruta ou marrasquino. Amasse as bananas e misture com o suco das frutas e o xarope. Peneirar e acrescentar o creme. Gelar.

SUNDAE DE MARRASQUINO — *Ingredientes:* — 8 colheres de sopa de xarope de marrasquino, 1 colher de sopa de aguardente ou conhaque, 250 grs. de creme, 250 grs. de leite, cerejas, chantilly. Misture e gele o marrasquino, a aguardente, o creme, o leite e divida em copos individuais. Espalhar o chantilly junto às bordas dos copos e encher o centro com as cerejas conservadas em marrasquino.

REFRESCO DE FRUTAS — *Ingredientes:* — Suco de um abacaxi, suco de 15 laranjas, uma colher de sopa de xarope de maracujá, duas garrafas de guaraná, uma maçã picada em pedacinhos. Açúcar a vontade e pôr na geladeira. Servir bem gelado.



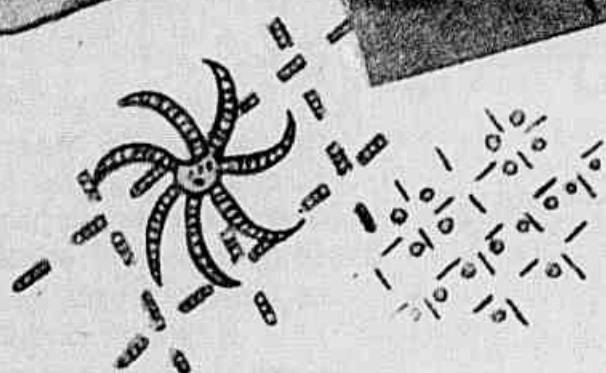
LINGERIE



Cambrsia bordada ou sêda. Lingerie com renda.

Joia de paciência feminina, feita de detalhes, de trabalho caprichoso e artístico, não existe um guarda-roupa feminino sem a nota graciosa da lingerie: mesmo quando ela se repete nas aplicações tão conhecidas nos encaixes, nos pontos de sombra. Justamente para evitar essa repetição, algumas novidades com modelos graciosos e discretos.

Alguma coisa de novo e diferente: cambrsia, se quiser dar o tom das roupas de nossas avós, com renda franzida, entremeios e lacinhos de fita.



Seda ou setim lingerie em combinação de renda e bordado.



Setim lingerie e rendas Racine. Numa versão mais modesta: opalina e renda, tipo valenciana.



NAS MULHERES BONITAS

Conserve a sua cutis bonita e saudável, usando os produtos de

A pele é quasi tudo.

Mme. GRAÇA

Oleo de Violetas — Creme Anti-rugas — Adstringente — Creme de Cêra Virgem — Balsamo Branco

Deliciosamente perfumados.

CS DISTRIUIDORES

ESPAÑA PARAMÉS E IRMÃO

FORNECEM CATALOGOS GRATUITAMENTE

Alfandega, 181 - Tel. 43-2417 - Rio - Caixa Postal 895



Como educar uma filha?

Ordinariamente, terminando o Curso Ginásial, as jovens procuram aulas particulares de linguas, datilografia, taquigrafia, contabilidade, preparando-se, só então, para as múltiplas eventualidades que a vida de hoje lhes apresenta.

Isso porque, no Ginásio, outras matérias, como o Latim, as Ciencias, lhes absorveram o tempo, sem lhes dar ensejo de se prepararem para o futuro que realmente as aguardava.

Para remediar esta falta, o Colégio Fontainha mantém, com eficiente resultado, o CURSO DE CULTURA FEMININA, onde, a par de sólida cultura geral, se iniciam as jovens, desde cedo, no preparo para a vida prática. O estudo metódico e completo de linguas, Estenodatilografia, Contabilidade, Estatística, Direito, as habilita á realização de concursos para repartições públicas ou empresas particulares. Aulas de Economia Domestica, Corte, Costura, Culinária, as fazem peritas donas de casa. A cultura moral e física completa a educação intelectual, tornando-as moças sadias, uteis á familia, á sociedade e á pátria.

Pedir melhores esclarecimentos no Colegio Fontainha RUA VISCONDE DE PIRAJA', 66 — IPANEMA

Para o toque final...



Helena Rubinstein

recomenda

COLÔNIA FLOR DE MAÇÃ



DÊ ao seu corpo uma sensação de frescor e bem estar... Sinta-se agradavelmente perfumada com o aroma delicado e cativante de Colônia Flor de Maçã de Helena Rubinstein. Gostará da sua preciosa fragrância e da aura romântica que lhe dará... Flôr de Maçã é uma necessidade para os dias de calor.

PARC AVENIDA

Av. Atlantica, 766

PARC ROYAL

Rua Ramalho Ortigão, 33

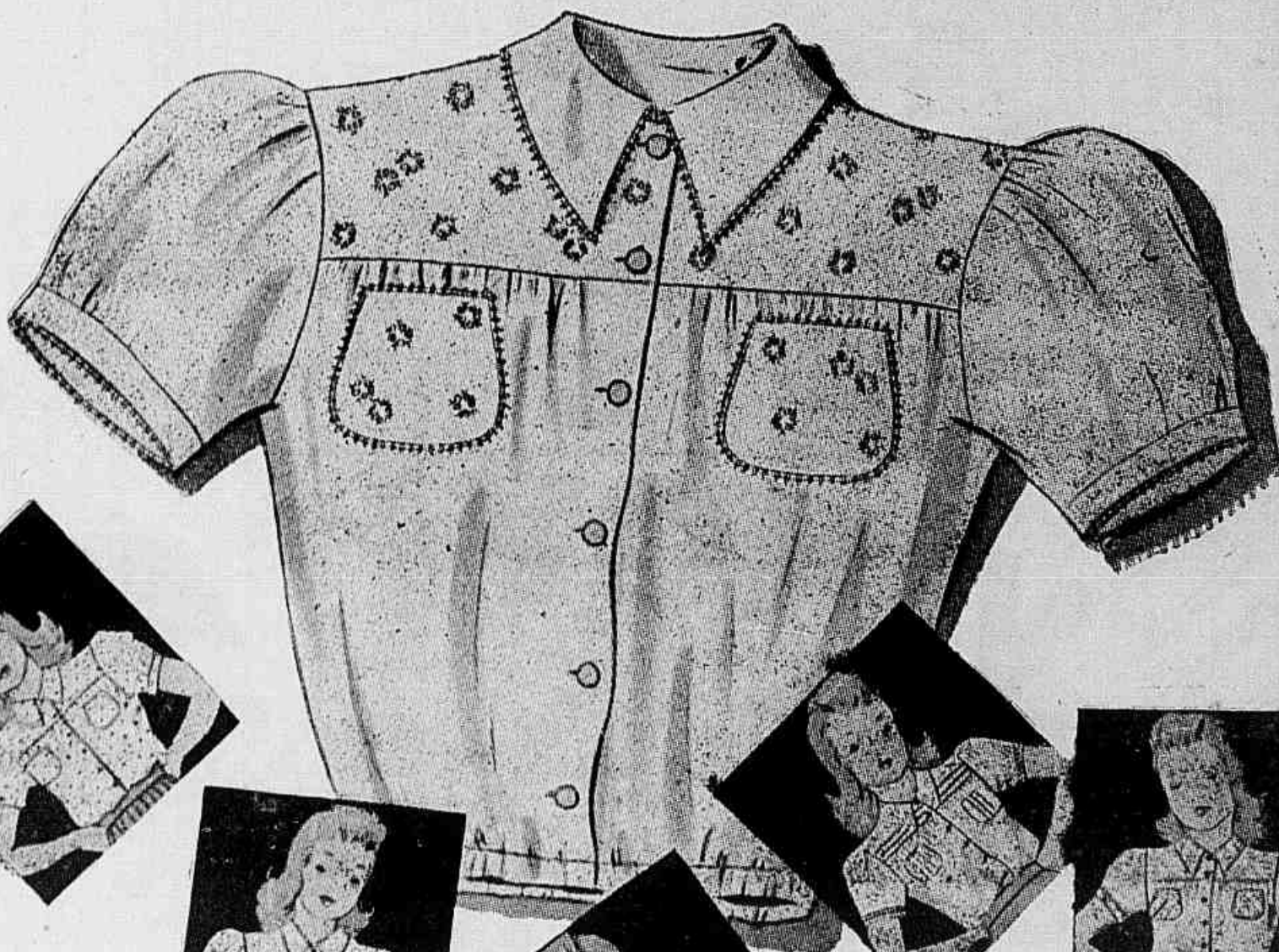
VICENTE & GEORGETTE

Av. Copacabana, 620

Um modelo e seis variações...

Você que costura pouco com um mesmo molde, pode fazer seis modelos de blusa em cambraia com flores bordadas na pala e bolsos. Na gola e punhos um biquinho em piquet ou bordado.

Em fazenda estampada, para uso diario. Pois, por exemplo, Em fazenda listada: a pala com listas horizontais, o corpo, gola e mangas com listas verticais. Em tecido branco: enfeitando os bolsos, pala e punhos com sinhaninha em cores ou esses galões floridos, modernos. Em tecido liso, fazendo a gola, os bolsos e os punhos em fazenda xadrez.



Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO

APR. PELA CENS. SANIT. N. 86-1-1

Numeros atrasados desta

Revista no Acre

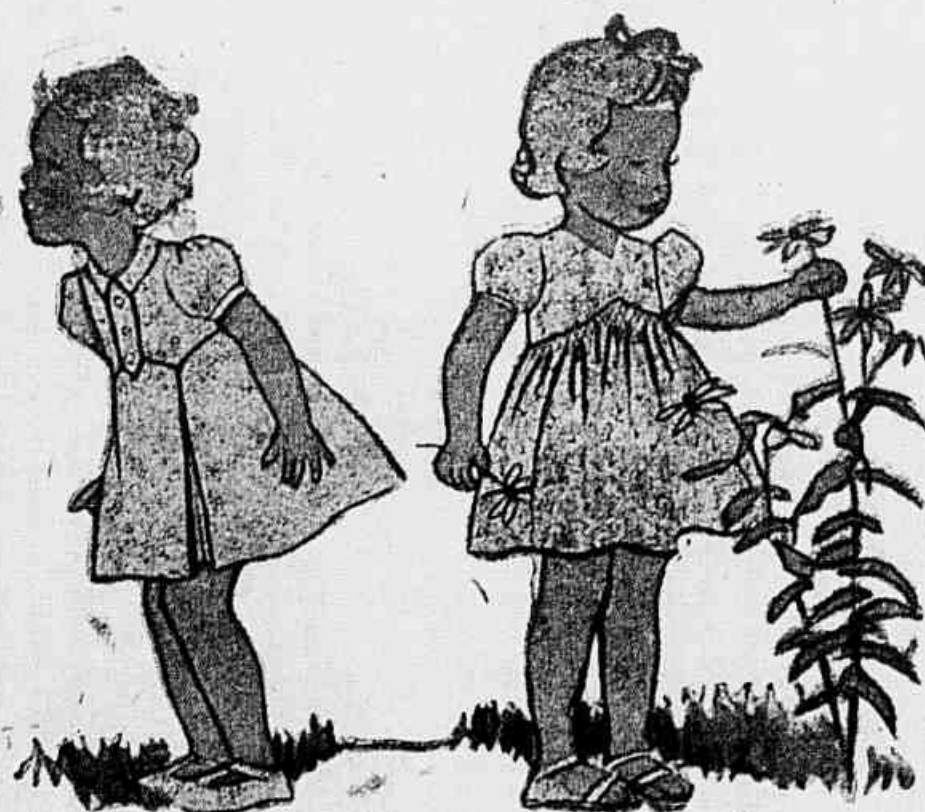
Pedir a

DIOGENES OLIVEIRA

RIO BRANCO

Moda

Infantil



Em cima:

Dois modelos: o primeiro para tobraline ou linho com pregas laterais escondidas. O segundo para cambraila estampada, com casa de abelha acompanhando o corte de blusa.

Ao lado:

Em tobraline lisa e estampada — blusa abotoada, decote quadrado. Um modelo para cambraila ou etamine — cinto e parte lateral franzidos.



Uma roupinha para passeio de menino e outra de menina — interessantes para praia ou campo.

A' esquerda: Duas sugestões para praia em fazenda ligeira.

VINOVITA



TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

DÁ ENERGIA AOS MÚSCULOS

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

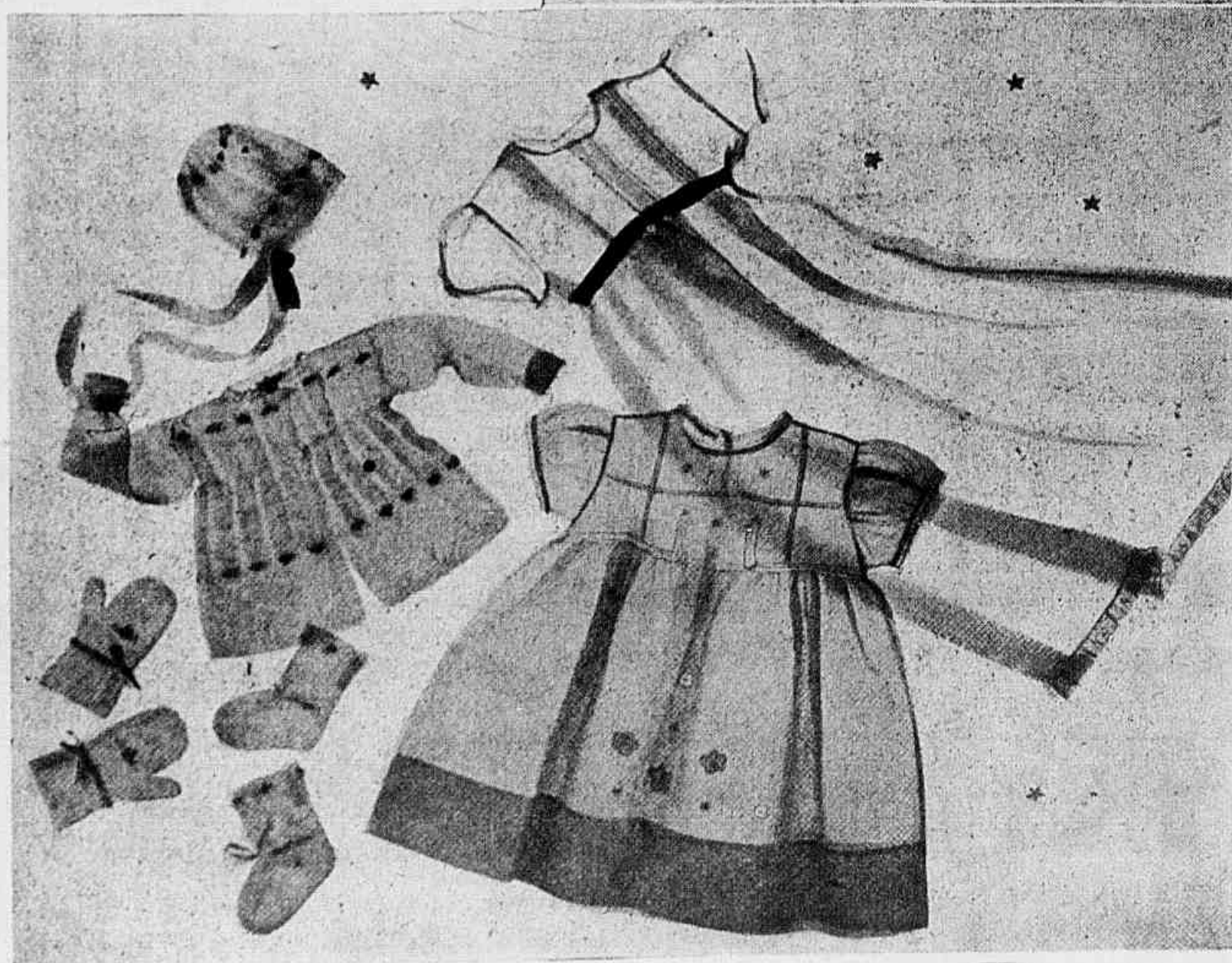
A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

PARA O ENXOVAL DO BEBÉ

Para muitas mães, o presente de Natal deste ano será talvez um bebê de verdade, para inveja dos outros irmãozinhos.

Nessa previsão, aqui temos um lindo vestido de renda, para o batizado e dois outros vestidinhos, um longo e outro curto, acompanhados de algumas peças de tricot, para as manhãs mais frescas.



ALMANAQUE EU SEI TUDO Para 1943

Já se encontra à venda
o Almanaque "Eu Sei
Tudo" para 1943.

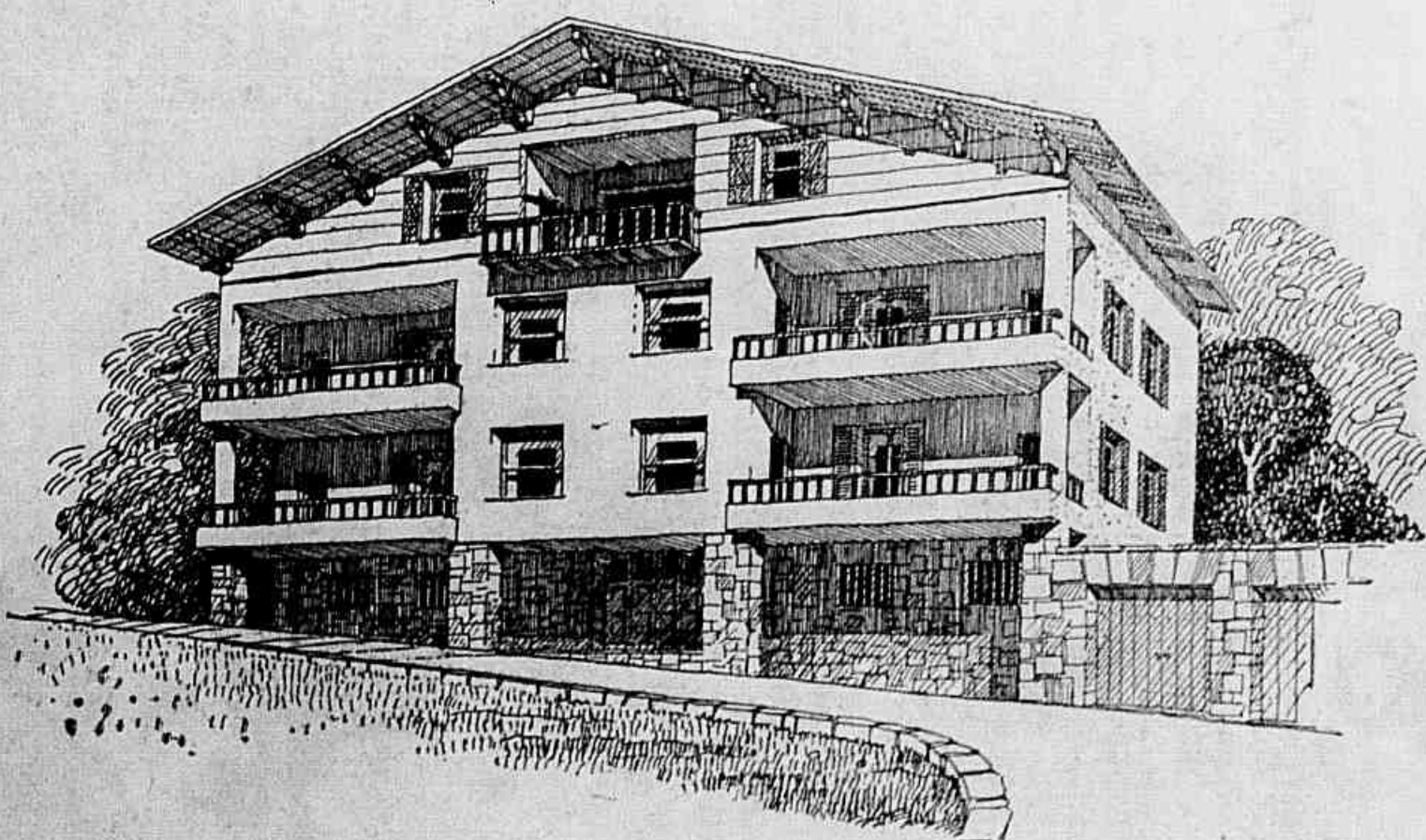
Edição ampliada e melhorada.
Maior numero de paginas.

Façam pedidos à redação do
Almanaque "Eu Sei Tudo" — Rua
Visconde de Maranguape, 15. Rio.

Como projetar sua casa

Casas de apartamentos já andam por Petropolis. E, realmente, não ha como impedir, se elas resolvem um tipo de habitação que melhor se ajusta ao padrão da vida atual. E' mais pratico sob varios pontos de vista e está mais ao alcance das possibilidades economicas do veranista. Mas terá a linda cidade serrana de se submeter á presença desses monstros de concreto armado ou podemos acreditar nos recursos da arte no sentido de tornar atraente aquilo que nos parece rebarbativo?

Paizes europeus de regiões montanhosas, especialmente aqueles procurados por turistas nas imediações dos Alpes — Suissa, França, Italia (no Tyrol) — têm dado exemplos da construção desses casarões, sob a forma



MOBILIARIOS PARA APARTAMENTOS

A Fábrica de Moveis "Lamas", expõe em seu grande mostruario anexo às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema de escassez de espaço, sem prejuizo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo também em alguns casos, facilidade de pagamento. Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruario anexo à fábrica.

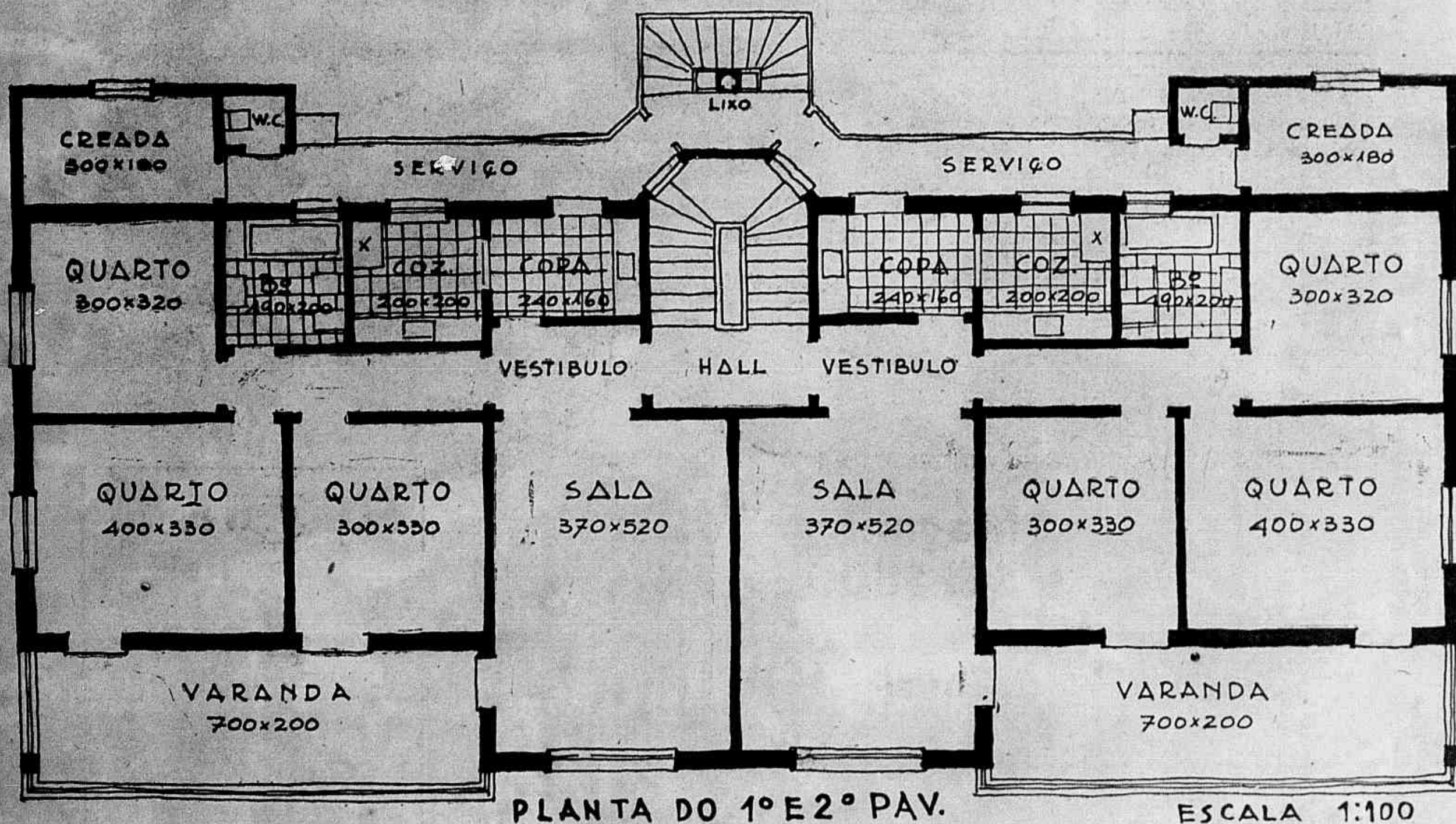
de hotéis, casas de saúde ou mesmo de apartamentos, mas subordinados a uma arquitetura que os apresenta pitorescos, alegres e convidativos, — sem que ali sejam empregados materiais diferentes daqueles nossos conhecidos: cimento, ferro, madeira e tijolo.

O caso que publicamos refere-se a um edificio de apartamentos destinado a uma familia de cinco membros, e, portanto, com cinco residencias. Projéto do arquiteto Angelo Bruhns.

"REVISTA DE ESTATISTICA E DIVULGAÇÃO"

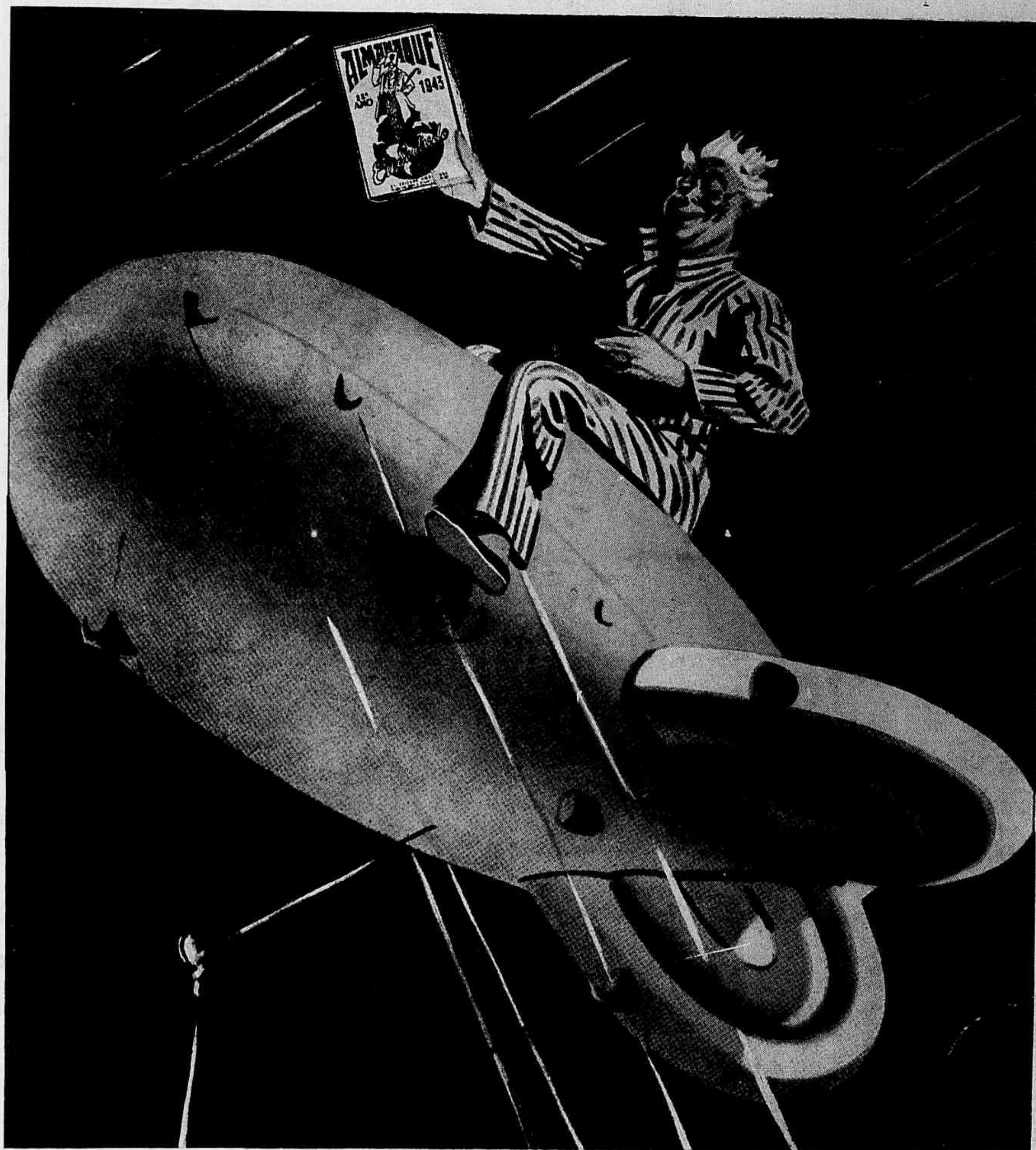
Recebemos o número 5 do ano I da REVISTA DE ESTATISTICA E DIVULGAÇÃO, do Município de Salvador, (Bahia), da qual é diretor o sr. J. Nivaldo Allioni, redator-chefe o sr. A. Loureiro Silva e secretário o dr. Batista Vieira.

Edição da Diretoria Municipal de Estatística, iniciativa realmente interessante, traz o número em causa artigos uteis muito bem ilustrados.



CASA DE SAÚDE DR. EIRAS

CIRURGIA — PARTOS — NEUROLOGIA — PSIQUIATRIA: Apartamentos, quartos, enfermarias
Rua Assunção 10 — Botafogo — Fone: 26-5900



Magnifica a edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943. Calendarios, informações uteis, curiosidades, contos ilustrados, muitas paginas coloridas, historia e literatura, etc. etc. Está á venda em todas as livrarias e bancas de jornaes do Brasil.

Redação: Maranguape, 15 --- RIO DE JANEIRO
Pedidos á redação pelo serviço de reembolso postal ou mediante vale do Correio.
PREÇO: Cr \$8,00.



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

A economia da Rússia europeia, de que damos uma síntese no mapa que ao lado reproduzimos, não pode ser facilmente aquilatada, dada a falta de informações seguras e modernas vindas do vasto país da Europa oriental. Os dados que daremos em seguida foram colhidos em *The World Almanac* para 1942.

A produção carbonífera russa em 1940 foi de 467 mil toneladas; em 1937 essa produção fôra de 370 mil toneladas. A produção petrolífera em 1940 foi de 98 mil toneladas (86 mil em 1937). A produção de ferro foi de 47 mil toneladas e a de aço de 59 mil toneladas, no ano de 1940. A produção industrial, em rublos, foi a seguinte: em 1937: 95 bilhões e 500 milhões; 1940: 137 bilhões e 500 milhões; 1941: 162 bilhões.

A maior parte das riquezas minerais russas e os jazigos de maior valor se encontram nas regiões montanhosas do Cáucaso, dos Urais e da Ásia Central, assim como a grande riqueza agrícola vem das vastas planícies que são os vales dos grandes rios da Rússia Europeia, e a caça e a pesca são devidos aos grandes bosques que bordejam as tundras da região norte do país. Como se poderá ver no mapa, a região ocidental da Rússia europeia é caracterizada pela grande indústria agrícola e têxtil, e a região oriental pela indústria metalúrgica. As grandes jazidas de ferro, cobre e ouro se encontram nos Urais; as jazidas petrolíferas, carboníferas e de manganês se encontram especialmente no Cáucaso; a região ucraniana é rica principalmente em carvão e ferro. Cumpre notar, entretanto,

que o ferro e o carvão se encontram juntos em quase todas as regiões caracterizadas do imenso território russo: nas cercanias do lago Onega, nos arredores de Moscou e Tula, no vale do Dnieper (região de Kiev), no vale do Donetz (região de Dnepopetrovsk), no vale do Don, no Cáucaso, nos Urais, no Turquestão, na Mongólia do Norte e na região de Vladivostok.

O plano de industrialização da Rússia, que foi levado a cabo nos últimos dez anos, deu lugar ao surgimento de um sem número de cidades novas, construídas em regiões onde fosse fácil a aquisição de energia hidráulica e que possuíssem minérios de fácil exploração. Houve uma grande tendência para um maior desenvolvimento do emprego da energia elétrica, energia essa conseguida a baixo preço nas proximidades das grandes represas construídas nos rios e canais. Presentemente apenas uma nação europeia pode ser comparada à Rússia em índice de industrialização: a Alemanha. Cumpre porém frisar que a Rússia criou o seu parque industrial para dar emprego à sua indústria extrativa e agrícola, ao passo que o parque industrial germanico depende da matéria prima importada do estrangeiro.



ALBERTO LIMA - DES.

"REVISTA DA SEMANA" 1942

LEGENDA

- Bacias carboníferas
- ▨ Jazidas petrolíferas
- Ferro
- ◆ Cobre
- ▨ Mercurio
- ◆ Ouro
- ◆ Platina
- ▲ Manganês

- Salinas
- Indústria Metalúrgica
- Instalações elétricas (vapor)
- " hidro-elétricas
- Industrias têxteis
- " agrícolas
- " de madeira
- + Caça
- ⚓ Pesca

A POTENCIA NAVAL dos ESTADOS UNIDOS

Es aqui um gráfico a cores que apresenta a Marinha mais poderosa do mundo. As informações, compiladas de fontes oficiais, mostram os navios já construídos para a frota dos Estados Unidos, os que estão em via de construção, e os que já estão traçados. Não podem ser revelados os detalhes correspondentes aos que estão em projeto.



COURAÇADOS — No momento em que rebentou a guerra, os Estados Unidos tinham 21 couraçados nos dois oceanos; 4 em vias de construção e 7 traçados. Os números de 1 a 32 assinalam essas belonaves. A tonelagem dos couraçados varia de 26 mil toneladas a 35 mil. Cumpre notar que o "Illinois", o "Kentucky" e o "Montana", atualmente traçados, serão provavelmente de 58 mil toneladas.

PORTA-AVIÕES — A marinha americana tinha, quando tiveram início as

hostilidades, 7 porta-aviões em serviço, 4 em construção e 7 traçados. Desses navios de guerra os maiores (o Lexington, afundado no mar de Coral, e o Saratoga) têm 33.000 toneladas; o tipo comum americano é de 26.000 toneladas.

CRUZADORES — Estavam em uso 36 cruzadores, sendo 18 ligeiros e 18 pesados; outros 9 estavam em construção e 45 traçados. (São de cruzadores as duas filas logo acima dos porta-aviões).

DESTROYERS — Os "destroyers" americanos no mar, no início da guerra,

eram em número de 168, sendo que 46, por serem antiquados, foram convertidos em canhoneiras, patrulheiros, planta-minas, etc. 18 outras unidades estavam em construção e 178 traçadas. (São de "destroyers" as cinco filas que se seguem aos cruzadores).

SUBMARINOS — As unidades desta natureza em uso eram em número de 111. Quatro outras estavam em vias de construção e 65 traçadas. (As duas filas que se seguem aos destroyers são de submarinos).

NAVIOS AUXILIARES — A marinha "yankee" é suplementada por centenas de navios de combate menores e outros auxiliares, tais como navios aprovisionadores de hidro-aviões e de submarinos, barcos planta-minas e roçadores de minas, navios transportes, navios-oficinas, navios-mira, navios de treinamento, de salvamento e hospitais, caça-submarinos, torpedeiros, navios-patrulha, navios de munições e petroleiros, navios de carga, etc. Estão em construção centenas de barcos dessa natureza. (São deles as filas que se seguem aos submarinos).

Chave: os navios em cor cinzenta são unidades em uso (no momento em que teve início a guerra); os em laranja têm sua construção em vias de conclusão, e os em cor azulada estão traçados ou com a construção apenas iniciada.



A BATALHA DE STALINGRADO

Que os russos sabem lutar e que são mestres na defesa de uma praça forte já ninguém o ignora, desde a famosa batalha de Moscou, que foi a primeira desilusão séria de Hitler. O que não parecia crível, porém, a um leitor de jornais, que, se não está ao par dos segredos da técnica militar, pelo menos tem a mão um punhado de fatos recentes e vivos, é que uma cidade situada numa planície, sem defesas naturais, pudesse resistir a uma série de ataques por parte das armas de choque mais modernas. E' natural que em tais circunstâncias os sitiados lutem sempre na desvantagem: não possam dispor de auxílios com a presteza que os atacantes têm no reforçar as suas linhas, e a pequena extensão da frente de batalha não lhes permitirá sequer usar da técnica do contra-ataque para perturbar a ação principal do inimigo.

Em Moscou, a vastidão da frente, a região pantanosa que obrigava as unidades motorizadas a usarem as rodovias (o que aumentava a eficiência das armas anti-tanks, principalmente das minas), a independência de que os russos gozavam para contra-atacar, e outras circunstâncias, como seja a possibilidade que tinham os atacados de renovar e abastecer as suas tropas com mais presteza que os atacantes — tudo isto pôe o sucesso da defesa de Moscou dentro do viável. Se nos admiramos tanto naquela época, é que a propaganda do dr. Goebbels até certo ponto nos fizera crer na impossibilidade de que as primeiras batalhas deixaram os russos de resistir eficientemente a um choque em grande escala do exército alemão.

Stalingrado é um fenómeno diferente. E' um caso à Verdun. E a ninguém ocorreria pensar na repetição de Verdun numa guerra que deixou patente a expugnabilidade de todas as fortalezas. Para que possamos compreender o fenómeno Stalingrado, precisamos começar levando em conta que não se trata de uma cidade à nossa maneira. Sabemos que os alemães começaram a batalha ao seu jôito classico (metodo há dois anos grande novidade e hoje classico): bombardeando sistematicamente com a aviação todas as posições russas. Durante muitos dias divulgou-se que mais de mil aviões estavam tentando inutilizar todas as defesas da cidade. Mas Stalingrado não se destrói assim, porque é uma cidade praticamente toda de cimento e ferro. Os seus edifícios não coem facilmente e são difficilmente inflamáveis — e quando coem se transformam em perfeitissimas casamatas e obstáculos anti-tanks. Que arma é mais eficiente contra um tank que um pilar de cimento armado? Eis porque a ação da aviação, que não conseguiu incendiar a cidade, foi praticamente nula, e porque a eficiência do emprego de tanks dentro do perimetro urbano de Stalingrado só tem dado dor de cabeça aos alemães. Que resta então fazer? Tomar a cidade com assaltos de infantaria, isto é: casa por casa, morosamente, à maneira antiga. E' o que vêm tentando os alemães nos ultimos vinte dias. Ora, justamente isto desejavam os russos: uma batalha longa, de desgaste, que obrigue a suspender a atividade nos outros fronts, que permita a chegada do inverno sem mais novidades.

Este mapa expõe a situação da Europa após três anos de guerra. As setas mostram o sentido do avanço alemão. Na Africa está assinalado, em Tobruk, a última ação dos comandos. Na Alemanha está pontilhado o trevo sob bombardeio inglês. Na Jugoslavia vê-se destacada a região onde operam os guerrilheiros.

A detailed map of the Soviet Union (USSR) and surrounding regions. The map shows the Arctic Ocean (OCEANO GLACIAL ARTICO) to the north, the Baltic Sea (MAR BRANCO) to the northwest, and the Black Sea (MAR NEGRO) to the southwest. Major cities like Moscow, Leningrad, and Stalingrad are marked. The map also shows the Caspian Sea (M. KALAKASPIO) to the south and the Persian Gulf (PERSIA) to the southeast. Rivers like the Volga, Dnieper, and Don are labeled. The map includes a legend for navigable rivers, canals, and first-order and secondary railways. A scale bar indicates distances up to 400 km.

Assim o canal Marinski ligando o Neva ao Volga, na altura de Ribinsk, possibilita a ligação do Báltico ao Caspio. (Pode-se sair de Leníngrado em um navio, atravessar toda a Rússia e atingir Astrakan, no Mar Caspio). A cidade de Moscou, por sua vez, está ligada ao Báltico e ao Caspio: um canal de 80 milhas de comprimento a põe em ligação com o leito do Volga. Esse sistema de canais seria completado com a ligação Volga-Don, que estava em andamento quando adveio a guerra. Através das 60 milhas de terras planas que separam os dois grandes rios russos, à altura do cotovelo do Don, os engenheiros soviéticos estavam construindo um canal com duas barragens. Este canal estabeleceria ligação entre o Mar Negro, o Caspio, o Báltico e o Oceano Ártico.

 Rios navegáveis
 Canais
 Estradas de Ferro de 1ª ordem
 " " " secundárias

0 200 400 Km.

ALBERTO LIMA - DES

"REVISTA DA SEMANA" 1942